

# REVISTA DA SEMANA

Ano XLV - - - N.º 21 - - - Cr\$ 1,50 em todo o Brasil - - - 20 de Maio de 1944



No texto!

**STALIN**  
O HOMEM  
DE AÇO

Alzirinha Camargo  
e o samba na America



## — O RELÓGIO QUE ACOMPANHA TODAS AS ATIVIDADES HUMANAS



### Permite movimentos bruscos porque é ③ PARA-CHOQUES

FEITO especialmente para acompanhar o dinamismo da vida moderna, MIDO-MULTIFORT — a maravilha do gênio mecânico — é o relógio preferido por todos os que se dedicam à prática de esportes ou atividades que exijam rapidez e ação porque suporta os mais violentos choques, quedas e atritos e está perfeitamente imunizado contra acidentes, graças à sua excepcional qualidade para-choques. Além disso, MIDO-MULTIFORT dá corda a si mesmo, acompanhando o movimento natural do braço, porque é automático; possui 17 rubis o que lhe assegura uma precisão duradoura e representa o máximo de perfeição alcançada na categoria dos relógios automáticos.

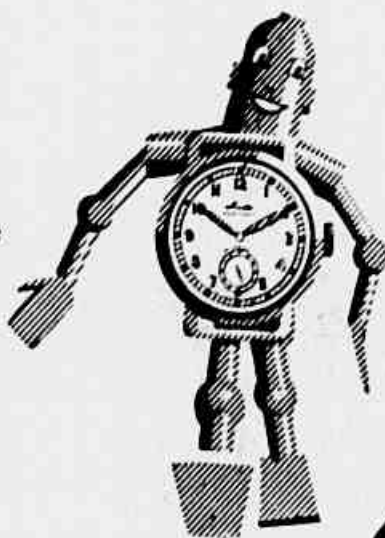
Em elegantes modelos de ouro, aço inoxidável ou folheado — para senhoras e cavalheiros — tendo a garantia de suas qualidades gravada na própria caixa, MIDO-MULTIFORT é o relógio que V. pode usar a qualquer momento, sob as mais variadas circunstâncias e em qualquer campo de atividades ou profissão, com a mais absoluta eficiência e segurança. Limitada quantidade de relógios à venda.

- ① - IMPERMEÁVEL.
- ② - INOXIDÁVEL.
- ③ - PARA-CHOQUES.
- ④ - LUMINOSO.
- ⑤ - PRECISO.
- ⑥ - ANTI-MAGNÉTICO.
- ⑦ - AUTOMÁTICO.

Standard

*Mido*  
**MULTIFORT**

Relógio Suíço com 17 rubis



O RELÓGIO MARAVILHOSO DAS 7 QUALIDADES EXTRAORDINÁRIAS





# BOTAFOGO E O VELHO PREFEITO

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

**O**BRIGADO a abandonar aquele sombrio pardieiro da Praça da Republica, hoje em demolição, a que se tem dado, por exagero arquitetônico, o nome de Palácio da Prefeitura, o velho Pereira Passos viu-se diante do mesmo problema que preocupa a tanta gente do Rio — isto é: encontrar habitação.

Pertencesse ainda a este mundo e não fosse apenas uma sombra gloriosa, talvez não descobrisse a solução procurada. Mas, como o extraordinário Prefeito é agora somente uma pequenina estátua de bronze, não se lhe tornou difícil resolver o caso. Os bustos partilham com os passaros e os vagabundos o privilegio boêmio de morar nos jardins. E apesar de tudo ainda existem alguns jardins nesta cidade.

O velho Passos escolheu o de Botafogo e creio que fez muitíssimo bem. São poucas as flores, mesquinhas as arvores, mas não se poderia exigir vista mais linda. Não obstante os ultimos aterros, que tanto sacrificaram da sua graça, a enseada paradisíaca é o que há de mais belo por aqui. Não sendo a maior, constitue, sem duvida, a maravilha mais delicada e mais harmoniosa do Rio. No cenário de ciclópicas arquiteturas, em que as montanhas se agigantam como personagens petrificadas de um drama telúrico, a obra-prima em miniatura da praia, a sorrir dentro da luz, não é só uma delícia, mas também um sossego para o olhar. Abrandam-se as asperezas circundantes ao seu contacto macio, suavíssimo. Tudo que é força transfigura-se em leve encanto. As formas brincam na alegria da natureza, que volta a cultivar os modelos helenicos. Na desmesurada vastidão das paisagens tropicais, as suas linhas se desenrolam justas, como ensinando ao quadro bárbaro a medida clássica. No panorama de esplendores violentos Botafogo conhece e espelha a perfeição serena.

Foi por isso, com certeza, que o grande urbanista amou tanto em vida aquela doce curva de mar. Queria transformá-la num ambiente de festa, de encontros amáveis, de ingenuos prazeres. Ali organizou batalhas de flores, promoveu cursos de carruagens, em

que ele proprio costumava aparecer com a sua carrancuda sobrecasaca, para dar mais desembaraço á gente ainda bisonha que se resumia aos passeios apertadissimos pela Rua do Ouvidor, sem muito geito para as tentativas de Riviera que o homem infatigavel lançava á beira da Guanabara. E, se os elegantes não souberam aproveitar a idéia, as crianças e, os namorados, pelo menos, tomaram conta da enseada. Na sua imagem de bronze, o velho Passos vai assistir a muita travessura. Sobretudo, vai escutar muito segredo apaixonado...

Porque o amor, o doce amor, vive em Botafogo, instalado nos bancos do jardim, múltiplo, numeroso, porem sempre igual a si mesmo, ainda hoje como era nos antigos tempos. Não é, de certo, o amor sombrio e soluçante das crises emocionais, dos grandes êxtases, das longas amarguras românticas, amor shakespeareano agora degenerado em novelas de rádio. Mas também não é o amor cabotino e esportivo da Miami pobre que se esconde alem do Tunnel, amor de formas pagãs amorenando na areia, sorvendo aperitivos nos bares americanizados, com a sua falsa expressão boêmia que não lembra cabarés de Paris, mas *drugstores* da California. Nem é tampouco o amor estudantil e caixeiral, um tanto sub-alimentado, que desemboca das pensões do Catete para *flirts* ambulatórios no Flamengo. É um amor todo especial, próprio de Botafogo, manso como a enseada, e com esse toque de graça fora de moda, entre aspectos modernissimos, que só ali se vê.

Botafogo começa a amar ao cair das tardes, quando as crianças vão deixando a praia e aos seus ruidosos brinquedos sucede o enternecido resmungo sentimental dos pares inumeraveis, alinhados nos bancos, desde a curva do Mourisco à dobra do Morro da Viuva, sempre com essa tristeza parada que marca os sinceros idílios brasileiros. A noite desce, as luzes se acendem, a sombra cái consoladora sobre o mar, e os namoros continuam murmúros, de mãos dadas, cabeças pendentes sobre ombros protetores, sem noção do tempo que vai correndo. Se é que o tempo corre naquela praia de sonho, em que a propria vida parece imobilizar-se num encantamento de país de fadas...

O velho Pereira Passos teve um grande amor na existencia — a cidade. Foi a sua constante namorada. E é agradável saber que a sua pequenina estatua vai erguer-se no lugar mais bonito da metropole a que ele tanto quis bem. Mas quando se levantará essa estatua? Há mais de um mês que a efígie do Prefeito aparece no chão, entre as pedras que devem servir ao pedestal. E por que havemos de esquecer assim o vulto que sempre se disse ser inesquecível na memoria agradecida dos cariocas?

*N. da R.* — Ao entrar no prélo esta pagina, redigida com a antecedencia costumeira, sabemos que a estatua de Pereira Passos acaba de ser colocada no pedestal.



# A MULHER NA GUERRA E NO

MÃE, MULHER E EDUCADORA, FALA A SRA. TERESITA PORTO DA SILVEIRA, DIRETORA DA ESCOLA TÉCNICA DE SERVIÇO SOCIAL — “EM DISCRETA INQUIETUDE AGUARDO A HORA, O MOMENTO DOLOROSO EM QUE MEU ÚNICO FILHO SEJA CONVOCADO A SERVIR A PÁTRIA, O QUE FARÁ COMO BRASILEIRO DIGNO E CÔNSCIO DOS SEUS DEVERES” — “TERMINADA A GUERRA, NÃO DEVEMOS ESQUECER QUE A NOSSA MAIOR FÔRÇA RESIDE EM NOSSA FEMINILIDADE”.

**D**as valentes e denodadas mulheres de Tejucupapo, Igarapé e Casa Forte, é herdeira Terezita Porto da Silveira, essa pernambucana de fibra retemperada nas ingratas lutas de inovações e inaugurações, no terreno das altas conquistas do espírito avançado da mulher moderna.

Sempre a conheci votada a obras de benefício coletivo, com um alto e sadio cunho de civismo, com o mais nobre e eficiente empenho, e de modo estranhamente desinteressado, dentro de um mundo ávido de renome ou de lucros.

Desde Junho de 1939, sob os auspícios da S.O.S. do Juizado de Menores, com o apoio moral da Reitoria da

Universidade do Brasil e colaboração do Laboratório de biologia infantil, mantém um curso de extensão universitária, por ela fundado, organizado e dirigido, que é a Escola Técnica de Serviço Social, onde a mulher aprende uma profissão-sacerdócio. Muitas dessas “Assistentes Sociais Voluntárias” exercem sua nobre, difícil e utilíssima missão, pelos centros de miséria e abandono, com dedicação apostólica. São as alunas dessa admirável mestra.

Em Atlanta City, em 1941, foi a delegada oficial do Brasil no Congresso ali realizado sobre Serviço Social, e foi dos mais brilhantes membros desse Congresso. Em 1943, convidada a tomar parte no Congresso de Porto Rico, en-

viou seu trabalho por não poder ausentar-se do país.

A Escola Técnica de Serviço Social deve o Brasil a fundação do 1.º Curso de Voluntárias da Defesa Passiva, criado por Terezita quando o nosso país ainda não estava em guerra, num gesto de previdência dum futuro que não tardou a justificar essa antevisão de seu espírito acrisolado de civismo, e coragem física e moral.

Terezita Porto da Silveira foi a primeira mulher brasileira que voou em aeroplano: aqueles incipientes aparelhos de frágeis asas, abertos a fúria dos ventos. “Em dado momento — recordava ela há dias, em palestra in-

tima — estendi o braço para indicar ao piloto (único companheiro da aventura alada) a cidade mergulhada na luz maravilhosa de um dia veranico e quando quiz recolher o braço não consegui, flutuava no ar ao sabor da ventania: a deslocação do ar fazia dele uma tira de trapo; fui obrigada a ajudá-lo com o outro braço, tendo a exquisita sensação de que não me pertencia aquele”. Uma nesga de episódio, dessa vida audaz; audaz e tão feminina na delicada sensibilidade de seus sentimentos e de seu espírito, no encanto de seu porte magestoso, que se torna feminino na bondade e generosa compreensão da vida em sua múltipla e complexa expressão.

A SRA. TERESITA PORTO DA SILVEIRA, A QUARTA DA ESQUERDA PARA A DIREITA, DIRETORA DA ESCOLA TÉCNICA DE SERVIÇO SOCIAL, POR OCASIÃO DE SEREM ENTREGUES OS DIPLOMAS ÀS ENFERMEIRAS DA 3.ª TURMA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL, NA IGREJA DA PIEDADE, QUANDO ALI SE REALISOU IMPONENTE CERIMONIA.





# APO'S GUERRA

## FALA A SENHORA PORTO DA SILVEIRA

**1** — *Como encara o papel da mulher brasileira na hora em que os nossos soldados estão prontos a rumar ao campo da luta?*

— Mãe, em discreta inquietude, aguardo à hora, o momento doloroso em que meu único filho seja convocado a servir à pátria, o que fará como brasileiro digno e conscio dos seus deveres.

— MULHER, seu intrinsecamente, por principio e por convicção, contra guerras, lutas políticas e discussões frutos do egoísmo, do materialismo, da desordem, do desrespeito e do ódio.

— EDUCADORA, incentivo e encorajo as outras mães a cumprirem seu dever para com a Pátria, entregando-lhe seus filhos, corajosas, contritas e resolutas. Por isso encaro o papel da mulher brasileira na hora presente de raro estoicismo, colocando consciente a razão acima do sentimento, a Pátria acima do coração.

**2** *Em sua opinião, que orientação terá a primeira geração de após guerra?*

— As consequências desta luta ímpar na história da humanidade marcarão indelevelmente as gerações futuras. O quadro previsível é trágico, mas os tremendos sacrifícios de hoje talvez para sua redenção, orientem os novos a uma concepção mais espiritualista da existência, o que vale dizer: uma melhor compreensão da vida. A bondade, a fé, o respeito ao direito e à lei, à liberdade e à justiça deverão substituir o materialismo e a incredulidade que estão assolando o mundo.

**3** *Nas artes, nas letras e em todas as atividades materiais, acha que a mulher terá participação mais destacada no novo mundo de após guerra?*

— As contingências nos obrigaram a revelar ao homem o de que somos capazes. Para substituir os que vão para o campo da luta a mulher se demonstrou capaz não escolhendo atividades nem receiando os postos, mesmo aqueles que pareciam incompatíveis com a nossa suposta fragilidade. Em todos os setores de atividade humana, culturais, artísticos ou não, nas missões mais delicadas como nos trabalhos mais asperos, não fracassamos. O que é necessário é que, terminada a guerra, não esqueçamos que a nossa maior força reside na nossa feminilidade, e que a nossa mais alta função é sermos educadoras, quer como mãe, esposa, filha ou irmã.

**4** — *E no terreno sentimental?*

— Membro espirituais da grande família universal, devemos todos, fortes e fracos, vencedores e vencidos abraçar-nos fraternalmente, sem esquecer as duras e cruéis experiências recebidas através da guerra e da parte de culpa que nos cabe pela nossa imprevidência e falta de senso de responsabilidade na educação de nossos filhos ou de nossos subordinados. Contemplamos penalizadas as consequências de uma educação sem peias e mal orientada em que o mundo convulsionado se agita. A cortesia, o cavalheirismo, os punhos de rendas e os gestos de reverência que denunciavam o espírito, a graça, a inteligência e a superioridade do homem de outras épocas foram substituídos lamentavelmente pela grosseria de atitudes, pelo desrespeito e desconsideração. Retroagimos por culpa nossa, exclusivamente nossa. A mãe de hoje deve estar sentindo a falha de assistência dada aos seus filhos, essa assistência e educação que dos nossos ancestrais recebemos. Oxalá que o após guerra seja para as futuras mães uma lição bem aproveitada, e que ela saiba educar e encaminhar a nova geração, para uma vida mais elevada, evitando novas guerras e terríveis hecatombes.



TEREZITA — nasceu em Pernambuco, na Fazenda Tabatinga, sendo filha do Cel. Leopoldino Cezar de Souza Moraes e D. Theresa de Jesus Cavalcanti de Moraes.

Fez os seus estudos primários com professores particulares completando seus estudos no Colégio Eucarístico, de Recife.

Casou-se, em Recife, com o jornalista e escritor Dr. Alberto Porto da Silveira de cujo consorcio houve um único filho, Roberto, já diplomado em ciências jurídicas e sociais.

Transferindo-se para o Rio de Janeiro em 1916, desde logo dedicou-se às obras assistenciais sendo colaborado em várias delas entre as quais a "Liga dos Cegos", a "Casa da Criança", a "Pró-Matre", a Cruzada N. de Educação, a "Liga contra a Tuberculose", a "Casa da Mãe Pobre", "Casa de Lucia", o "Instituto do Povo", S. O. S., Sociedade Brasileira de Puericultura e Instituto Claparède, sendo Diretora do Serviço Social dos dois últimos.

Redigiu durante anos a seção feminina do matutino carioca "A Epoca", sob o pseudônimo de "Severa" e escreveu no Diário da Tarde de Curitiba.

Com viva sensibilidade artística admira as belas artes, a música, o canto e a poesia.

Em companhia de sua família percorreu todo o Brasil do Acre ao Rio Grande do Sul, tendo várias vezes visitado o Uruguay e a Argentina.

Visitou ainda a França, a Bélgica, a Suíça, a Holanda, a Alemanha, a Inglaterra, a Itália, Portugal, e os Estados Unidos por vezes, Canada e México, sendo aí hóspede do governo.



# Petrolina



antisséptico  
adstringente  
bactericida

O produto preferido pelas  
senhoras modernas para a  
sua HIGIENE INTIMA.

## PETROLINA MINANCORA

### O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir  
da longa vida...  
dos Cabellos,

REVIGORA  
PERFUMA  
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,  
QUEDA DOS CABELOS  
e demais Afecções do Couro Cabeludo

# Livros

## QUE VENHAM [OS] MAGICOS

Qualquer pessoa que se detenha, hoje, diante de uma vitrina das nossas livrarias dificilmente podera' furtar-se a cogitações alarmantes sobre o destino da literatura em face da verdadeira nevrose de escrever que se observa.

Diante das pilhas de livros que dia a dia se tornam mais altas, chegamos a temer uma nova espécie de cataclismo universal, uma espécie diferente de dilúvio, em que toda a terra e a humanidade inteira se veriam soterradas sob uma aluvião de folhas impressas. Uma catástrofe produzida pela "scribendi sacra fames".

Vendo uma dessas lojas temos a impressão de estar a humanidade atualmente dividida em dois grandes grupos, mais ou menos equivalentes em numero e em qualidade: o dos que escrevem e o dos que lêem.

A letra de fôrma se vulgarizou. Antigamente apenas uma elite privilegiada podia apresentar suas ideias em livros impressos. Um certo exoterismo vedava aos não iniciados utilizarem-se desta fórmula mágica.

Os livros tinham qualquer coisa de sagrado, de sobrenatural.

A letra de fôrma era uma espécie de tabu' e só aos iniciados, aos sacerdotes era dado violar o seu totem.

Mas um belo dia, ou melhor, um dia fatídico, um ousado descobriu que nenhum castigo lhe seria imposto pela violação. Ainda assustado, escreveu o seu livréo e mandou imprimi-lo. Ali estavam as suas idéias em letra de fôrma. Elas seriam também expostas na vitrina de uma livraria. O povo que passasse iria lêr o "seu" nome na capa do "seu" livro.

Ruira fragorosamente o tabu'. Tudo era uma questão de ter dinheiro. O caminho estava aberto. Logo chegou outro, mais outro, e foram constatando que tudo aquilo era mais simples do que se pensava. As turbas precipitaram-se então num verdadeiro delírio iconoclasta. Estavam derrubados os ídolos. Qualquer um podia escrever.

A onda dos escrevinhadores sobe assustadoramente ameaçando a parte cada vez mais reduzida da humanidade que apenas lê.

Os livros, os opusculos, os folhetos surgiram em quantidade espantosa, de todas as côres, de todos os tamanhos, de todos os feitios.

As publicações sucedem-se continuamente.

A cultura, ou melhor, a falsa cultura se espalha apenas em superfície, alastra-se como herva daninha, a' medida que vai perdendo em profundidade. Hoje todos entendem ou pensam entender de tudo: qualquer pessoa do povo conhece mecânica, astronomia, filosofia, medicina, discute, dá' opiniões, sentença com a segurança de quem nunca tivesse feito outra coisa durante toda a vida.

Escreve-se apressadamente e lê-se ainda mais apressadamente, pois é preciso escrever e lêr muito. A ciência é deglutida em pilulas sintéticas, numa viagem de bonde, entre o café e a papelada a assinar na repartição.

O mal dessas pilulas, cheias de vitaminas científicas, é que a ciência fica deformada e comprimida, causando, apesar das doses pequenas, verdadeiras indigestões intelectuais.

Evidentemente ha' em tudo isso um artificialismo prejudicial. Ha uma inversão na ordem das coisas. O povo não sóbe a' cultura. Esta é que desce a ele, deturpada e estropiada.

E' a falsa cultura, tão prejudicial.

Alguem disse que "é preciso conhecer poucos autores e muito os autores". Ora, estamos vendo justamente o contrario. Hoje se conhece e cita todos os autores sem conhecer verdadeiramente nenhum.

Não ha orientação. Em literatura, atualmente, podemos dizer, com Machado de Assis, que a confusão é geral.

Todos escrevem. Todos teem mensagens importantíssimas e decisivas para transmitir ao mundo. Fazem-se descobertas maravilhosas, metodos praticos e infalíveis de fazer amigos, de conquistar a mulher desejada, de fazer fortuna rapidamente. Houve mesmo quem afirmasse saber onde esta' o dinheiro — enfim, uma verdadeira magia negra da literatura, faz sentir-se em todos os setores...

A humanidade parece estar possuída de um "delirium scribendi". Os calhamasos se multiplicam assustadoramente. Os livros são comprados, não pelo que possam conter, mas pelo numero de paginas escritas. E' preciso escrever muito, mesmo sem dizer nada.

Os livros, acumpliciados com o cinema, teem a sua móda como as roupas de côres berrantes, os chapéus extravagantes e os sapatos de multiplas sólas.

Não ter lido o romance tal, de oitocentas e tantas paginas, recheado de descrições idióticas e de personagens inúteis e vazios, sem expressão, puramente físicos, não ter lido esse romance é uma verdadeira vergonha entre as damas elegantes desmioladas, as meninas "grã-finas" e os moços bonitos da Cinelandia, proprietarios de um lindo cachimbo, um bigodinho e um sapatão de jacaré.

Os verdadeiros escritores não precisam de uma legião de personagens para transmitirem suas idéias.

Ibsen concentrava um mundo em três ou quatro personagens.



# Nova

A objetividade do cinema americano viciou certa classe de leitores, que não procura nos livros idéias mas apenas ação.

Mas, assim como não é possível transportar para a tela certas sutilezas psicológicas, também não se poderá meter num livro, sem prejudicá-lo, o movimento de um filme.

A versão cinematográfica de certos livros e o lançamento de edições luxuosas simultaneamente com filmes, para efeito de propaganda e venda, acostumaram-nos a confrontar livro e filme.

E o fato é que sempre um ou outro sai prejudicado no confronto.

A letra de fôrma é uma arma terrível. Muito sangue já foi derramado porque um homem habil soube, escrevendo um livro, excitar a imaginação das massas e levá-las para onde deseja. O "Mein Kampf", eleito à categoria de bíblia de um povo, é um exemplo.

A imprensa é como esses gênios poderosos mas submissos das Mil e Uma Noites que ficam inteiramente à mercê do seu amo.

Tudo depende do modo como o Aladino resolve utilizar-se da sua lâmpada maravilhosa. Quando o possuidor da lâmpada resolve utilizá-la para fazer o mal, uma verdadeira catástrofe pôde ameaçar a humanidade.

Como na alegoria do Aprendiz do Feiticeiro, os aprendizes dos verdadeiros escritores, aproveitando-se da sua ausência momentânea, resolveram utilizar-se da fórmula mágica, pensando com ela conquistar o mundo. Logo as letras iniciaram uma sarabanda macabra, produzindo toda a sorte de distúrbios, de funestas consequências. Aterrorizados, eles perceberam que não conhecem a fórmula capaz de sustar o desastre. Um grande perigo nos ameaça. Parece que toda a humanidade se deixa dominar pela volúpia de escrever e não consegue dominar-se. Seremos transformados numa louca farandula de rabiscadores.

Urge a chegada providencial dos verdadeiros magos das letras, conhecedores da fórmula capaz de sustar essa nevrose de escrever, trazendo a ordem ao reino das letras.

## REGISTRO

CADERNOS. Biblioteca da Academia Carioca de Letras.

Recebemos este numero com um estudo sobre a figura de Vicente Licínio, sob o título "O Super Humanismo de Vicente Licínio" (Notas para um ensaio). O ensaio é do acadêmico Vicente Goicochea, que o apresentou por ocasião da sua candidatura à cadeira patrocinada por Vicente Licínio, o conhecido autor de "Filosofia Da Arte" e de "Maracás". Acha-se também aqui, inserto o estudo feito pelo mesmo escritor, e apresentado na passagem do primeiro decênio da morte de Vicente Licínio.

Ainda no mesmo numero encontramos um estudo de Jônatas Serrano e outro de Virgílio Correia Filho.

PUBLICAÇÕES. Academia Carioca de Letras. Relato do 2.º Semestre de 1943. Rio. 1944.

Registramos o recebimento deste boletim da Academia Carioca de Letras.

BOLETIM GEOGRAFICO. Mensario do Conselho Nacional de Geografia. Setembro de 1943.

Recebemos esta publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com informações, notícias, bibliografias e legislação.

NO TEMPO DAS SINHASINHAS. Sergio D. T. de Macedo. Rio. 1944.

Retrospecto do Brasil colonia em que são estudados os costumes e apresentado o Rio nos tempos coloniais.

A CIDADE DOS BRINQUEDOS. Marina Tricamo. São Paulo. 1944.

Poesias para crianças, em que encontramos muito lirismo, descrições interessantes e conceitos. Marina Tricamo mostra neste livrinho, principalmente, os seus propositos educativos.

HISTORIA DO BRASIL. Mario Sette. São Paulo. 1944.

Recebemos dois volumes de história do Brasil de Mario Sette, um para a terceira e outro para a quarta série do Curso Ginásial. São conhecidos os livros didáticos de Mario Sette nos quais o autor procura despertar os sentimentos de pívimo das crianças brasileiras, mostrando-lhes as paginas gloriosas da nossa história.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues



-SERVE UM BEM BARATINHO!

Não! Não inicie a liquidação das suas gengivas. Você pagaria milhões para tê-las rosadas e saudáveis. Isto lhe sai mais barato, usando Lever S.R.

-SERVE UM BEM GOSTOSO!



Não! Pão de mel, só na confeitaria! Não, gosto é tudo. Mas um bom dentífrico deve unir ao sabor o poder de proteger os dentes. Lever S.R. tem ambos.



-SERVE QUALQUER UM!

Não! Pegar "qualquer" bonde é correr risco de tomar o errado! Assim, também, na escolha do seu dentífrico. Para garantir um sorriso lindo, peça Lever S.R.



LINTAS SR 106-0100

-Eu uso  
**Lever  
S.R.**

É ASSIM QUE SE ESCOLHE!

Que dentífrico completo! E' refrescante, gostoso e econômico! E não é só: tem Sódio-Ricínoleato, o poderoso elemento que assegura a saúde das gengivas, mantendo os dentes fortes e bonitos. Eis porque Lever S.R. mantém dentes brancos... mantém os dentes!

MANTÉM DENTES BRANCOS... MANTÉM OS DENTES!

**Dr. SPINOSA ROTHIER**

Membro do Círculo Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3361



# POR QUE SE CANDIDATOU A ACADEMIA?

**"PROCURO A ACADEMIA COM ESPÍRITO AGLUTINADOR, SEM EGOISMO E SEM VAIDADES EXCLUSIVAS", DIZ-NOS O ESCRITOR POVINA CAVALCANTI, QUE FAZ MUITA QUESTÃO DE SALIENTAR A FEIÇÃO DE ALAGOANIDADE DA SUA CANDIDATURA — SI DIÓGENES AGORA PROCURASSE UM HOMEM SINCERO... — SUA OBRA LITERÁRIA E COMO INGRESSOU NAS LETRAS — TRADICIONALISMO OU MODERNISMO? — E A "MAIOR POETISA DO BRASIL", ASSIM PROCLAMADA PELOS CRÍTICOS DA RODINHA, ONDE ANDA? — JÁ SE PENSOU EM DEMOLIR OS EDIFÍCIOS DA BIBLIOTECA E DO MUSEU DE BELAS ARTES... — UMA PERGUNTA TEMERÁRIA: ESPERA SER ELEITO? — AS RESPOSTAS DE UM CANDIDATO QUE JÁ PUBLICOU "TELHADO DE VIDRO" MAS QUE NÃO O TEM.**

**S**e Mestre Diógenes ressuscitasse e resolvesse, de acordo com aquela sua mania de encontrar coisas raras, procurar entre nós, deste falso e artificial século XX, um homem sincero, absolutamente sincero, poderia-mos facilitar-lhe enormemente a difícil tarefa, indicando-lhe, a residência de Povina Cavalcanti. Realmente, neste particular, o nosso entrevistado de hoje é uma autêntica "avis rara".

Não sabemos se é o mais sincero e espontâneo dos homens. Podemos, entretanto, constatar toda a sua espontaneidade, toda a sua sinceridade, numa simples palestra, como a que mantivemos cordialmente, durante duas horas.

Logo que lhe declaramos as razões da nossa visita, e pedimos que nos falasse da sua vida de homem e de escritor, que nos esclarecesse seu modo de encarar a literatura atual em nosso país, não se fez esperar. E' por isso que preferimos não interrompê-lo, ouvindo até ao fim a sua palavra fluente de escritor e de advogado que pensa, e diz exatamente o que pensa sobre os homens e as coisas, sem se preocupar com os benefícios ou aborrecimentos que daí lhe possam advir.

**SURGE A PRIMEIRA EMOÇÃO ESTÉTICA. BUCOLISMO E SENTIMENTALISMO**

— Nasci numa cidadesinha do interior alagoano. Uma velha cidade com a sua matriz muito alvinha, a sua estação ferroviária, duas ou três ruas mal calçadas, um rio cantando nas pedras, noite e dia, e a riqueza de seus montes e serras, tão verdes e floridos que ainda hoje me lembram um crômo de festas.

Ha' uma quadrinha folclórica que dá, assim, com pitoresco e ironia, os nomes de minha distante terra natal.

Macacos foi o meu nome  
Santa Maria adotei.  
Imperatriz me chamaram.]  
União nunca serei.

Cerca-Real de Macacos foi o seu primitivo batismo. Hoje é União dos Palmares, com a importância de uma tradição histórica muito vibrante ainda na crônica da vida nacional. Foi ali a sede da legendaria República, o famoso quilombo dos Palmares.

La' longe, na linha do horizonte, a grimpada da serra da Barriga não chama a atenção de ninguém. A milagrosa capelinha Suéca — suposto nome do guerreiro Zumbi — no lugar onde ele teria sido assassinado na fuga, em vez do decantado suicídio pelo agreste alcantil, é ainda hoje uma atração muito maior.

Pois bem; minha primeira emoção estética foi a do contemplativo e do sentimental, que a poesia desse logarejo tão simples e querido acordou na minha alma.

Quando, hoje, tantos anos depois, me veem perguntar sobre a minha formação literária, sobre o meu gosto, a minha natureza estética, eu dou um mergulho na infância e acho, lá no fundo da memória, o sortilégio dos meus primitivos enternecimentos e das minhas primeiras conversas com os poetas.

Os livros e os autores fizeram o resto. O caldo de cultura foi, porém, o meu rio Mundaú, em cujas margens se debruçavam as galhadas das ingazeiras em flor, os tufo das "baronezas" atalhando a face inquieta da corrente fluvial; a opulenta vegetação das bromélias e os poentes afogueados, colorindo de nuances fantásticas a superfície das coisas, num apelo irresistível a embriaguez do sonho e da poesia.

Não minto se disser que minha aspiração desde menino foi ser escritor. Já contei algures como se deu a revelação da minha vocação literária, associando a leitura de Chateaubriand e de Alencar num imprevisto consórcio espiritual e romântico. Mas, no fundo, o que dominava a minha imaginação era o doce enlevo da minha paisagem natal, com a poesia solta do seu bucolismo e de sua graça matuta.

**AS LETRAS SÃO PERIGOSAS**

Foi tão grande sempre o encanto das letras sobre o meu espírito que perdi um precioso tempo a escrever para jornais e revistas, quando as solicitações materiais da vida me reclamavam a atividade noutros setores mais produtivos, especialmente na advocacia, onde vim, afinal, descobrir rendimento para o meu trabalho tão dispersivo nas efêmeras colaborações da imprensa. Mas não me arrependo do que fiz. Tudo vem a seu tempo. Olho hoje para o passado e sinto que se ia capaz de recomeçar pelo mesmo caminho só para ter o prazer de conservar aceso o fogo sagrado. As letras são uma paixão dominante. Quem nasceu com esta vocação é capaz de todos os sacrifícios para gozar um momento de sua volúpia.

Lembro-me que a primeira vez em que vi publicado um trabalho meu em letra de fôrma, quase morri de felicidade. Naquela tive a sensação exata da imortalidade. Senti-me um triunfador. Eu tinha então 13 anos... Desde esse dia, que vai tão longe, nunca mais esqueci a minha vocação. Outros tê-la-ão mais alta e eficiente: ninguém a tem mais sincera do que eu. Aliás, tenho o defeito de levar a sério as coisas da literatura, tão a sério quanto um estadista deve considerar os problemas da coisa pública. Talvez nasça daí certa incompatibilidade minha com os chamados modernistas, porque eles, ao contrário de mim, procuram de tudo. A literatura modernista, em regra, é humorística. A própria poesia ressent-se disso. E' possível que muitos deles riam por fora para esconder o sofrimento inte-

rior mas, na verdade, é muito difícil a gente saber quando eles realmente estão sendo sinceros.

Veja, por exemplo, a pintura: é o excesso do lídare, do extravagante. Eu não sou contra a evolução, contra o novo, sou infenso ao cabotinismo, ao artifício. Outro dia, Manuel Bandeira me dizia que o meu erro era generalizar, achando que os modernistas faziam blague com a arte. Ele admite a existência dos sincéps. Retruquei, pedindo exemplos. E ele exemplificou, citando o chefe dos blagueurs indígenas: Mario de Andrade.

**E em seguida:**

— Olhe, atente em certos fatos. Lembra-se de um nome, que era apontado como o da maior poetisa do Brasil? Os críticos da rodinha proclamavam a sua glória com uma insistência que fazia desconfiar. Pois não é que nunca mais se falou em Dona Adalgisa Nery, só porque o seu marido perdeu a sua alta posição oficial?

Aconselho a certas notabilidades em pleno cartaz que meditem sobre essa melancólica inconstância dos nossos Aristarcos, e não só deles mas de muita gente boa, que passeia a sua inconstância pelos suplementos domingueiros...

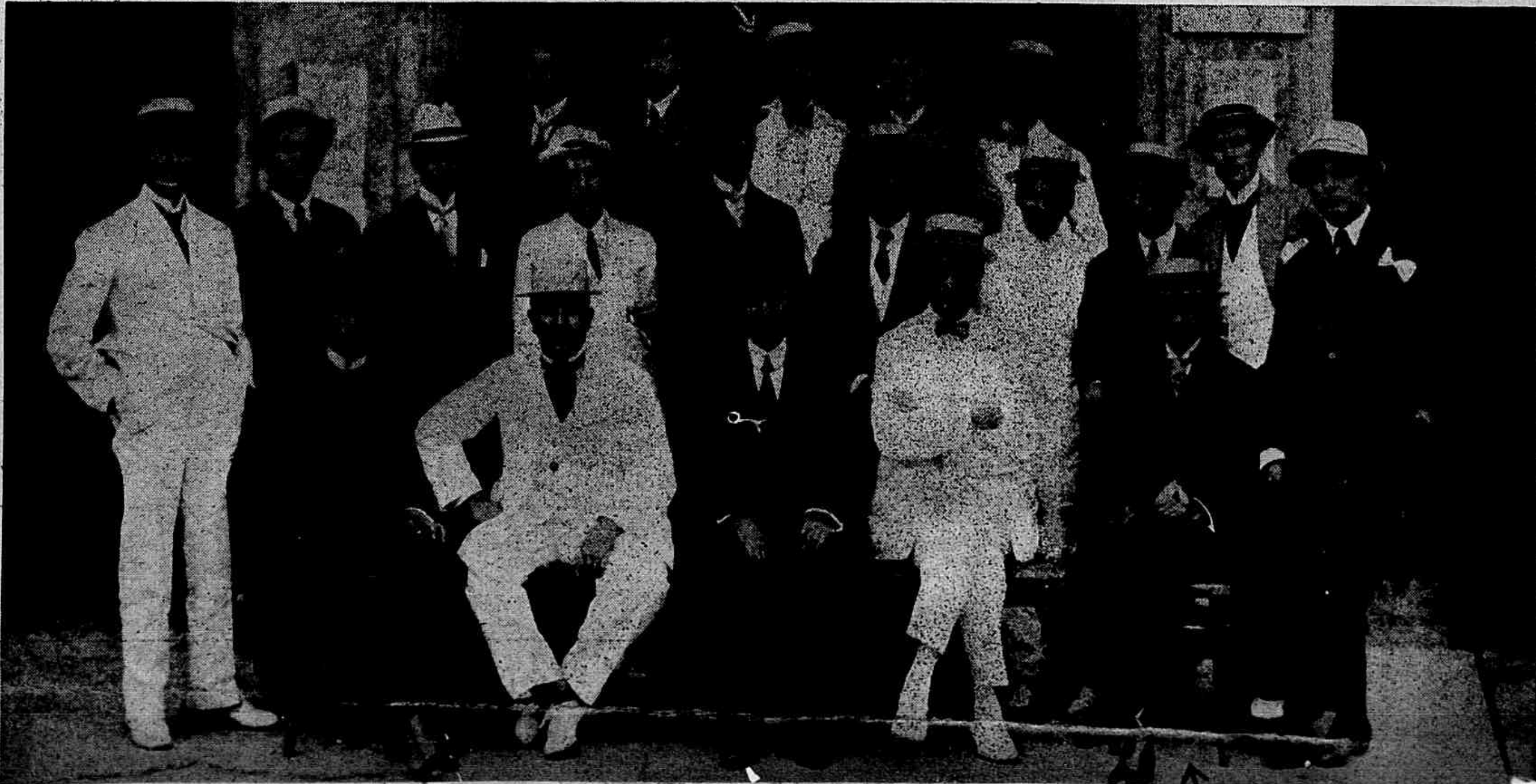
**O ESCRITOR**

— Minha obra literária... Talvez fôsse mais acertado dizer: minha vida literária. Estreei com um livro de estudos — "O Acender de Lampêdes". Poupe-me o constrangimento de lhe mostrar o meu arquivo. Só interessa a mim mesmo; por enquanto o que lhe asseguro é que por essas estreias no gênero entre nós foram tão festejadas. Mas isto é horrível para a gente dizer de si mesmo. Opiniões daqui e do estrangeiro me teriam envaidecido se eu fosse homem dado a esses ridiculos. Publiquei a seguir "Telhado de Vidro", outro livro de estudos. (Entre um e outro saiu um folheto contendo uma conferência sobre a dança.) "Telhado de Vidro" foi tão bem aceito que quase me deu a impressão de ser um livro necessário. Jean Duriau me mandou dizer de Paris as coisas mais amáveis e tencionava dar como prefácio a uma edição francesa de clássicos brasileiros o meu estudo sobre Santa Rita Durão e Basílio da Gama. Na carta, o saudoso Duriau me perguntava se eu não era injusto com Tristão de Athayde. A obra posterior do nosso crítico parece responder melhor do que eu a curiosidade daquele malogrado amigo das letras brasileiras.

Em 1932, a convite da Academia, fiz uma conferência no Petit Trianon sobre Hermes Fontes. Esse trabalho correu impresso em edição de luxo, mandada publicar por um grupo de amigos.

A despeito de ser, apenas, uma conferência, esse ensaio ainda hoje me agrada. Foi feito com muito amor e muita identificação com o assunto: a tragédia do meu inesquecível Hermes.

**UMA PRECIOSA REMINISCENCIA DATANDO DO ANO DE 1919 QUANDO, EM MACEIO, SE FUNDAVA A ACADEMIA ALAGOANA DE LETRAS. A SETA BRANCA, NO TERCEIRO PLANO, INDICA O NOSSO ENTREVISTADO. A PRETA, MOSTRA-NOS, SENTADO, O POETA JORGE DE LIMA.**





Veja o que diz dele Monteiro Lobato, o gigante Lobato, que se a esta hora se candidatasse à Academia, imediatamente eu desistiria em sua honra. (Lobato já é um dos nossos imortais, mesmo sem Academia.) A palavra de Lobato: Li o que escreveste. Qu: lindo como sentimento, como crítica e como estilo! Acho-te uma obra prima de sensibilidade. Povina. E uma enorressima alma. Quem, na sordidia desses nossos tempos, lembra-se com essa intensidade daquele genial coitadinho, é um eleito de Jerus.

O Hermes Fontes hoje me comove dum modo in- crível, agora que lhe fiquei conhecendo a tragédia. Po- brezinho! Temos de adora-lo como a um santo da poesia.

Publiquei depois "Candeia de Azeite", um livro diferente, leve. Crônicas. Quiz que não fosse futil. Teria conseguido?

São instantâneos literarios; aspectos fugaces, mas que deixam no espirito uma lembrança qualquer.

Meu livro, porém, orgânico, porque foi escrito com pensamento amadurecido, é "Ausência da Poesia." Este é um ensaio de verdade. Mas dispenso-me de falar dele, porque é de ontem e ainda o discutem. Trato neste momento de uma segunda edição aumentada, que constituirá uma novidade. Não quero, entretanto, antecipar qual seja para aumentar a curiosidade dos interessados. Finalmente acabo de tirar uma edição fóra do comércio de uma tentativa de perfil de Tavares Bastos, que é patrono da cadeira criada pelo saudoso Rodrigo Otavio. Faço muita questão de salientar a feição de alagoanidade que empresto à minha candidatura. Associo o meu desejo de pertencer à Aca- demia com a expectativa de ocupar a cadeira, que tem como patrono um conterrâneo, e que conterrâneo! Seria assim dupla a minha satisfação.

#### A CANDIDATURA

— Quer saber, entretanto, uma coisa franca? Pois, escute: proponho-me a entrar para a Academia sem me atribuir títulos notáveis. Outros tem dito que se sentem autorizados por sua obra eu sinto-me, ape- nas, encorajado pelo sentimento de uma generosa car- maradagem de alguns imortais, que são meus amigos. Vejo a Academia como um exemplo e uma emulação. Tenho, é verdade, como ainda agora confessei em carta a um eminente acadêmico, o propósito de fazer alguma coisa. Mas num sentido muito dis reto. Deixe que lhe repita um trecho dessa carta. Dizia eu assim: "Mo- desto homem de letras, procuro a Academia como es- pírito aglutinador, sem egoismo e sem vaidades exclu- sivas. Meu desejo é ser útil às letras e à cultura de meu país, certo de que não valho nada por mim e de que o velho pensamento de Leonarço da Vinci não tem atu- alidade: "Se tu sarai solo, tu sarai tudo tuo."

Leia a minha carta de inscrição. Parece modesta, porque transcrevo conceitos acima de meus méritos de três grandes figuras da Academia, infelizmente já desaparecidas. Mas é como eu concluo: tenho receio de parecer real- mente indigno. Veja a carta:

"Exmo. Sr. Dr. Mucio Leão  
D.D. Presidente da Academia Brasileira  
de Letras.

Rogo a V. Excia. que se digne de man- dar inscrever-me entre os candidatos à eleição para o preenchimento da vaga ocor- rida com o falecimento do saudoso Rodrigo Otavio.

Permito-me recordar que em 1934 deu-me a Casa de Machado de Assis uma animadora demonstração de simpatia, por ocasião de ferir-se o pleito para a suces- são de Gregório da Fonseca. Candidato, então, àquela vaga, obtive no quarto escrutínio igual numero de votos ao do candidato mais votado no primeiro.

Se não bastasse esta prova, que me dá a certeza de que não sou um indese- jável na ilustre Companhia, teria ainda comigo, para só citar três grandes mor- tos, as seguintes manifestações acadê- micas, que representam o valor de incom- paraveis sufrágios.

De Afonso Celso:

"Julgo absolutamente legitima a sua candidatura. Nosso grêmio lucraría com a entrada do sóbrio espirito, autor de tan- tas admiráveis produções".

De Alberto de Oliveira:

"A' bela carta em que me comunica haver resolvido concorrer a uma das vagas da Academia, cabe-me responder com os melhores votos por sua eleição; esta pa- rece-me ser a das mais acertadas, premi- ando qualidades e esforços não vulgares em homens de letras."

De Xavier Marques:

"Nome para mim dos mais simpá- ticos entre os modernos, devo dizer-lhe quanto me alegra o saber que aspira a fazer parte da Academia Brasileira, cujo pres- tigio e cujo futuro dependem certamente do modo por que se preencherem as suas cadeiras. Amigo da nossa Companhia, penso que o seu nome é dos que, hoje ou amanhã, brilharão sob a cúpula simbó- lica do chamado Petit Trianon. E sinceramente me julgarei feliz se puder, em circunstancias favoráveis, a' sua justa am- bição, concorrer para o seu êxito."

Perdôe-me o ilustre Presidente a imo- destia da presente, que é, no fundo, uma



POVINA CAVALCANTI, EM SEU APARTAMENTO DAS LARANJEIRAS, PÔE PARA A REVISTA DA SEMANA.

confissão de humildade: o receio de ser na realidade, indigno da ilustre Com- panha.

Patricio e admirador.

a) POVINA CAVALCANTI

Rio, 12 de abril de 1944."

#### TRADICIONALISMO OU MODERNISMO?

Que atitude deve assumir a Academia?

A Academia não é um museu. O culto do passa- do não impede que os seus membros exercitem dese- jos de renovação.

Não se compreenderia que a ilustre Companhia combatesse os novos simplesmente porque eram novos. Mas é preciso distinguir entre escritores que tem originalidade própria e escritores que querem ter origina- lidade a todo custo. Contra estes, é de ver, a Aca- demia tem de estar sempre, a menos que menospreze a sua compostura. Euclydes da Cunha não foi um es- critor diferente? Acaso a sua lingua não é a mesma de Ma- chado de Assis e de Joaquim Nabuco? O autor de "Os Sertões" foi, ou não foi, o creador de um estilo litera- rio? No entanto, que grande figura acadêmica! O que a Academia deve combater, por dever de asseio lite- rario, são esses tais sabotadores da gramática, que ar- rastam o nosso idioma ao sacrificio de suas belezas pelo prazer nihilista e perverso de fazer uma lingua do povo. Agora tudo é o povo. Nunca se viu tanto fingimento, tanta atitude com fins velados ou claros de fundar uma literatura proletaria, de organizar até uma socie- dade nova. Diz-se tanta heresia a este respeito que já li um artigo de jornal do Rio em que se afirma a ne- cessidade de demolir, entre outros, os edificios da Bi- blioteca Nacional e do Museu de Belas Artes para se construir outros no estilo do edificio do Ministerio da Educação. E o articulista explicava assim o seu pen- samento:

Com a divulgação hoje feita da entrevista que nos concede o escritor Povina Cavalcanti, foram consultados pela REVISTA DA SEMANA doze candidatos às vagas que existiam na Aca- demia Brasileira de Letras, a saber: Bastos Tigre, Jorge de Lima, Luis Edmundo, Silvio Julio, J. G. de Albuquerque, Tasso da Silveira, Raul Ma- chado, Afonso de Carvalho, Arnaldo Damasceno Vieira, Rodrigo Otavio Filho, Vinicio da Velga e Povina Cavalcanti. Três outros estão ausentes do Rio: Roberto Simonsen, Afonso Schmidt e Martins da Silveira, tendo Carneiro Leão con- siderado desnecessária a entrevista que lhe dizia respeito, e Porto da Silveira desistido da candi- datura. Das eleições realizadas ante-ontem, da- remos amplo noticiário no próximo numero.

"Na sociedade de amanhã (o terrível "complexo da "nova ordem") só haverá arranha-céus, que são a moradia do futuro para o povo". E é para esse futuro que já se escreve uma poesia social hermética, um ro- manceiro complicadissimo e se anda a borrar as pa- redes com pinturas ditas morais, a' la Diogo, de cenas de morro e de licenciosidades do Carnaval da extinta praça Onze.

ORIGINALIDADE, SIM MAS SINCÉRA, VINDA DA PROPRIA ALMA

— Minha orientação literaria tem sido sempre marcada por um espirito de construção e de respeito pela cultura. Sei que me consideram por aí um reacio- nario. Não estou ligando. Não escrevo por industria. Não sou um amador (a coisa mais antipática da crô- nica literaria), mas também não sou um assalariado. Ainda agora, no ano passado, preferi publicar com a minha exclusiva responsabilidade o meu ensaio de es- tética — "Ausência da Poesia" a dá-lo ao Itamarati em troca de um "pro-labore." (Veja, no livro, a carta- convite, que recebi.)

Entendo que o escritor assume com o publico gra- vissimos deveres. Dar a este, em forma de livro, assun- tos cheios de insinceridade e de perfídias, é um ludi- brio, um crime.

Tanto faz enganar um particular (a figura deli- tuosa é a do estelionato), como enganar todo um mundo de leitores desprevenidos e de boa fé.

Devemos encarar os problemas literarios com se- riedade, compostura, respeito de si mesmo. A geração nova, com o estribilho de que alcançou dois cataclis- mos universais — nascimento, formação — quer ser di- ferente de qualquer modo. Ora, essas diferenças não resultam da vontade; emanam da própria alma, in- conscientemente e se expandem na atmosfera que lhes é favoravel, sem que ninguém disso se esteja aperce- bendo.

O de que nós precisamos neste momento é de dis- ciplina de espirito, no sentido educativo; é de estudo, de amor a' nossa terra, sem pretensões politicas incom- patíveis com a nossa indole cristã. Vamos deixar de copiar o estrangeiro, de fazer também sociologias de encomenda sob medidas americanas. Nós somos um povo visceralmente diferente do grande povo dos Es- tados Unidos. Temos as nossas reservas de sentimento brasileiro. Fóra do Brasil, a não ser a França, que é mãe espiritual desde o batismo de Paraguassu, can- tado por Santa Rita Durão, só Portugal tem afinida- des conosco: uma afinidade de sangue e mistici mo, de enlanguescimento e poesia, de ternura e caprichos, que são o vinho das nossas bebedeiras sentimentais. Fala-se por aí em deveres de escritor perante o mundo em guerra. Há quem não admita possa um homem de letras nesta hora escrever sem tocar nas feridas do mundo. Estão errados. Danam-se comigo porque eu digo assim, sem rodeios, o que penso. Mas se estão errados mesmol Então, um artista puro, um poeta de nota estrita- mente subjetiva, não pode sinceramente viver a sua vida fóra das fronteiras deste mundo em chamas? Pode, sim. Não será um exemplo a tomar-se mas é um caso

(CONTINUA NA PAG. 48)



# O Cachimbo, o

**E**M leve espiral, a fumaça azulada baila no ar, enquanto o filósofo pensa, o romancista escreve, o poeta sonha... Nela, todos procuram a inspiração das suas obras. Na verdade, o cachimbo, o charuto, e o cigarro, essas três expressões distintas de um mesmo vício humano, ligaram-se à história da inteligência nos últimos séculos, isto é desde que a América foi descoberta. Encontrando o fumo entre os indígenas, os primeiros exploradores do Novo Mundo trataram logo de levá-lo à Europa, onde o seu uso se generalizou rapidamente. E d'ali surgiu uma grande questão ainda hoje discutidíssima por toda parte, sem que se obtenha um resultado positivo.

E' a velha questão de saber se o fumo faz mal ou não faz mal à atividade criadora do espirito. Afirmam os cientistas que a nicotina tem efeitos desastrosos sobre a memória. Mas, em compensação, garantem muitos escritores que só conseguiram produzir à custa desse excitante do cérebro...

Disseram a Balzac, por exemplo, que ele devia abandonar o fumo, por ser um verdadeiro veneno. E o maravilhoso autor d'A COMÉDIA HUMANA replicou, impaciente "Ora, — meu amigo, o veneno é de efeito muito lento. Já fumo há trinta anos e ainda não senti perturbação nenhuma..."

Todos os românticos fumavam desesperadamente... E até mulheres ilustres, como a famosa romancista francesa que se escondeu sob o pseudônimo exquísito de George Sand, se davam ao desprazimento de acender charutos como qualquer marmanjo. E é de notar-se que a bela Aurore Dupin a mada por Musset e Chopin, andava sempre com um "havana" fumegante no canto dos lábios... Parece até absurdo que tão grandes artistas se tenham apaixonado por tal criatura...

Seja lá como for, o certo é que poetas e escritores continuam apelando para cachimbos, charutos e cigarros, em suas horas de criação artística...

Estudaremos, pois, as páginas que o fumo já inspirou à literatura.

Para não encompridarmos demasiadamente o programa, limitaremos o assunto às letras brasileiras. E assim mesmo ainda há muito de que falar, pois sempre existiram e continuam existindo por aqui inumeráveis intelectuais que não sabiam compor uma linha sequer se não contassem com o auxílio do fumo...

Falemos, primeiro, de um poeta que tinha a mania dos cachimbos. Era Gonçalves Crespo, um fumante de marca, um cachimbador inveterado. Dizia ele que a fumacinha azulada era a sua musa, a sua única musa inspiradora... Sem ela, nunca teria escrito um poema, nunca teria encontrado uma rima...

Imaginem, pois, a angústia do poeta quando o seu cachimbo quebrou...

Foi um desespero para Gonçalves Crespo... E recorrendo talvez a um charuto ou a um cigarro, pois não escrevia sem fumar, o autor de ALGUÉM compôs estes versos sentidos, em que perpassa uma profunda e sincera emoção:

Beija os olhos do filho inanimado  
A mãe, soltando sepulcrais lamentos:  
Assim chorei, beijando esses fragmentos  
Do meu lírio cachimbo requemado.

Eras, pobre cachimbo, o que restava  
Do aéreo sonho desse amor desfeito!  
Embalde aperto ao magoado peito  
O cofre de charão que te guardava!

Lembro-me ainda, qual se fosse agora,  
De quando Helena, a tímida criança,  
Me deu em dia de anos por lembrança  
Esse cachimbo que minh'alma chora.

Muita vez entre as ondas caprichosas  
Do azulado fumo ela contava  
A sua triste infância, e desatava  
Pelos ombros as tranças vaporosas!

Ou demorando na cerúlea altura  
Os magoados olhos, repetia  
Que bem cedo talvez me deixaria  
Pela sombra feral da sepultura.

Um dia fui achá-la em triste leito,  
Mais trêmula que um pássaro ferido,  
Descaía-lhe o rosto esmaecido  
Sobre o mármore branco de seu peito.

E ouvi depois que em fúnebre ataúde  
Me levaram a pálida violeta.  
A minha enamorada Julieta,  
A miragem da minha juventude.

E quando a noite repousava escura,  
E a solidão mais fundo me doía,  
Nas espiras do fumo absorto a via,  
E embalava-me em sonhos de ventura.

Oh meu cachimbo, companheiro e amigo,  
Que na desdita e no prazer me viste!  
Com quem agora falarei da triste,  
Que descansa na sombra do jazigo?

Alvares de Azevedo, que foi contemporâneo de Gonçalves Crespo, tinha outras preferências. Não queria saber de cachimbo, porém adorava os "havanás"... A prova disso é que chegou ao ponto de intitular assim uma das partes da sua obra poética — SPLEEN E CHARU OS...

Mesmo nos momentos mais românticos, de maior delicadeza sentimental, o autor da LIRA DOS VINTE ANOS fala no seu vício. Eis o que diz, por exemplo, no poema O MEU ANJO:

Triste, de noite, da janela a vejo,  
e dos seus lábios o gemido escuto...  
E' leve a criatura vaporosa,  
como a leve fumaça de um charuto...

Não qu'z a minha sina que a sua alma  
palpitasse por mim um só minuto...  
E' que ela é fugitiva, enganadora,  
como a leve fumaça de um charuto!

E' claro que a moça não podia mesmo dar atenção ao poeta... Não deve ter sido agradável essa história de vêr-se comparada à fumaça de um "quebra-queixo"... Mas Alvares de Azevedo adora o fumo. E ei-lo a versejar assim, mais uma vez:

Um mancebo no jogo se descóra,  
Outro bebedor passa noite e dia,  
Um tolo pela valsa viveria,  
Um passeia a cavalo, outro namora.

Um outro que uma sina má devora  
Faz das vidas alheias zombaria,  
Quatro toma rapé, um outro espia...  
Quantos moços perdidos vejo agora!

Oh! não proibam pois ao meu retiro  
Do pensamento ao merencório luto  
A fumaça gentil por que suspiro.

Numa fumaça o canto d'alma escuto...  
Um aroma balsâmico respiro,  
Oh! deixai-me fumar o meu charuto!

Levado pela sua terrível paixão de fumante, Alvares de Azevedo escreve ainda este poemeto, em que celebra as vantagens do charuto sobre o cigarro e o cachimbo:

E' belo dentre a cinza ver ardendo  
Nas mãos do fumador um bom ci-arro,  
Sentir o fumo em nevoas rescendendo,





# O, o Charuto e o Cigarro

Do cachimbo alemão no louro barro  
Ver a chama vermelha estremeando  
E até... perdoem... respirar-lhe o sarro!

Porém o que ha mais doce nesta vida,  
O que das magoas desvanece o luto  
E dá som a uma alma empobrecida,  
Palavra d'honra, és tu, ó meu charuto!

*Mas, com o tempo, o charuto e o cachimbo  
perderam completamente a colação literária no  
Brasil... Principalmente os poetas entendem  
que eles são prosaicos demais, só assentando  
em gordos comerciantes, em burgueses sem alma...  
As musas preferem o cigarro, mais delicado,  
mais sutil...*

*E' com o auxilio desse bom companheiro  
que Guilherme de Almeida passa as suas horas  
de suave pensamento... E é-lo a murmurar  
na simplicidade elegante dos seus versos:*

Nas horas mansas de meditação,  
do meu cigarro um rolo de fumaça  
solta-se, e sobe, e baila, e se adelgaça,  
formando um ponto de interrogação...

*Coube, entretanto, a Mário Pederneiras  
compor o mais belo poema da nossa literatura  
sobre o cigarro.*

*E' uma autêntica obra-prima que não po-  
deríamos esquecer.*

*Escutem os versos do lirico inimitavel:*

Nesta árdua vida vã em que disperso  
Energias do espirito bizarro.  
Ideal e engenho.

Para o preparo estético do verso  
Afinal.

Eu sempre tenho  
Um bom amigo incondicional:  
— O meu cigarro —

Amizade de infância

Rara,  
Calma e discreta.  
Sem inter-s-es, sem invejas e ansia,  
Que é daquele com tempo estranho pri-  
vilégio...

E se é verdade que eu nasci de tara  
E rumo  
De Poeta,  
Não é menos verdade que eu já fumo  
Desde os vadios tempos de colégio.

O meu Cigarro é boêmio,  
Boêmio de fantasista  
E' bem o irmão e gêmeo  
Desta minh'alma vagabunda e artista.

Para que guarde inteiro  
O gosto e o apuro  
Em que a emoção, por índole, bifurco,  
No seu preparo tóxico misturo  
A volúpia aromal do fumo turco  
E a quent: excitação do fumo brasileiro.

Da honesta quietação deste meu quarto,  
Em que me prendo e voluntário fico,  
Horas inteiras, enfarado e farto,  
Do comum, do vulgar, da gente ôca,  
Como eu me sinto independente e rico  
De Cigarro à boca...

Se me corre enfadonho  
O pesado labor de todo o dia  
E procuro esquecer o mal que me entedia,  
Fumo um cigarro e... sonho.

E a Vida que passa,  
Como o Cigarro simboliza e alental  
Se uma ambição de glória me apoquentá,  
Se a fortuna me enleva ou me cativa.  
De tudo eu tenho a imagem viva  
No azúleo esboço tênue da fumaça.

E, se irritado, muitas vezes, quero,  
Num protesto sincero,  
Rebater a maldade,  
Que quer que sua voz domine e impere  
E que a seu mando  
Tudo arrasta e atrai.

Se uma atitude resistente assumo  
Quando,  
A lastimar o tempo assim perdido,  
Volto desiludido  
A minha tímida simplicidade,  
E pego no Cigarro e fumo...  
Como ele me vinga e me distrai.

Quando, ingênua, minh'alma,  
Acompanha do fumo as estranhas volutas,  
Esquece o real da vida e as venturas astutas  
E sonho a vida calma,

Toda de paz e de afeições diletas,  
Que o curso natural lhe embarace e lhe  
entrave,  
Eu fico a contemplar cheio de goso intenso  
A fumaça que sai, leve, azulada e suave,  
E, quantas vezes, penso  
Que para os bons e os Poetas,  
Devia ser assim o caminho da vida.  
O meu Cigarro, demais  
Quasi sempre me dá impressões bem reais.

Do bizarro  
Coleio em que a fumaça,  
Em espirais, se agita,  
Da graça  
Da forma singular que toma,  
Da excitação do proprio aroma  
Da maneira sutil por que me excita,  
Quando o seu tóxico reclamo,  
O meu Cigarro,  
Tem qualquer cousa da mulher que eu amo

Faz mal aos nervos o Cigarro, clamam  
E o registam do vicio nos acervos...

Fu que sou todo nervos e emoções,  
Protesto contra os que assim o infamam  
E esta mentira médica desminto,  
Pois há ocasiões  
Em que eu mesmo sinto  
Que o meu Cigarro me faz bem aos nervos.

O meu Cigarro é boêmio.  
Boêmio e fantasista...

Tem qualquer coisa da mulher que eu amo  
Desta minh'alma vagabunda e artista.

*Poderíamos encerrar aqui o programa lite-  
rário desta noite... Mas há um sonetinho de  
Djalma de Andrade que nos está convidando  
a mais um recitativo... Reparem como é sim-  
ples e bonito:*

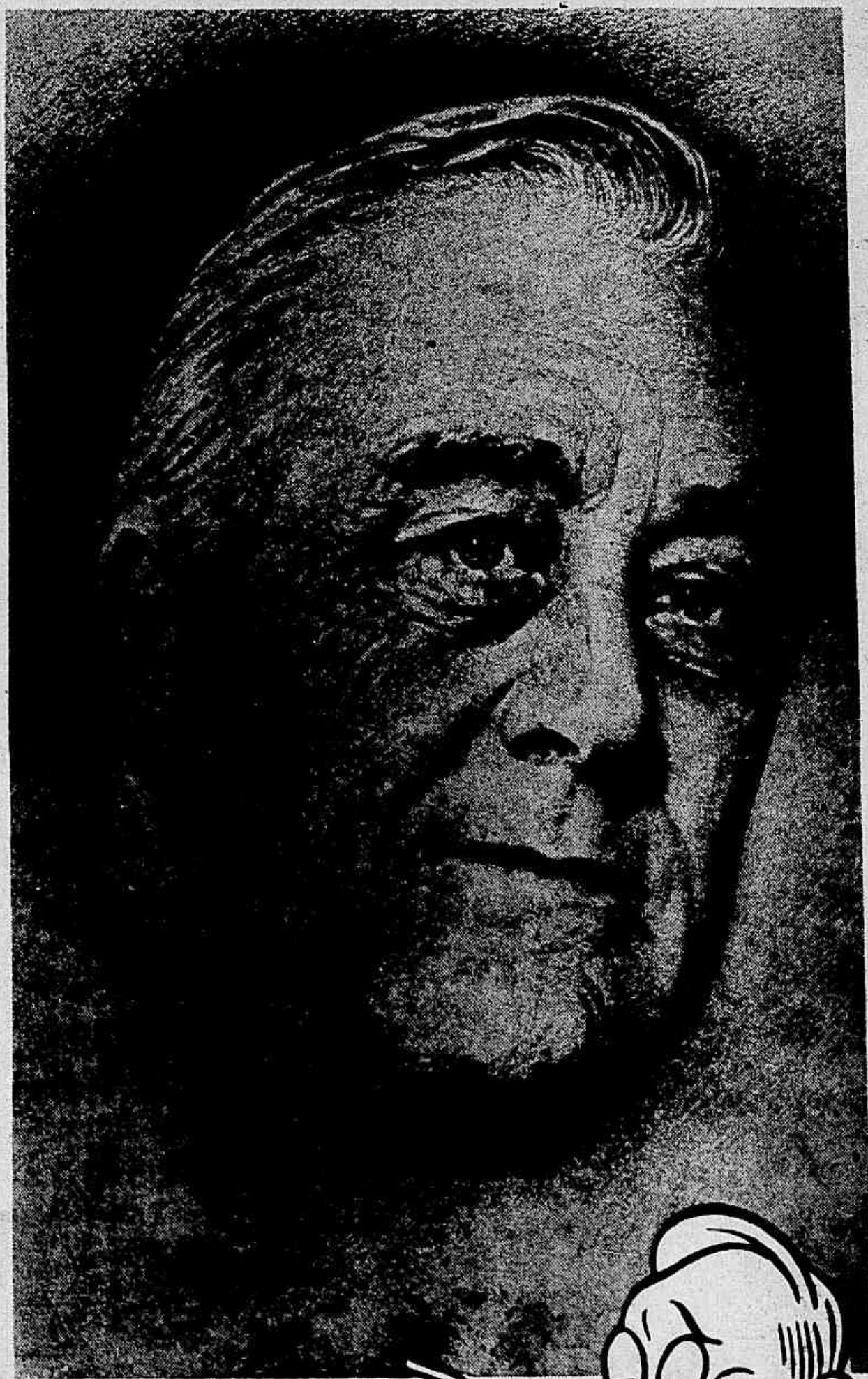
Com o cigarro na boca é que eu costumo  
Fazer balanço do que fiz no dia...  
Este cigarro, que, absorto, fumo,  
E' o melhor tomo de filosofia...

Cigarros e cigarros eu consumo,  
A pensar no que fiz... no que faria...  
Eles me dizem qual o melhor rumo...  
Eles me dão fumaças de alegria.

Homem, si acaso um dia tu pensares  
No falso fumo que é toda ilusão  
E a vida ao teu cigarro comparares,

Acharás bem fiel comparação:  
— Na fumaça que sóbe pelos ares  
E na cinza que róla pelo chá...

*E para não ficarmos intoxicados com tanta  
fumaça, fiquemos por aqui...*



"O CACHIMBO, O CHARUTO E O CIGARRO"  
PERTENCE A' SERIE DE INTERESSANTES PA-  
LESTRAS LITERARIAS QUE, SOB A ORIENTA-  
ÇÃO DO NOSSO COLABORADOR GENOLINO AMA-  
DO, SÃO TRANSMITIDAS SEMANALMENTE PELA  
RADIO MAYRINK VEIGA. A REVISTA DA  
SEMANA ESTA' OFERECENDO EM CADA NU-  
MERO, AOS SEUS LEITORES, UMA DESSAS PRE-  
CIOSAS JUIAS, REPRODUZIDAS COM A DEVI-  
DA AUTORIZAÇÃO.





## A VENDA DO EDIFÍCIO MARTINELLI, DE SÃO PAULO

Aspecto da assinatura, em 2 do flúente, da escritura de venda do Edifício Martinelli, de S. Paulo, que ora passa a ter o nome de Edifício America.

Imponente, dominando o horizonte da terra bandeirante, é, depois do Ministério da Fazenda, o maior do Brasil. Tem 30 pavimentos constantes de 14 lojas, 60 salões, 960 salas e 355 dependências, abrangendo uma área de 40.260 metros quadrados, servido por 12 elevadores.

Na fotografia, presentes ao ato, vemos: dr. Marques dos Reis, Presidente do Banco

do Brasil, representando a União Federal; drs. Sylvio Portugal e Herbert Levy, Presidente e Superintendente do Banco da America S. A., de S. Paulo; sr. Henrique de Lacerda Ferraz, Presidente do Banco Mauá S. A.; Sr. H. Edgard Pullen, da firma Davidson, Pullen & Cia., testemunhas; Milton Ferreira de Carvalho Incorporador, Dr. Manoel Augusto Penna, Chefe da Agência Especial de Defesa Econômica; Dr. Genaro Acatauassú Nunes, Chefe do Contencioso da mesma Agência; dr. J. Jacaúna de Souza, seu Assistente, e sr. Ayres Pinto de Miranda Montenegro, Sub-Gerente da Agência Central.

## Enlace Yvonne Galiuzzi --- Mario Paulo Vasques

A crônica social vem de registrar o recente enlace matrimonial da senhorita Yvonne Galiuzzi, filha do sr. Antonio Pedro Galiuzzi e de sua exma. esposa D. Matilde Giglio Galiuzzi com o sr. Mario Paulo Vasques, filho do sr. Francisco Vasques e exma. senhora D. Rosa Martins Vasques.

No casamento civil foram testemunhas o professor Luiz Amabile e D. Elzira Amabile, por parte da noiva e pelo noivo o sr. Luiz Valverde e D. Nair Vasques Valverde.

O ato religioso, que se revestiu de solenidade, realizou-se na Igreja dos Missionários Capuchinhos, à rua Haddock Lobo, 266, tendo por ocasião da festa nupcial feito tocante sermão frei Geraldo, da Basilica de Santa Terezinha.

Serviram de padrinhos da noiva o sr. Clovis Costa Rodrigues e D. Dolores Vasques Costa Rodrigues e do noivo o Sr. Antônio Pedro Galiuzzi e D. Matilde Giglio Galiuzzi.

Durante a cerimônia religiosa fez-se ouvir uma grande orquestra executando músicas sacras tendo sido nesta ocasião cantada a Ave Maria, pelo barítono brasileiro Francisco Perdigão.





# *Pa Fila*

CONTINUA...



1942



1944



1964

DLANDO  
MATTO





Alzirinha

e o Samba  
na America

NEM parece estar vivendo na terra da publicidade! Passam-se os meses, quase um ano, sem mandar um retrato, uma notícia, um recorte de jornal para o Brasil... Pensa-se que tenha cessado suas atividades e não esteja mais cantando nem dançando, quando, de inesperado lá' vem o Correio com um pacote de coisas interessantes: E' Alzirinha dando-nos um "ar de sua graça"... Foi o que aconteceu também agora. E aqui estão as mais recentes notícias da "estrêla" que o chefe-de-orquestra Ciro Rimac um dia levou do Rio sem disposição de no-la devolver tão cedo... Na America do Norte, Alzirinha Camargo tem regeitado excelen-



tes propostas para filmar. Parece mentira, mas não é. Uma brasileira autêntica, bonita, inteligente, falando perfeitamente o idioma da terra, por força podia — e devia — ser aproveitada pelos estudios. Mas não quer. Ou melhor: não pode. Esta' presa por um contrato muito sério a Ciro Rimac... E quando encontrar uma pequena folga, depois de Nova-York e Boston, São Francisco e até mesmo das terras do Canada', vira' ao Brasil. Mas não sabe





Nestas duas páginas, quatro pôses de Alzirinha que valem por outros tantos estudos fotográficos. E à direita, alguns recortes de jornais norte-americanos onde são anunciadas as atuações da "estrelinha" paulista de rádio. O rádio e os "night-clubs" norte-americanos não lhe dispensam a presença, completando a turma de Ciro Rimac, que foi também o seu "descobridor" aqui no Rio, anos atrás.

quando vai chegar esse dia... Até lá, continuaremos recebendo bilhetes no estilo do que agora chegou: "Não precisa ficar assustado e nem pensar que esta' conversando com almas do outro mundo pois serei obrigada a desapontá-lo dizendo-lhe que eu sou Alzirinha que você conhece, que éra loura depois ficou morena..." E' mesmo! A America pintou os cabelos da "estrelinha" paulistana...







Matei! mas não quem pensais  
— meu crime foi outro!

ERA um estranho clube, com estranhos sócios e curiosas exigências. Terrível a condição "sine qua non" para fazer parte dessa associação: era indispensável ser um patife notório. Os pretendentes, antes de serem eleitos, contavam, com abundância de detalhes, os crimes por eles cometidos para que os membros da comissão pudessem avaliar o grau da sua perversidade e aceitá-lo ou não, conforme o caso.

Sempl foi aceito imediatamente. Sua história — a história que ele contou ao presidente do clube — era horrenda. Tratava-se de um crime... Mas deixemo-lo contar a própria vida...

"Uma vez quase fui enforcado, por crime de morte."

O legionário Sempl torceu os bigodes longos e riu.

— Não acreditam? Pois é verdade. Mas vou começar pelo princípio.

Eu era muito pobre. Mas pobre mesmo, sabem? Vivía vagando pelas estradas, dormindo hoje aqui, amanhã além, sem casa nem dinheiro. Não tinha profissão. Empregava-me, às vezes, temporariamente, mas trabalho certo nunca tive. Isto é tinha um, e trabalho duro, mas este era diferente. Fazia, de vez em quando, contrabando em pequena escala. E era por isso que andava sempre pelas cidades próximas das fronteiras — as que me proporcionavam mais oportunidades de demonstrar a minha habilidade.

Um dia, encontrei um lugar ideal para o que queria. Recanto sosegado, longe das autoridades e perto das fronteiras. Em redor, uma floresta; longe, uma cidade. Já estava decidido a permanecer ali, quando descobri uma cabana abandonada. Instalei-me lá, definitivamente. Era um lugar ótimo e eu já estava cansado de viver vagando pelas estradas. Resolvi não sair mais dali.

A cabana era pequena e pouco confortável, mas, com algum dinheiro obtido pelo contrabando e muita paciência, consegui ajeitar o quarto onde morava até que este ficou ao meu gosto. Limpo e cômodo.

— Apartamento mobilado, em suma — comentou um dos membros do estranho clube, que ouvia a história do legionário.

— Exatamente.

— E como vivia?

— Vivía como podia do contrabando, que não era muito proveitoso, mas sempre rendia alguma coisa...

— Sim, já sei disso. Pergunto qual era a sua profissão "oficial", a profissão que você declarava na cidade, que a polícia acreditava ser, realmente, a sua?

— Ah... Passava por lenhador, e, para dar mais verossimilhança à história, ia, às vezes, vender lenha na cidade, lenha derrubada na floresta, a custo.

— Bem. E nada mais?

— Fora disso tinha uns trabalhos particulares.

— Trabalhos particulares?

— Sim. Umas encomendas...

— Sei. E a polícia nunca desconfiou de nada?

— A princípio, não. Mais tarde, sim. E foi então que começou a minha história...

— Conte.

— Foi assim. A minha vizinhança com a fronteira e as raras visitas que eu fazia à cidade para vender o produto do meu trabalho como lenhador começaram a despertar suspeitas. Eles sabiam muito bem qual era o preço da lenha e, fazendo os cálculos, viram logo que aquilo não me bastaria para viver. Começaram, então, as suspeitas... Um dia, eles resolveram me fazer uma visitinha amável. Vieram...

— E conseguiram alguma coisa?

— Nada, absolutamente. Imagine só que o brigadeiro encarregado de dar um busca na minha casa foi tão idiota que deixou a luz acesa e eu, chegando de uma de minhas expedições pela floresta, vi logo que havia alguém lá e resolvi esperar para ver quem era. Ia, por acaso, desarmado, e aquele lugar era solitário e perigoso. Trazia, enrolado no peito, uns cortes de seda, e na bainha da calça e na sola falsa de minhas botas tabaco da melhor qualidade para um bom freguez. Esperei para ver quem era... A polícia. Ao vê-los se afastarem, em fileira, tive ímpetos de gritar: imbecis!

— O incidente ficou encerrado assim?

— Nada disso. Na minha viagem à cidade logo depois da visita que me tinha feito a polícia resolvi retribuir a

# CONFISSÃO

Novela de  
Percival  
C. Wren

(Continua na pág. 52).



# A GUERRA EM MARCHA

## EXPERIENCIA E COLONIZAÇÃO

Os períodos de domínio, de apogeu dos povos fortes, são mais ou menos longos, de acordo com a sua capacidade administrativa. Mas essa capacidade emana da força moral e material da metrópole, de uma superioridade que deve ser continuamente evidenciada aos colonizados. E isso só é possível quando há uma perfeita unidade e coesão, quando as forças morais não estão solapadas por fatores diversos.

Se procurarmos analisar os motivos determinantes do desmoronamento de um grande império colonial, iremos encontrá-los na própria dissolução moral da metrópole.

Quando a força material não está escorada numa sólida base espiritual e intelectual, não poderá durar muito tempo.

Teremos então uma civilização ôca, em que falta o cerne: uma civilização sem alma.

Ha' bem pouco tempo, num discurso ao seu povo, mostrando-lhe as dificuldades a enfrentar numa guerra como a atual, Roosevelt, esse grande

chefe da maior democracia do mundo, clamava pela necessidade de uma alma nacional. Ele sabe muito bem, que sem essa alma, a força material não passa de uma grande e espalhafatosa mentira, e que não se dominam povos apenas com a força bruta. E, mesmo que por algum tempo se consiga um domínio, ele será efêmero e produzirá uma revolta continua por parte do dominado. Nesse caso, não teríamos colonização mas opressão.

Entretanto, os efeitos da dissolução moral de um país não se manifestam de pronto. O organismo de uma nação é muito forte e resiste séculos a fio a ação destrutora que rói seus alicerces.

Quando se verifica o desmoronamento completo, ele se apresenta de modo brusco e estrepitoso que atordoa o observador mais superficial. Assim tem acontecido com todos os impérios do mundo. Foi o que se deu com o Império Romano, cuja queda, segundo um historiador, "foi devida menos a capacidade dos guerreiros germanicos do que a incapacidade dos úteros romanos". Isso quer dizer que quando os germanos conquistaram Roma, já vinha de longe a dissolução de costumes no império que fora um modelo de austeridade e de organização política.

O mesmo aconteceu mais tarde com a Espanha e Portugal, em cujas terras "o sol nunca se deitava", pois elas se espalhavam por toda a superfície do mundo. No caso de Portugal o fetiche é ainda mais extraordinário, se tivermos em conta a pequena extensão territorial da Metrópole e o numero reduzido de seus habitantes.

Como acentua Gilberto Freire, o povo português foi aquele que revelou "a maior capacidade de miscigenação".

Ainda hoje, o império português, tem uma extensão territorial oito vezes maior do que a metrópole.

Não foi propriamente o numero de guerreiros e as suas armas que conquistaram esse império, mas a fé e o entusiasmo que traziam no peito os seus filhos.

A queda da França em 1939, que encheu de amargura e espanto a todos os seus filhos espirituais, é um exemplo frizante do que vimos dizendo. O país estava com a sua estrutura apodrecida e o mais ligeiro empurrão faria desmoronar o edificio.

Tambem a Espanha, produzia gênios e já se iniciava o processo da dissolução que iria produzir a sua queda estrepitosa.

Há povos que por sua natureza e gênio sabem e podem colonizar. A sobriedade e a tolerancia são as qualidades basicas de um povo que pretenda ser colonizador. Entretanto, a experiencia histórica é também fator de suma importancia.

A Inglaterra, apesar de todos os pecados de que possa ser acusada — e qual o país que, tendo construido um império colonial poderá escapar a estas acusações? — possui inegavelmente, qualidades excepcionais de povo colonizador por excelencia.

O respeito aos costumes e religiões dos países administrados pelos britânicos, tem garantido uma estabilidade realmente admiravel ao império britânico, mais uma vez demonstrada nesta guerra.

As experiencias de colonização que até hoje tem feito os alemães, dão-nos o direito de apontá-los como a maior negação nesse particular. A politica de Bismark, oriunda da filosofia de Nietzsche, cujas linhas gerais vem sendo seguidas pelo imperialismo prussiano, tem produzido apenas ódio e revoltas de parte dos povos que conseguem subjugar. Mas a Alemanha, como nação, data de Bismark. Falta-lhe a experiencia histórica que mantem unidos milhões de homens sob a administração britânica.

G.



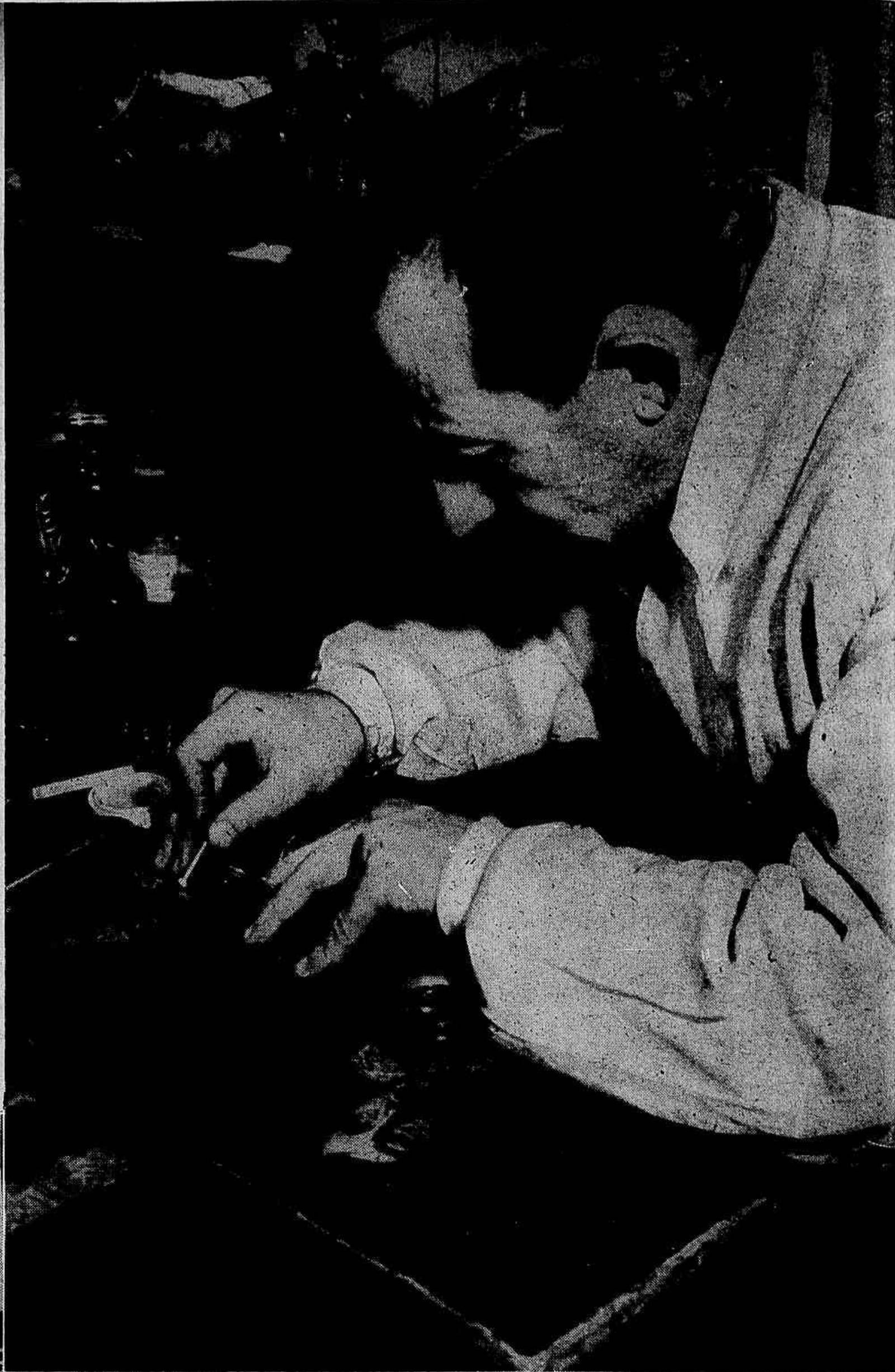
DESEMBARQUE DE MUNIÇÕES NO PACIFICO — A GRAVURA MOSTRA UM ASPECTO DO DESEMBARQUE DE GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL DE GUERRA NUMA ILHA DO SUL DO PACIFICO. OS NAVIOS DE DESEMBARQUE ABREM SUA PRÔA E FAZEM DESCER UMA RAMPA QUE FACILITA CONSIDERAVELMENTE A TRANSFERENCIA DE MILHARES DE TONELADAS DE ABASTECIMENTOS PARA TERRA, ONDE OS AMERICANOS ESTÃO EMPENHADOS NO ANIQUILAMENTO DOS ULTIMOS REMANESCENTES DAS FORÇAS NIPONICAS.

◆◆◆◆◆



# As bombas danificam as obras dos velhos mestres

Por Charles Valmont  
Para a **REVISTA DA SEMANA**



A FOTOGRAFIA ACIMA NOS MOSTRA A RESTAURAÇÃO DE ALGUMAS PARTES DE UM QUADRO APAGADAS NA SUPERFÍCIE. TAMBÉM AQUI O TÉCNICO DEVE USAR DE TODA A PRESTEZA E DE MATERIAL PRÓPRIO. QUANDO EM SETEMBRO DE 39 SE VIU DEFLAGRAR A GUERRA, JÁ HAVIA ARTISTAS HABILITADOS A CUIDAR DESSA MISSÃO, COMO SOLDADOS MOBILIZADOS PARA UMA FINALIDADE BÉLICA. NA INGLATERRA, NOS E.E. U.U. E EM TODOS OS PAÍSES ONDE A AÇÃO DA GUERRA SE FAZ SENTIR, ESSE TRABALHO É CUIDADOSO E DESVELADAMENTE ELABORADO.

UMA PRECIOSA TELA DE GAINSBOROUGH, SOTERRADA DURANTE MUITOS DIAS SOB AS RUÍNAS DE UM BOMBARDEIO, RECEBE A SUA PRIMEIRA INSPEÇÃO DE UM ESPECIALISTA. OS ESTRAGOS SÃO ASSINALADOS A GIZ. ESTE SERVIÇO, FEITO EM PLENA GUERRA, PROVA QUE NÃO SE POUAM ESFORÇOS PARA RESGUARDAR DA SANHA DO INIMIGO AS EXPRESSÕES MAIS ELEVADAS QUE O ESPÍRITO HUMANO AINDA REALISOU. A GUERRA HÁ DE PASSAR E AS OBRAS DE ARTE CONTINUARÃO RESISTINDO À AÇÃO DOS TEMPOS E DOS DITADORES FAÇANHADOS.

ESTE É UM TRABALHO QUE REQUER O MÁXIMO DE CUIDADO E MUITO DELICADEZA DE AÇÃO. LIMPANDO A SUPERFÍCIE DE UMA VALIOSA TELA QUE ACABA DE SER DESCOBERTA SOB OS ESCOMBROS DE UM BOMBARDEIO DA VESPERA, O PERITO USA DE INSTRUMENTOS ESPECIAIS, PRECISA POSSUIR VISTA PERFEITA E MANEJO DE DEDOS COM TODA A SEGURANÇA. AS OBRAS DE ARTE NÃO PODEM SOFRER A MENOR RASURA E TUDO DEVE SER FEITO EM CURTO ESPAÇO DE TEMPO PARA EVITAR QUE A SECAGEM DAS TINTAS VENHA A AFETAR A TELA EM QUE REPOUSA O QUADRO.





LONDRES, Maio — A guerra total e muito particularmente a guerra aérea, com bombardeios intensivos, têm causado grandes e, às vezes, irreparáveis males ao patrimônio histórico e artístico das nações européias. Monumentos e museus — muitos deles utilizados maliciosamente para fins defensivos, como foi o caso recente da milenar Abadia de Monte Cassino, na Itália — contam-se entre os alvos — deliberados ou não, desde que nos limitamos a uma questão de fato — da tarefa destruidora dos explosivos.

Como resultado de um único arremesso de bombas germânicas há pouco tempo atiradas sobre Londres, quadros de velhos mestres famosos, no valor de mais de 250.000 libras, foram soterrados numa área de menos de 200 jardas quadradas. Afortunadamente, muitos deles foram salvos e transportados para lugar seguro, por especialistas nessas remoções e que desempenharam a sua tarefa dentro de um cordão de isolamento policial, afim de evitar o movimento perturbador, embora natural, da curiosidade pública.

Uma coleção de pinturas de artistas célebres, tais como Romney, Sargent, Franz Hals, Gainsborough e Van Dyck, foi retirada de buracos de mais de nove metros de profundidade e cobertos de centenas de toneladas de escombros de edifícios danificados.

Algumas dessas obras-primas apresentavam apenas ligeiros estragos. Outras porém se achavam completamente destruídas, juntamente com valiosas e antigas tapeçarias, prataria, trabalhos orientais, moedas, etc.

Somente nessa rua, tesouros artísticos avaliados em mais de um milhão de libras haviam sido reunidos por colecionadores. Vários deles datavam dos séculos XIV, XV e XVI. Agora, inúmeras dessas famosas obras poderão ser novamente admiradas.

Várias dentre as que foram salvas estão sendo restauradas por especialistas e há tôdas as esperanças de que, com a ajuda de artífices experimentados, com a colaboração de processos químicos, da física, dos Raios X, da micro-química e da grafologia, as glórias da pintura antiga renascerão.

As presentes notas são ilustradas por fotografias do acontecimento, tendo sido duas delas obtidas na oficina e no estúdio de um conhecido técnico na arte da restauração de telas antigas. Os aspectos fixados fornecem uma boa impressão dos esforços que estão sendo realizados no sentido de remediar a destruição sofrida por tão valiosos e raros tesouros artísticos.

A restauração de pinturas é uma arte — e uma ciência — que só pode ser dominada completamente durante o curso de anos de aprendizagem, paciência e habilidade.





O PRESIDENTE DA REPUBLICA RECEBEU, NO PALACIO DOS CAMPOS ELISEOS, OS CUMPRIMENTOS DOS "LEADERS" OPERARIOS DE S. PAULO. A GRAVURA E' UM FLAGRANTE DO ATO.

O SR. GETULIO VARGAS ENTRE AS CRIANÇAS PAULISTAS, QUE O SAUDARAM, NUMA DAS VISITAS QUE O CHEFE DO GOVERNO LEVOU A EFEITO DURANTE A SUA PERMANENCIA EM S. PAULO.

O PRESIDENTE DA REPUBLICA PROFERINDO O DISCURSO DO "PACAEMBU".

# 1.º DE MAIO EM SÃO PAULO

As classes operarias de S. Paulo viveram, no dia 1.º deste mês, uma das paginas mais intensas de vibração civica, durante as festividades que tiveram por palco o Estadio Municipal do Pacaembu, presididas pelo sr. Getulio Vargas, que pela primeira vez foi ao Estado bandeirante para prestigiar com a sua presença as comemorações do Dia do Trabalho e receber da massa trabalhista local manifestações de apreço e de solidariedade. A imensa mole humana que enchia o magestoso Pacaembu, dando ao ambiente maior imponencia e esplendor com o ruido dos seus aplausos e a força do seu entusiasmo, soube bem exteriorisar, por todas as formas, os sentimentos de gratidão e devotamento ao creador da legislação social brasileira, demonstração de apoio à qual se associaram inteiramente as classes patronais, numa louvável compreensão dos imperativos da hora em que vivemos. A solenidade teve inicio com a execução do Hino Nacional, cantado por todos os presentes, proferindo então o interventor Fernando Costa o discurso oficial, seguindo-se com a palavra o ministro Marcenão Filho, que falou em nome dos operarios paulistas, depois do qual o sr. Getulio Vargas proferiu o importante discurso já amplamente divulgado, entrecortado por demorados aplausos, que coroou.

À DIREITA: O INTERVENTOR FERNANDO COSTA LENDO O SEU DISCURSO, COM QUE FORAM INICIADOS OS FESTEJOS NO PACAEMBU.

ram as suas ultimas palavras com redobrado ardor. Terminando o discurso providencial, a assistência prestou uma delirante e tenebrônica homenagem à primeira dama do P.S., gritando durante minutos dezenas de milhares de flmulas verde-amarelas. Ao se retirar do estadio, o sr. Getulio Vargas, de pé no autômovel, fez a volta da pista, recebendo então uma vibrante ovacão da enorme assistência, que empunhava um enorme numero de cartazes e flmulas, atingindo, até ao auge, a manifestação ao Chefe do Governo.

À DIREITA — O MINISTRO MARCONDES FILHO SAUCANDO O PRESIDENTE DA REPUBLICA, EM NOME DO OPERARIADO PAULISTA EM BAIXO — ASPECTO DO ALMOÇO OFERECIDO PELOS OPERARIOS PAULISTAS AOS SEUS COLEGAS CARIOCAS.



Odiava-a até que um dia...

# A filha do meu marido

Eu era muito môça e fôra criada na província. Ele tinha quarenta anos e maneiras solenes.

— Senhorita Margarida, disse-me, um dia, estimo-a muito.

Imaginem só si êle tivesse dito isso a uma môça moderna! Ridículo? Não. Não é ridículo. Aquela frase, por mais solene e convencional, tinha convicção e era dita num tom que comovia.

Pedi minha mão a papai, como se fazia em tempos idos.

Depois de um longo noivado cerimonioso, casámo-nos.

As vêzes eu refletia sobre nós dois e lembrava, enternecida, aquêles dias deliciosos, patinando na neve, com êle. Nunca fui boa patinadora. Ele sempre tinha que me amparar para que eu não caísse.

— Cuidado, senhorita Margarida.

— Não há perigo. Si eu cair, do chão não passo.

E, mesmo essa brincadeira inocente, fazia-o corar. Positivamente patético.

Pois bem, casámo-nos. E a nossa lua de mel foi maravilhosa. Passámos pela Itália. Admirei as pinturas e as esculturas, fui com êle à ópera. De volta a Paris, passámos pela Suíça para apanhar Lizou.

Lizou! Hoje, lembrando o nosso primeiro encontro, sorrio. Como tive ódio daquela pequenina Lizou!

Era filha de meu marido. Ele já fôra casado uma vêz e a espôsa morrera muito cedo. Morrera tuberculosa e Lizou era sã. Mas apesar disso todos os cuidados eram poucos para aquela bonequinha.

Eu ouvia falar de Lizou como de uma criança e era esta a idéia que fazia dela. Lizou deveria ser pequena e franzina, doentia e pálida.

Essa imagem me comovia. Pensava na minha própria infância alegre e despreocupada? Seria uma mãe para Lizou, tomava conta dela, far-me-ia sua amiga. Seria sua confidente. Sonhava com uma vida em comum com meu marido e a filha, que consideraria um pouco minha filha.

Mas Lizou não era o que eu esperava. Quando a vi pela primeira vêz a surpresa foi tão grande que não achei palavras para conversar. Ela logo dominou a conversa, inteligente, atraente.

Lizou era alta e magra, mas de uma magreza sadia. Tinha rosto corado e ar esportivo. Estava num hotel da Suíça, zinho, você é teimoso como não sei o que, num grupo de môças e rapazes, que ela dominava com a sua habilidade e segurança, e contava uma história qualquer. Os outros ouviam com atenção.

Meu marido estava ocupado com as bagagens e não viu a filha. Perguntei-lhe:

— Quem é aquela senhora ali, no centro daquele grupo? E' linda. Você a conhece?

— Aquela é Lizou, a minha filha.

Nesse instante ela nos avistou.

Depois das saudações, perguntou:

— Então, papai, passou em Florença?

— Não, respondeu meu marido. Não tivemos tempo para isso. Tencionávamos passar alguns dias em Florença, na volta, mas não foi possível.

— Você é bobinho, papai. Eu insisti tanto para que você passasse por Florença. Eric e Jeannette disseram que é a única cidade interessante da Itália! Papai-zinho, você é teimoso como não sei o que. Eu disse a você que fôsse a Florença na ida e você resolveu ir na volta. Veja só o que aconteceu.

(Continúa na pagina 55)

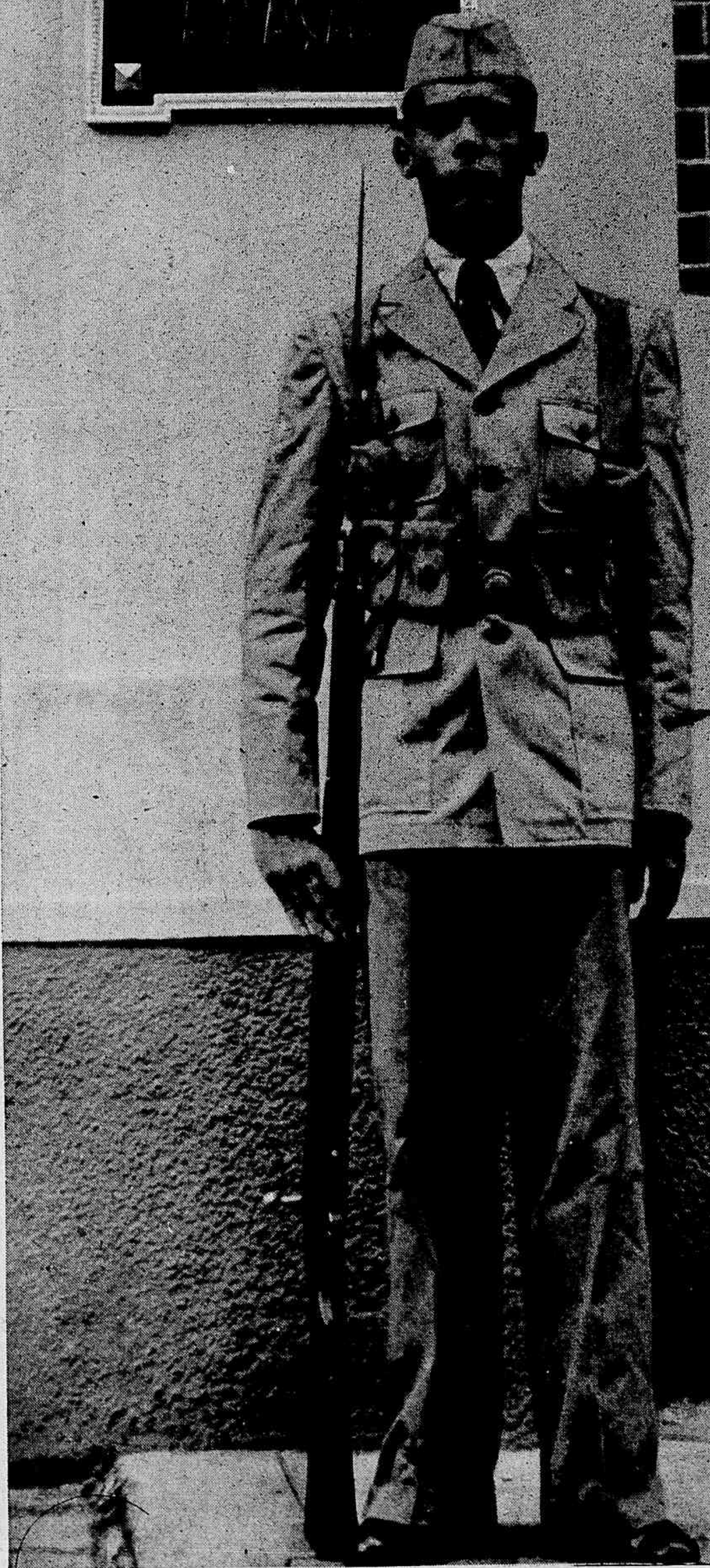
==== Conto de ====  
MARIE CLAIRE



# ESCOLA TECNICA DE AVIAÇÃO

S. Paulo assistiu, no dia 2 do corrente, a um acontecimento de tão alta expressão que ficará na historia do nosso progresso como simbolo imperecível de uma época. Naquela data inaugurou-se oficialmente a Escola Técnica de Aviação, já em pleno funcionamento, realização grandiosa e arrojada, de um arrojo e de uma grandiosidade que mais uma vez exaltam e consagram a salutar politica de boa vizinhança entre o Brasil e os seus grandes amigos norte-americanos, os Estados Unidos. Naquela manhã, os que estiveram na antiga Hospedaria de Imigrantes de S. Paulo, experimentaram como que a sensação de um maravilhoso passe de magia; o que estava deante dos olhos deslumbrava, como a uma alma infantil deixariam perplexa as fitas multicores saindo a mancheias da cartola dum prestidigitador. Ali estávamos para ver para crer percorrendo um dos mais modernos e mais bem montados centros de preparação técnica de aviação do mundo, entrando aqui e saindo adiante, sem saber o que mais admirar nessa notavel organização, onde tudo foi previsto com requintes de ordem e minucias, de perfeição e eficiencia, que mais uma vez revelam o poder de improvisação dos filhos da grande nação irmã e, o que nos é grato registrar, a fé e o entusiasmo com que o brasileiro dos nossos dias se entrega ás mais arduas tarefas, antes consideradas impossíveis, executando-as com energica decisão e fortaleza de animo.

Fruto sadio da politica de ajuda reciproca em tão boa hora posta em pratica entre o Brasil e os Estados Unidos, sem cujo apoio, como bem frisou no seu discurso o ministro Salgado Filho, não nos seria licito pensar sequer na sua criação, a Escola Técnica de Aviação é já agora uma esplendida realidade, que servirá por certo de exemplo encorajador para o surto de outros beneficios que virão, de tantas outras coisas que nos faltam e que, contudo, somos capazes de crear e possuir. Dalí sairão homens habilitados em todos



ESTE ALUNO SENTE-SE ORGULHOSO DE PRESTAR GUARDA A SUA ESCOLA. ELE SABE QUE POR DETRÁS DAQUELES PORTÕES VIBRA UMA NOVA CELULA DO ENGRANDECIMENTO DA PATRIA, NESTA HORA EM QUE O BRASIL REUNE TODAS AS SUAS ENERGIAS NA ARRANCADA DECISIVA QUE O COLOCARÁ AO LADO DAS NAÇÕES LÍDERES DO MUNDO.



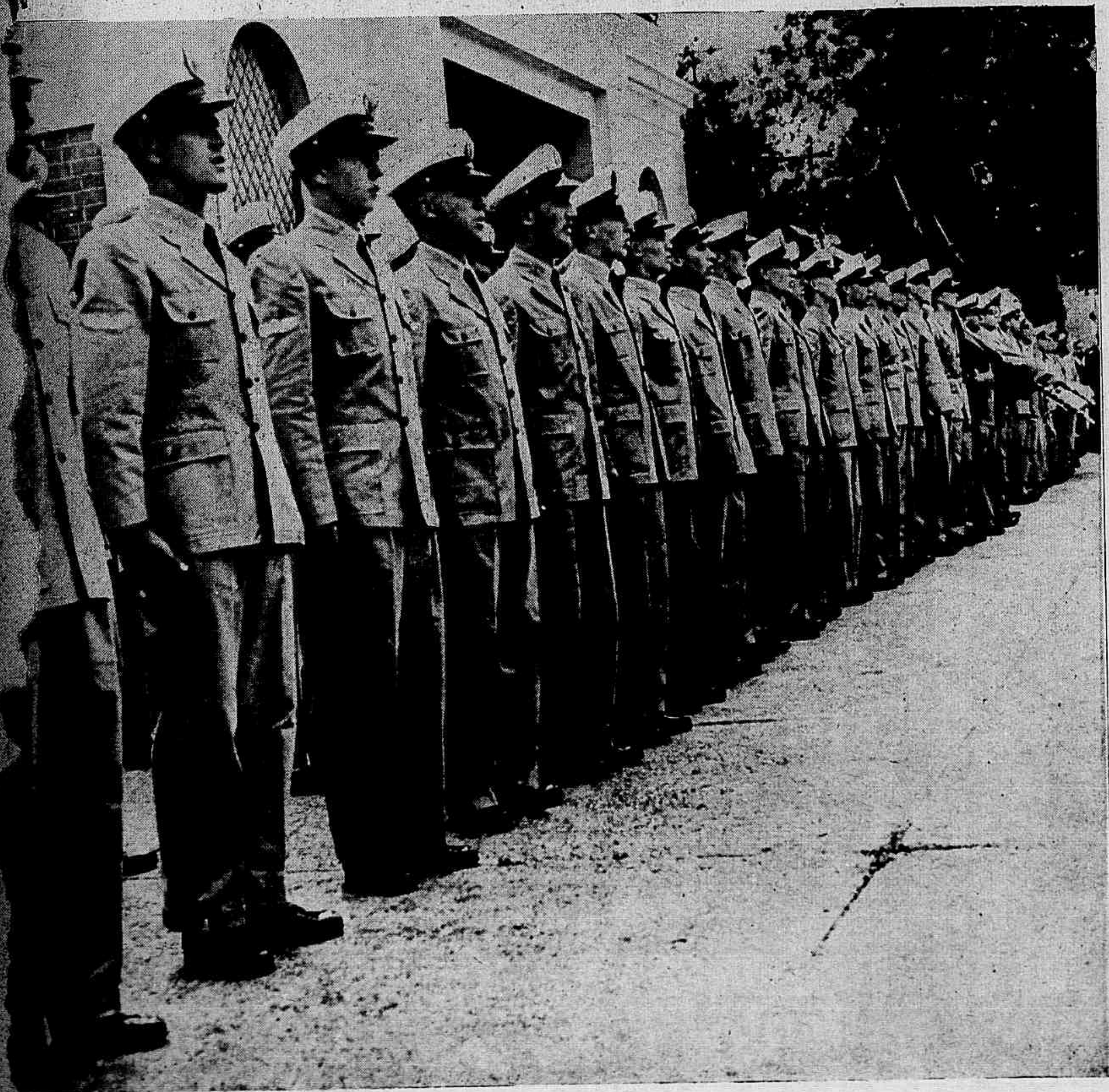
A' ESQUERDA — O GARBOSO PELOTÃO DAS BANDEIRAS EM POSIÇÃO DE SENTIDO, QUANDO ERA ENTOADO PELOS PRESENTES OS HINOS NACIONAIS BRASILEIRO E AMERICANO.





O PRESIDENTE GETULIO VARGAS CORTA A FITA SIMBOLICA, INAUGURANDO OFICIALMENTE A ESCOLA.

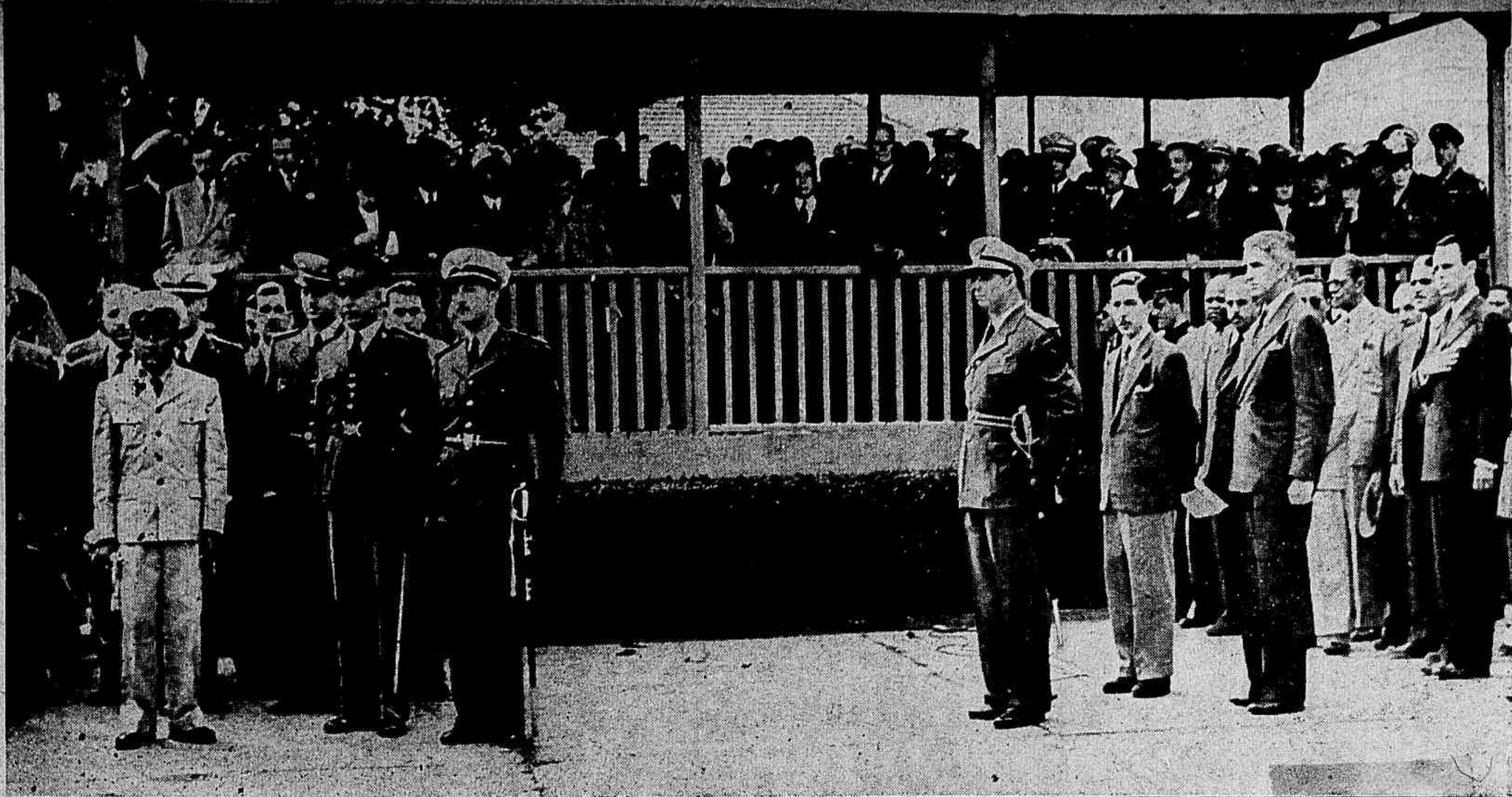
O CORPO DE ALUNOS, QUE FOI MUITO ADMIRADO PELO GARBO QUE OSTENTAVA, FORMADO NO PATIO DA ESCOLA DURANTE A SOLENIDADE INAUGURAL.



os ramos da especialidade aeronautica, cujas atividades representarão importantissimo papel no nosso desenvolvimento economico e na união espiritual da nossa gente, separada pelas distancias que o avião anula com a potencialidade dos seus motores.

A inauguração da Escola Técnica de Aviação, que teve a prestigia-la a presença do Chefe do Governo, foi uma cerimonia bonita e emocionante, em que se irmanaram brasileiros e americanos, comemorando com a mesma alegria o auspicioso acontecimento, que teve um desenrolar imponente. O Presidente Getulio Vargas, acompanhado pelos ministros da Aeronautica e do Trabalho, Interventor Federal em S. Paulo e grande numero de autoridades, foi recebido pelo sr. John Paul Riddle, diretor da Escola, e pelo major aviador engenheiro João Mendes da Silva, representante do Ministerio da Aeronautica junto ao estabelecimento, sendo saudado com as honras do estilo pelo corpo de alunos formado no patio. Logo após teve lugar a tocante cerimonia da entrega de um rico pavilhão nacional, ofertado pelo sr. John Paul Riddle ao corpo de alunos, ouvindo-se nesse momento a execução dos Hinos Nacionais brasileiro e americano, cantados pelos presentes. Em seguida o Presidente da Republica, acompanhado pela comitiva e convidados, percorreu as diversas dependencias da Escola, sendo então conduzido ao Salão Nobre, onde foram inaugurados os retratos de S. Exa., do presidente Roosevelt, do ministro Salgado Filho e do sr. John Paul Riddle. Nessa ocasião, usou da palavra o titular da pasta do Trabalho, que proferiu magnifico discurso, em que exaltou a ação do nosso governo e a cooperação norte-americana para a ereção daquele monumento de trabalho e cultura que é a Escola Técnica de Aviação.





O PALANQUE PRESIDENCIAL, DE ONDE O CHEFE DO GOVERNO, MINISTROS DE ESTADO, INTERVENTOR EM SÃO PAULO E AUTORIDADES ASSISTIRAM À BRILHANTE CERIMONIA DA ENTREGA DA BANDEIRA.

EM BAIXO — O SR. JOHN PAUL RIDDLE ENTREGA MAJOR AVDOR JO MENDES DA SILVA O PA-VILHÃO NA-CIONAL QU OFERECEVA A CO R P ALUNO

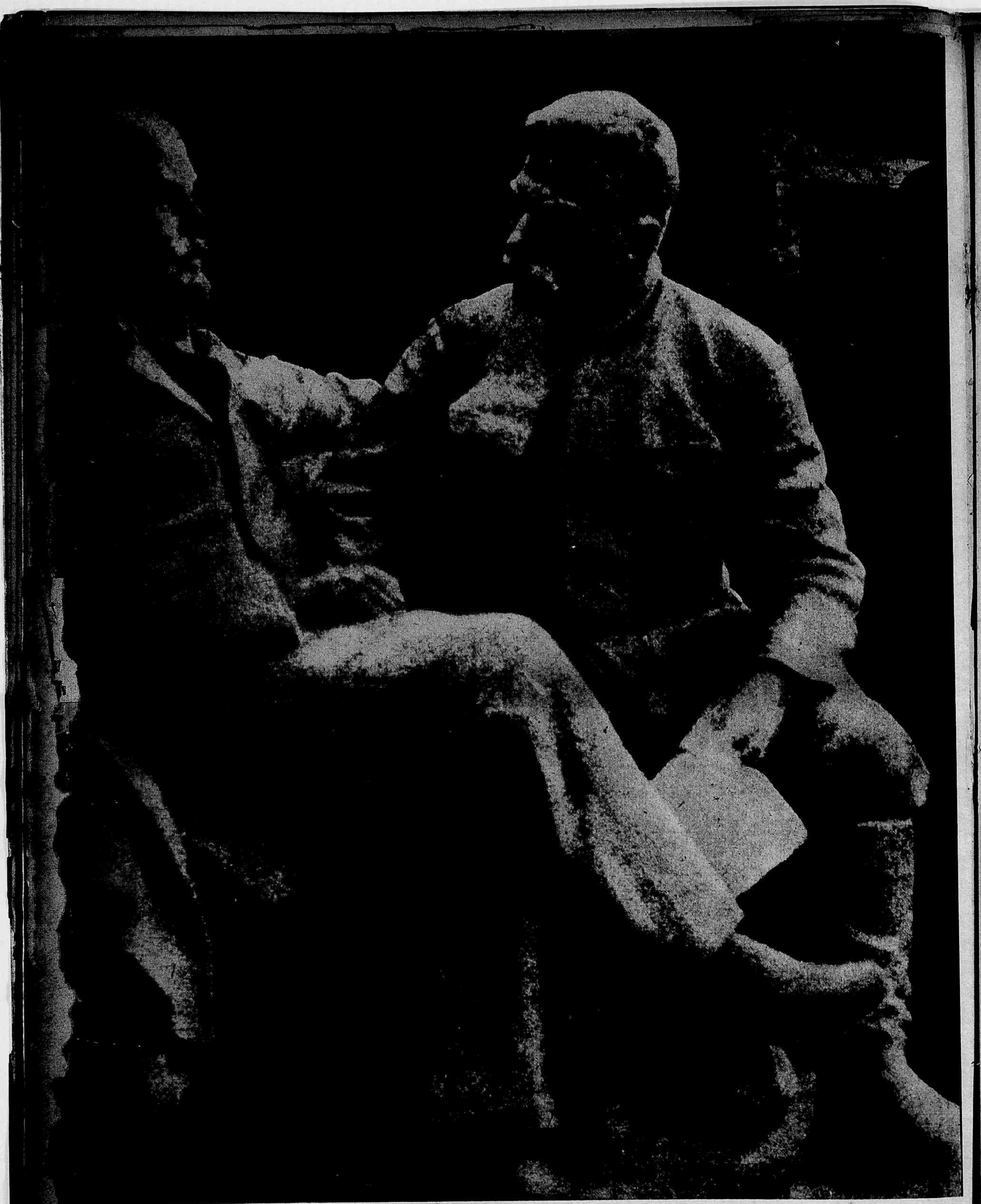


O MINISTRO S'LGADO F'LHO DESCERRANDO A BANDEIRA QUE CORRIA O RETRATO DO SR. GETULIO VARGAS. NA MESMA OCASIÃO FORAM TAMBÉM INAUGURADAS AS EFIGIES DO PRESIDENTE ROOSEVELT, DO MINISTRO DA AERONAUTICA E DO SR. JOHN PAUL RIDDLE, ESTE FUNDADOR E DIRETOR DA ESCOLA.

O PRESIDENTE DA REPUBLICA DEIXANDO AS SUAS IMPRESSÕES NO LIVRO DE VISITAS DA ESCOLA TÉCNICA DE AVIAÇÃO, COMO O DO SR. GETULIO VARGAS, O ESTADO DE ANIMO DE TODOS OS PRESENTES ERA DA MAIS VIVA ADMIRÇÃO E ENTUSIASMO PELA OBRA ADMIRÁVEL QUE, EM POUCO MAIS DE SEIS MESES, AMERICANOS E BRASILEIROS HAVIAM ERIGIDO EM S. PAULO.

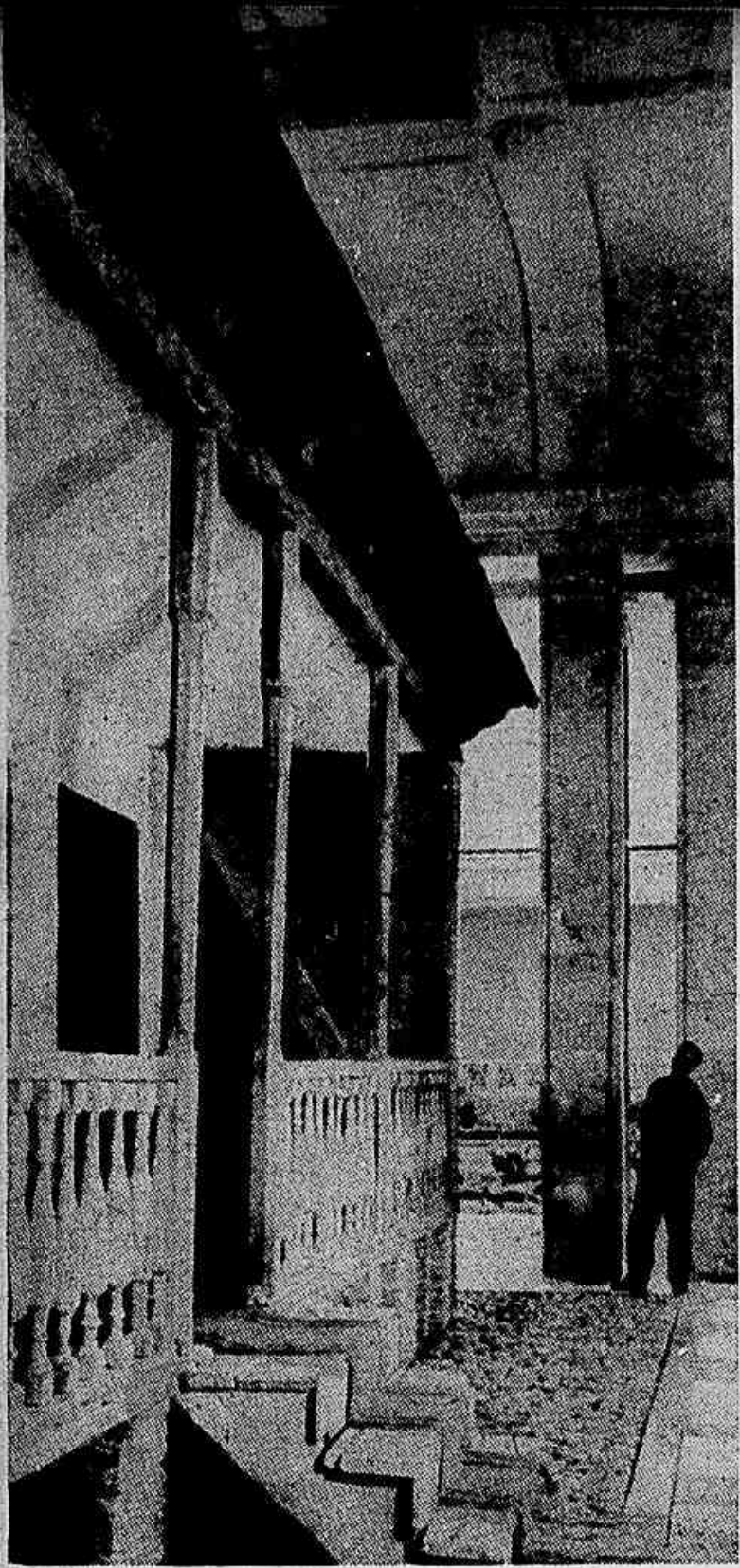






UMA DAS PREOCUPAÇÕES DE STALIN VEM SENDO A CONSERVAÇÃO DE MONUMENTOS QUE ATTESTAM O PASSADO GLORIOSO DA RUSSIA. OS MUSEUS E AS ESTATUAS MERECEM UM CUIDADO ESPECIAL DE PARTE DAS AUTORIDADES DO P.Í. MAS NÃO É APENAS COM O PASSADO QUE ELAS SE PREOCUPAM, OS FATOS E VULTOS ATUAIS SERÃO TAMBÉM PERPETUADOS EM MARMORE E BRONZE. NESTA GRAVURA STALIN E LENINE EM UMA ESTATUA DE MARMORE EXISTENTE EM MOSCOU.





A CASA EM QUE NASCEU STALIN, EM GORI, NA REPUBLICA DA GEORGIA.



SUA MÃO DIREITA É PARCIALMENTE PARALISADA.



STALIN É O ÚNICO DITADOR QUE FUMA CACHIMBO.

# STALIN

## O HOMEM DE AÇO

**J**OSEPH VISSARIONOVICH D'UGASHVILI também chamado Koba e finalmente Stalin — o homem de aço — revelou-se ao mundo, revelando também o mistério que cercava o Colosso Russo. Em torno desse país quase desconhecido e por isso mesmo temido — pois o que ignoramos infunde-nos sempre medo — com uma população de 190.000.000 almas, formava-se uma atmosfera de mistério e expectativa. Quando a 22 de Junho de 1941, as hostes nazistas romperam a fronteira russa em diferentes pontos, o mundo inteiro freuiu ante a expectativa do choque tremendo. Hitler prometia que as suas tropas fariam um passeio pela Rússia e que dentro de oito semanas estaria aniquilada toda a resistencia. Dentro em pouco Hitler parecia ter atingido os seus principais objetivos: Leningrado, a antiga capital, já estava cercada pelas forças alemãs e as vanguardas da Wehrmacht avistavam Moscou. Mas, em 8 de dezembro desse mesmo ano, as orgulhosas e até então invencíveis tropas nazistas sofreriam a sua primeira grande derrota, pois Zukhov as expulsou das portas de Moscou. Desde então, vêem se sucedendo continuamente os fracassos dos generais alemães, numa série atordoante de desastres.

O povo russo nunca deixou de combater o invasor com energia e obstinação talvez ainda não igualadas em toda a história.

A situação atual é bem diferente. A quase totalidade do território russo está libertada do invasor e os soldados de Stalin já divisam as encostas dos Carpatos e aprofundam-se na Polónia. Durante todo esse tempo, Stalin nunca deixou a direção da luta, pois é o Supremo Comandante dos exércitos soviéticos. E note-se que isto não é apenas um título honorífico. Stalin não é homem que se enfeite com títulos imerecidos sendo a sua modestia e simplicidade bastante conhecidas. Stalin, como o país que dirige, é também um grande enigma. E a verdade é que o Oedipo nazista não soube decifrar a Esfinge e está sendo agora devorado.

Durante os tempos de paz, talvez fosse melhor dizer: nos tempos em que se preparava para a guerra — Stalin vivia taciturno e isolado, no inverno no Kremlin e no verão em Gorki, perto de Moscou. No Kremlin ocupa um pequeno apartamento de três peças, que no tempo dos Tzares era destinado aos empregados. Em Gorki, possui uma residência no estilo das casas de aldeia, onde morreu Lenine. Aí vive ele com a sua terceira esposa, Rosa Kaganovich, e conta-se que Stalin, de acordo com os velhos costumes orientais, quando se ausenta, encerra sua esposa na casa, levando as chaves.

Todas as manhãs, a intervalos diferentes, seis luxuosos Rolls Royce, entram no Kremlin por seis portões diferentes. Cada um deles é seguido

AO LADO DE LENINE, QUANDO ESTE PRONUNCIAVA UM DISCURSO.



STALIN E TROTSKY, QUANDO AINDA ERAM DOIS BONS AMIGOS.



COM VJROCH'LOV, QUE TANTO SE TEM DESTACADO NA ATUAL GUERRA.







STALIN, O HOMEM TODO-PODEROSO DA RUSSIA MODERNA, VIVE E TRABALHA SO', TERRIVELMENTE SO' NO SEU GABINETE DO KREMLIN. NO QUADRO, KARL MARX.

por dois automóveis cheios de policiais da Gugebez. Stalin vem num dos Rolls Royce. Ninguém sabe em qual.

Os embaixadores estrangeiros e os ministros são recebidos no Kremlin, quer por Molotov, quer pelos seus adjuntos. Stalin escuta a conversa de uma sala contígua e raramente intervém. Quando o faz, é sempre para dizer coisas amáveis.

Foi o que se deu há pouco tempo, no caso do delegado finlandês.

Trabalha até tarde da noite. De tempos a tempos chama seu cunhado Kaganovich, pelo qual parece ter grande simpatia. Kaganovich seria por certo seu confidente, se Stalin tivesse confidentes.

Ha 65 anos, em 1879, na humilde cidade de Gori, ao Sul do Cáucaso, na República Socialista Soviética de Geórgia, nascia no dia 21 de dezembro, este homem, filho de um sapateiro, mas que seria mais tarde ditador da República Socialista Soviética da Rússia.

Em Gori frequenta a escola da aldeia. Em 1893 entra para o Seminário Ortodoxo, mas em pouco tempo rebela-se contra a disciplina despótica. Tornando-se revolucionário, organiza uma célula no próprio seminário, de onde é expulso, alistando-se então com os socialistas. Começa uma vida agitada e aventureira.

Estuda ciências naturais e sociologia ao mesmo tempo que trabalha como alfaiate e bibliotecário. Nessa época já é um agitador profissional. Sofre a sua primeira prisão em Batum. Em dez anos é preso e exilado na Sibéria sete vezes, tendo fugido da prisão seis vezes.

Em 1906 encontra-se com Lenine e toma parte na revolução malograda. Pouco tempo depois, vamos encontrá-lo no Comité Central do Partido Comunista, escrevendo para o *Pravda*. Foi ele o organizador do primeiro grupo bolchevique na Duma, que é a Câmara de Deputados.

Seguem-se quatro anos de exílio em Trukansk. Nessa época apresenta uma propensão alarmante para a tuberculose. Para vencer a molestia incipiente, dedica-se à caça e à pesca.

A Revolução de Kerensky vem libertá-lo. Começa então a trabalhar para a revolução que estalaria em outubro de 1917.

Em 1918 é Comissário do Povo e organiza o Exército Vermelho.

Torna-se então herói militar.

Como um dos membros do Conselho de Guerra Revolucionário, derrota as forças dos Russos Brancos em Petrogrado, e repele a invasão polonesa na Ucrânia, tendo ainda esmagado uma revolta naval em Kronstadt.

Tornando-se Secretário Geral do Partido, consolida o poder pelo trabalho, discreção e lealdade a Lenine.

Finalmente, com a morte deste em 1924, Stalin sobe ao poder iniciando a luta contra Trotski.

Exilado Trotski em 1927, assume a direção geral lançando o primeiro plano quinquenal de industrialização do país. Em 1933 lança o Segundo Plano Quinquenal e promulga uma Constituição, estimulando ao mesmo tempo o nacionalismo contra a ameaça alemã. Pouco depois é executado um expurgo de trotskistas do Exército Vermelho.

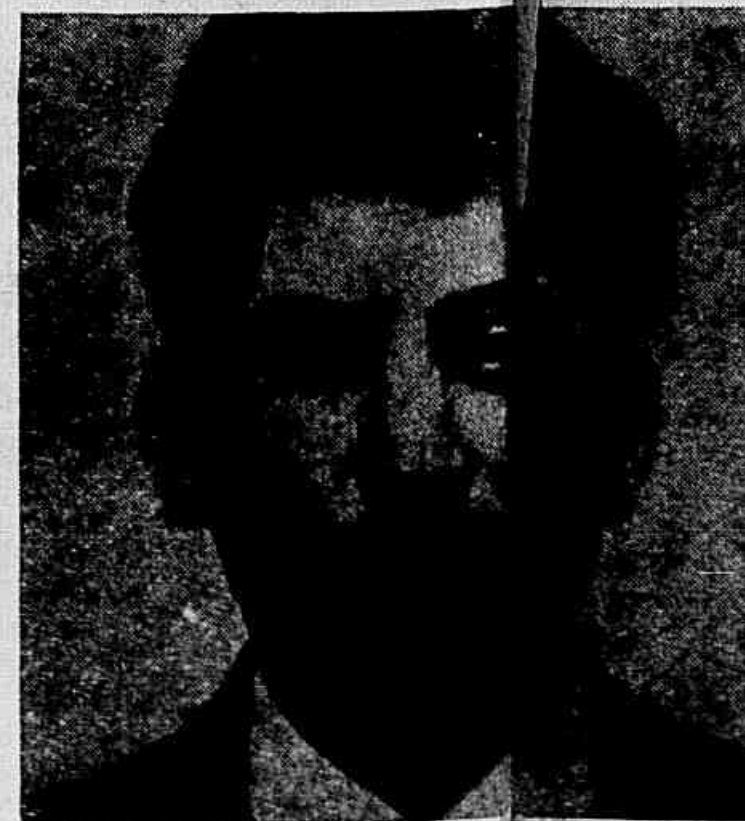
Em 1939 assina um pacto de não agressão com Hitler, e invade a Polónia e a Finlândia. No ano seguinte apodera-se dos Estados Bálticos e invade a Rumania.

Estes rápidos traços da história da Rússia Socialista mostram quanto ela está ligada à vida de Stalin.

O enigma permanece. A esfinge ainda não disse a sua última palavra.

Mas as páginas mais heroicas da história do seu país não poderão dispensar o nome de Joseph Stalin.

KAGANOVICH  
É UM GRANDE  
ADMIRADOR  
DE STALIN



STALIN QUANDO USAVA BARBA.



a Gugebez. Sta-  
sabe em qual,  
ministros são re-  
quer pelos seus  
na sala contigua  
sempre para di-  
no caso do de-

mpos a tempos  
qual parece ter  
certo seu confi-

dade de Gori, ao  
Soviética de Ge-  
homem, filho de  
itador da Repú-

. Em 1893 entra  
o tempo rebela-  
do-se revolucio-  
ninário, de onde  
ialistas. Começa

ao mesmo tem-  
ário. Nessa épo-  
e a sua primeira  
so e exilado na  
seis vezes.

e toma parte na  
pois, vamos en-  
o Comunista, es-  
anizador do pri-  
é a Camara de

em Trukansk.  
alarmante para  
incipiente, dedi-

erta-lo. Começa  
estalaria em ou-

organiza o Exer-

selho de Guerra  
ussos Brancos em  
na Ucraina, ten-  
em Krcnstadt.  
Partido, consolida  
aldade a Lenine.  
1924, Stalin sobe  
ki.

a direção geral  
de industrializa-  
do Plano Quin-  
estimulando ao  
ameaça alemã.  
de trotskistas do

ressão com Hitler,  
ano seguinte apo-  
a Rumania.

Russia Socialista  
a de Stalin.  
inda não disse a

stória do seu país  
eph Stalin.



AS MULHERES NUNCA TIVERAM GRANDE IMPORTANCIA NA SUA VIDA. ENTRETANTO, STALIN É CASADO EM TERCEIRAS NUPCIAS. ESTA É A ESPUSA ATUAL P.SSEANDO SOSINHA, EM PLENO INVERNO, NUMA RUA DE MOSCOU.



STALIN QUANDO USAVA BARBA.



A ESSE TEMPO, TAMBEM KAGANOVICH APRESENTAVA-SE BARBADO.



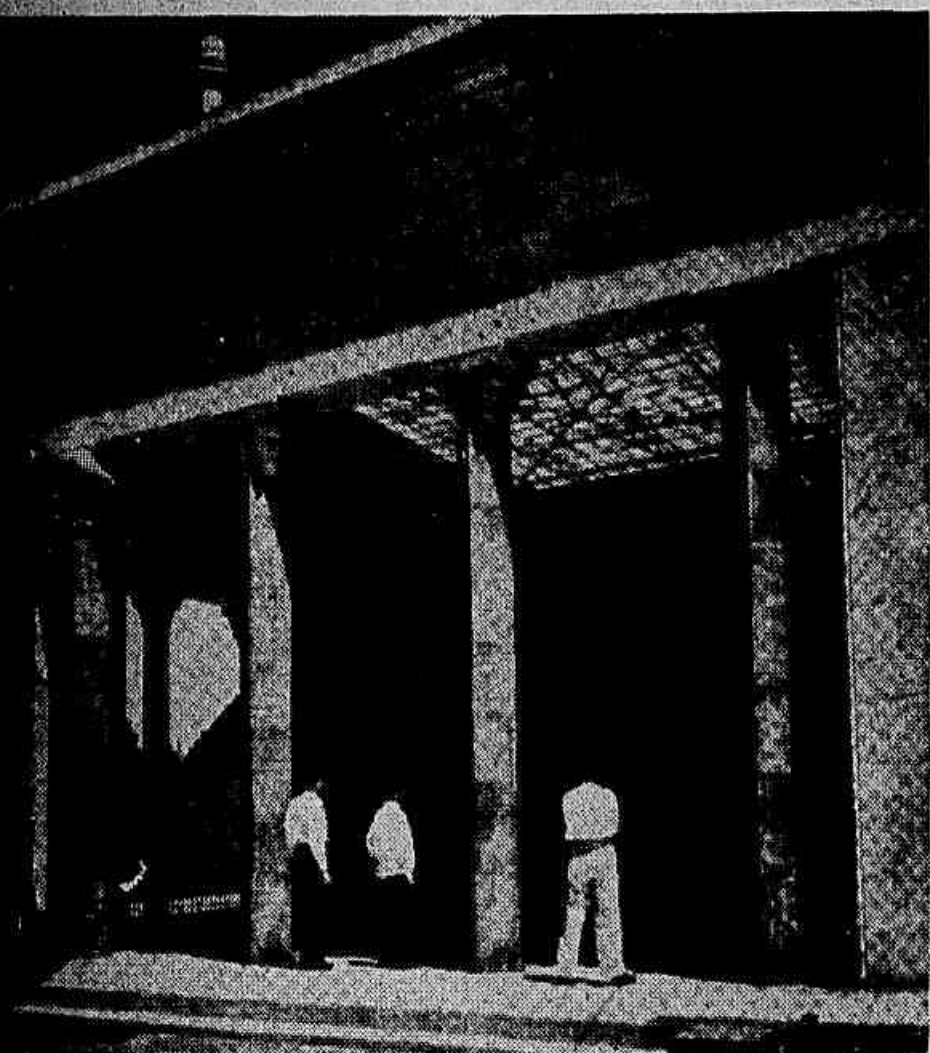
DEPOIS STALIN CONSERVOU APENAS O BIGODE.



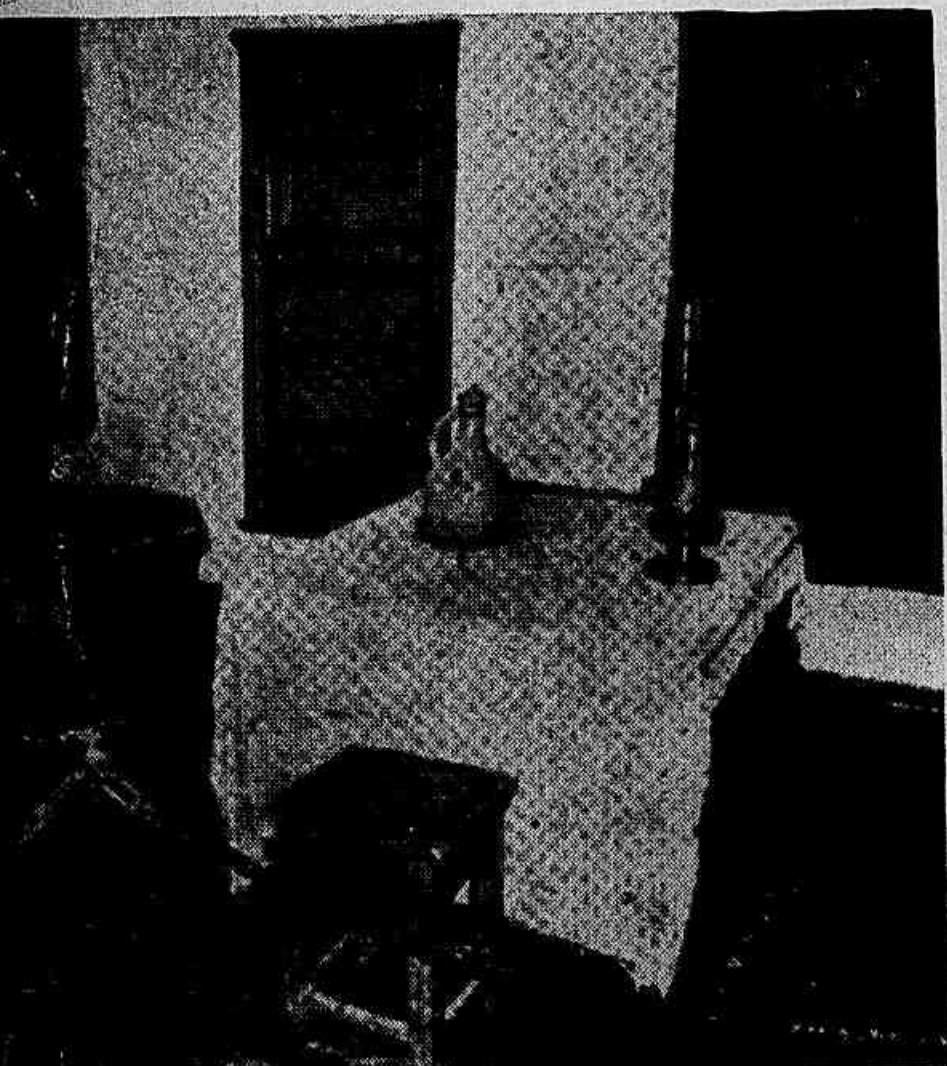
KAGANOVICH TAMBEM, AGORA, DE RASPADO.



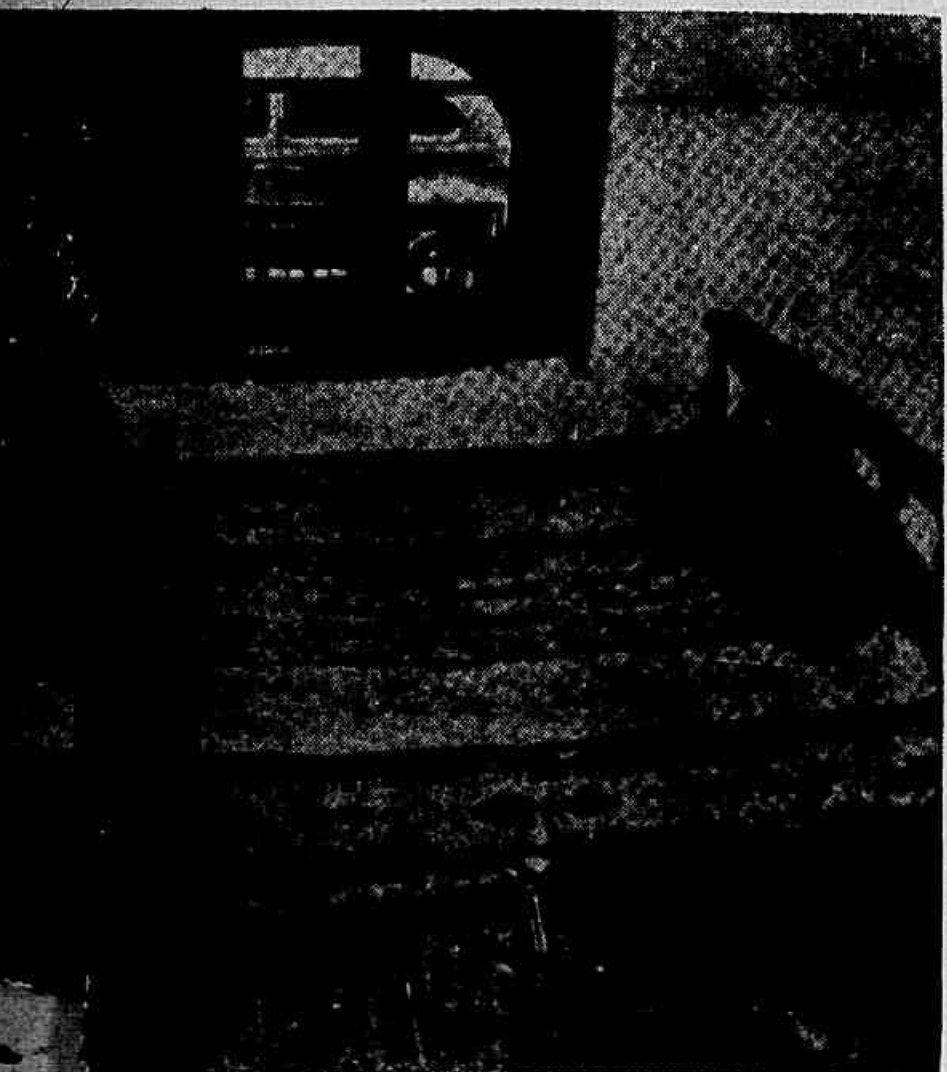
## de nasceu o homem de aço



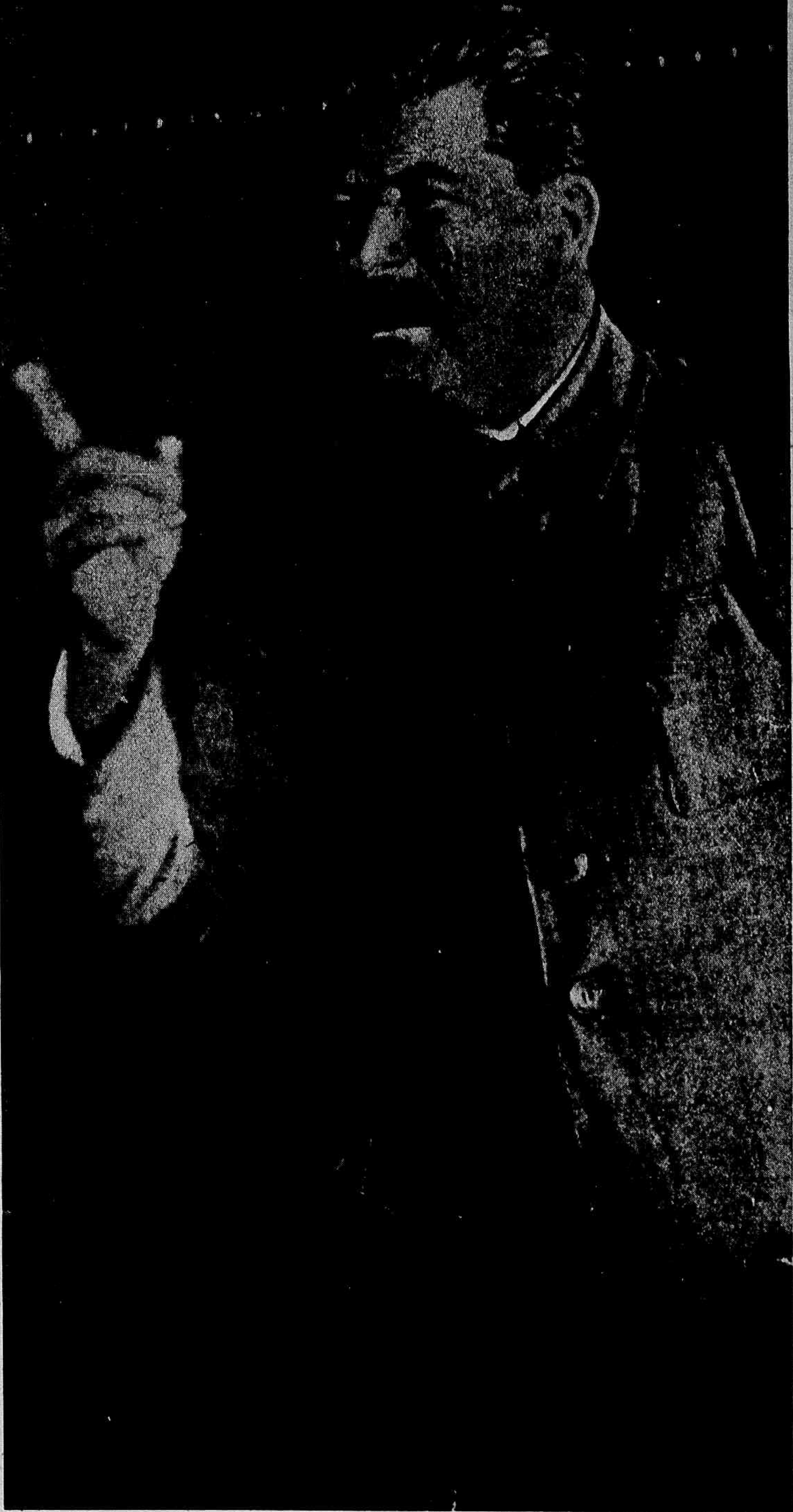
HUMILDE DE CAMPONEZES POBRES. ATUALMENTE TRANSFORMADA EM SAGRADA E COLOCADA NO INTERIOR DE UM MONUMENTAL TEMPLO DE "STALIN NASCEU AQUI EM 1874 E AQUI VIVEU ATÉ 1893" — DIZ UMA LENDA GEORGIANA E RUSSA. NA PORTA DE ENTRADA, EM REVERENTE PELO DITO, ALI VÃO TER TRABALHADORES E CAMPONEZES DAS 16 REPÚBLICAS SOVIÉTICAS.



NESSA MESMA CASA, STALIN ESTUDOU E TRABALHOU. AO MESMO TEMPO QUE ESTUDAVA HISTÓRIA, GEOLOGIA E POLÍTICA, EXERCIA A PROFISSÃO DE ALFAIATE.



NA MESMA CASA, ONDE APENAS A COLCHA VISTOSAMENTE ESTAMPADA QUEBRA A SIMPLICIDADE DA CASA, EKATERINA DJUGASHVILLI DEU A LUZ, EM 21 DE DEZEMBRO DE 1878. O PAI, QUE RECEBEU O NOME DE JOSEPH (JOSE).



— NÃO EXISTE CRIME CONTRA O MUNDO E A CIVILIZAÇÃO QUE A CRUZ GAMADA NÃO SEJA CAPAZ DE COMETER — DIZIA STALIN EM 1933. QUE NÃO SE ENGANOU INCUMBRAM-SE DE PROVÁ-LO OS ACONTECIMENTOS DESTES ÚLTIMOS CINCO ANOS. MAS STALIN, COADJUVADO PELAS OUTRAS NAÇÕES UNIDAS, ESTÁ ELIMINANDO DA FACE DA TERRA OS AUTORES DESSES CRIMES NEFANDOS.





A BARCA "JACANAN" ENCOSTADA AO CAIS DA ILHA DO VIANNA. ESTA EMBARCAÇÃO VEIO RESOLVER SATISFATORIAMENTE O PROBLEMA DO TRANSPORTE DOS OPERÁRIOS DOS ESTALEIROS DA ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE.

# Um dia de intenso jubilo na Ilha do --- Vianna ---



O SR. PEDRO BRANDO FALANDO SOBRE O GRANDE PROGRAMA DE CONSTRUÇÕES NAVAIS.

O dia 4 do corrente mês assinalou, para os operários e demais empregados da Organização Henrique Lage, uma data festiva, porquanto marcou o aniversário natalício do seu Superintendente, o Sr. Pedro Brando, cujos empreendimentos veem enriquecendo dia após dia a indústria nacional, nos setores mais diversos e difíceis.

Morto Henrique Lage, o saudoso idealizador e pioneiro da nossa indústria pesada, teve o eminente Presidente Getúlio Vargas o gesto altamente patriótico de incorporar ao patrimônio nacional as grandes indústrias por ele iniciadas, levantando o valor produtivo dos seus diversos ramos, que incorporou todos a grande organização que, em homenagem justa ao notável industrial, recebeu o nome de seu fundador.

Entregue que foi a supervisão de todos os seus departamentos a esclarecida inteligência do Sr. Pedro Brando, desenvolveram-se as notáveis indústrias, não perecendo assim no esquecimento uma obra de tão amplo vulto e que tantos benefícios tem prestado à Nação.

Nada mais justo pois que o jubilo geral com que foi comemorada na Ilha do Vianna a data natalícia do Sr. Pedro Brando, que nesta ocasião recebeu uma expressiva e entusiástica homenagem dos operários da Organização Henrique Lage, significativa demonstração de reconhecimento daqueles que sempre mereceram a sua dedicada atenção e simpatia.

A reportagem da REVISTA DA SEMANA compareceu a esta festa de cordialidade, onde pôde verificar de perto o que tem sido feito pelo dinamismo empreendedor daqueles a quem se entregou o grandioso patrimônio de Henrique Lage.

Nos estaleiros da Organização, foi o Sr. Pedro Brando recebido por uma compacta multidão de trabalhadores que, abrindo alas à sua passagem, aplaudiram-no entusiasticamente.

Iniciando as solenidades daquele festivo dia, foi entregue ao tráfego a barca "Jacanan", destinada ao transporte de operários da Organização e que, em menos de 8 meses foi construída naqueles estaleiros. Esta embarcação, com capacidade para 600 passageiros sentados, desenvolve uma velocidade de 10 milhas horárias e é dotada de casco de aço e outros requisitos de segurança e conforto.

O SR. PEDRO BRANDO, SUPERINTENDENTE DA ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE, AO LADO DE ALTOS FUNCIONÁRIOS DESTA GRANDE INSTITUIÇÃO INDUSTRIAL, AO CHEGAR À ILHA DO VIANNA PASSA ENTRE DUAS FILAS DE OPERÁRIOS QUE O ACLAMAM ENTUSIASTICAMENTE.



O SR. OSWALDO WERNECK DA ROCHA AGRADECENDO A HOMENAGEM.

Após esta expressiva solenidade teve lugar a inauguração dos retratos dos Srs. Henrique Lage, Pedro Brando e Oswaldo Werneck da Rocha, Chefes dos Estaleiros. Usaram da palavra os operários Antonio Pereira de Almeida e Alfredo de Oliveira, enaltecendo a obra dos homenageados. Agradecendo a inauguração de seu retrato o Sr. Oswaldo Werneck da Rocha pronunciou eloquente discurso que terminou sob calorosa salva de palmas.

Falou por fim o Sr. Pedro Brando que, após agradecer com viva emoção a homenagem que lhe era prestada, dissertou sobre o grande benefício trazido à organização pela barca "Jacanan", que, como explicou fora idealizada pelo saudoso industrial Henrique Lage que também lhe havia escolhido o nome.

Em seguida fez referência ao programa que havia sido traçado e aprovado pelo Sr. Ministro da Viação e Presidente Getúlio Vargas para a construção de 5 navios de 3.500 toneladas e 3 de 8.000 toneladas, o que vem dar àqueles estaleiros uma importante missão, capaz de garantir maior segurança de trabalho e melhor situação aos milhares de operários que labutam naquela grande empresa.

Falando, após, da solução integral que a entrega da embarcação oferecia ao transporte dos operários dos estaleiros, o orador terminou o seu discurso em brilhantes palavras, sendo vivamente aclamado pelo numeroso auditorio.

Desta festa, onde se pôde verificar o contentamento geral dos operários e auxiliares da Organização Henrique Lage, a nossa reportagem trouxe a mais grata das impressões.

O SR. ANTÔNIO PEREIRA DE ALMEIDA QUANDO, EM NOME DOS OPERÁRIOS DA ILHA DO VIANNA, SAUDAVA O SR. PEDRO BRANDO.





# Município de Lajes

## O QUE FOI A III EXPOSIÇÃO-FEIRA AGRO-PECUARIA DAQUELE MUNICIPIO

**Mais de quatrocentos expositores - A presença do interventor Nereu Ramos - As eloquentes palavras do representante do Sr. Ministro da Agricultura - Diversas inaugurações e grandes festividades no município.**

O desenvolvimento agro-pecuario do país dia por dia mais aumenta e apresenta novos índices de elevado progresso, em face da assistência protetora que lhe dispensa constantemente os poderes publicos, tornando aquele setor de nossa economia uma das mais importantes fontes de renda.

Os salutaros efeitos dessa politica de amparo e prestigio ao homem do campo, aos nossos agricultores e criadores, tem elevado sobremodo o padrão das atividades pecuarias no Brasil, em diferentes Estados da Federação, dando-nos uma destacada posição, como um dos maiores centros produtores de gado de raça e animais de classe.

Numerosos seriam os exemplos que poderíamos citar, apontando, de logo, o esplendor e riqueza de várias regiões do Triangulo Mineiro, de São Paulo, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, do Estado do Rio e de alguns Estados do norte do país, atestando sobejamente a nova fase de prosperidade que atravessa a nossa pecuária. Mas deixemos para outra oportunidade uma demonstração estatística dessa natureza, para focalizar, em linhas gerais, o surto dessa riqueza no florescente município de Lajes, no Estado de Santa Catarina, de onde obtivemos as fotos que ilustram estas páginas.

Naquele município, onde a visão esclarecida do Interventor Nereu Ramos não esqueceu esse importante ramo da produção, dando todo o amparo aos criadores e agricultores daquele Estado, a III Exposição-Feira Agro-Pecuaria acaba de revelar numa eloquente e expressiva demonstração o desenvolvimento pecuario daquela região, apresentando durante o referido certame, que durou de 18 a 20 de Março ultimo, varios e valiosos exemplares de gado de raça.

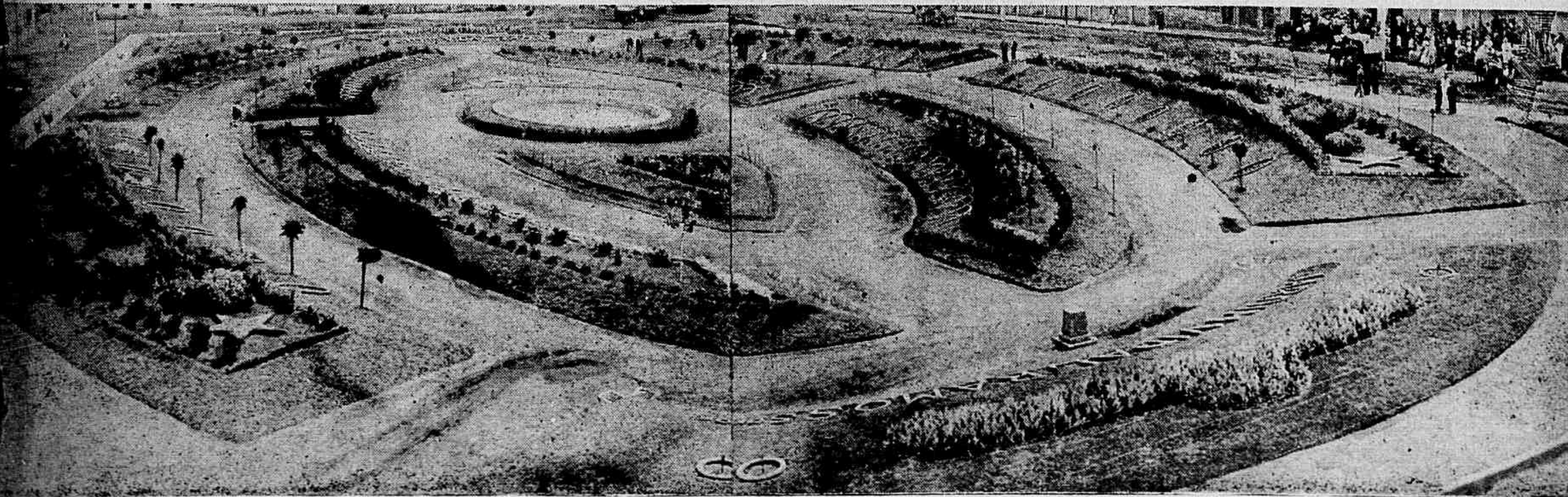
O certame, pela sua natureza, oferecendo novas perspectivas e melhores possibilidades aos criadores de Lajes, constituiu um dos maiores acontecimentos desses ultimos tempos para aquela cidade serrana, atraindo milhares de forasteiros e cerca de 400 expositores que se rejubilavam entre si, pela feliz oportunidade que tiveram para exhibir os melhores espécimens de sua criação.

O Interventor Nereu Ramos que esteve presente, como convidado de honra, para inaugurar a Exposição, ainda presidiu a inauguração de varias obras e melhoramentos, destacando-se entre ellas a "Praça Vidal Ramos Senior", como também a posição da placa em honra ao Prefeito da cidade, o sr. Vidal Ramos Junior, no bellissimo jardim daquele logradouro; o Mata-d'ouro Municipal e a Lavandaria do Hospital. Nessa excursão, o Interventor fez-se acompanhar de sua exma. esposa D. Beatriz Pederniras Ramos, que teve ensejo de receber inequivocas e merecidas provas de estima e simpatia da população daquela cidade.

A III Exposição-Feira Agro-Pecuaria que revelou na sua importante exhibição todo o esforço de capacidade, de empenho e de compreensão dos criadores da região pelos novos rumos da politica de economia e produção, preconizada pelo Presidente Vargas, constituiu também uma vitoria marcante da Associação Rural de Lajes, da qual é Presidente o sr. Vidal Ramos Junior, sob cujo patrocínio foi realizado aquele certame.

Inegavelmente, a grandiosa exposição deixou no espirito de todos quantos a presenciaram uma impressão satisfatoria e de geral agrado, tendo por esse motivo, o representante do sr. Ministro da Agricultura, dr. Julio Bittencourt, exteriorizado em palavras de elogios suas congratulações com os fazendeiros e criadores e com a sua associação de classe. — W. R.

VISTA GERAL DA PRAÇA "VIDAL RAMOS SENIOR", IMPONENTE REALIZAÇÃO URBANISTICA DO PREFEITO VIDAL RAMOS JUNIOR.





# destaca na pecuária nacional

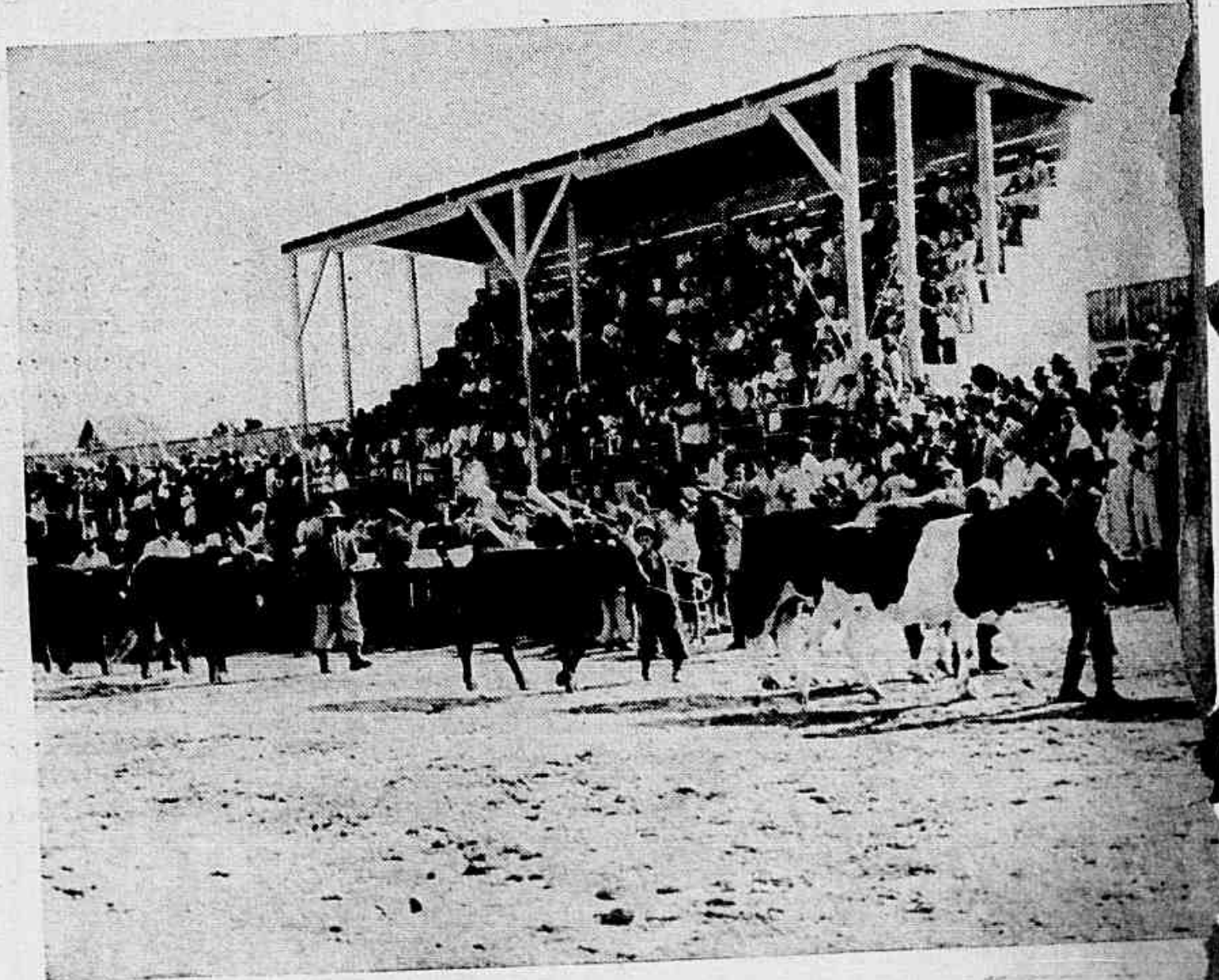
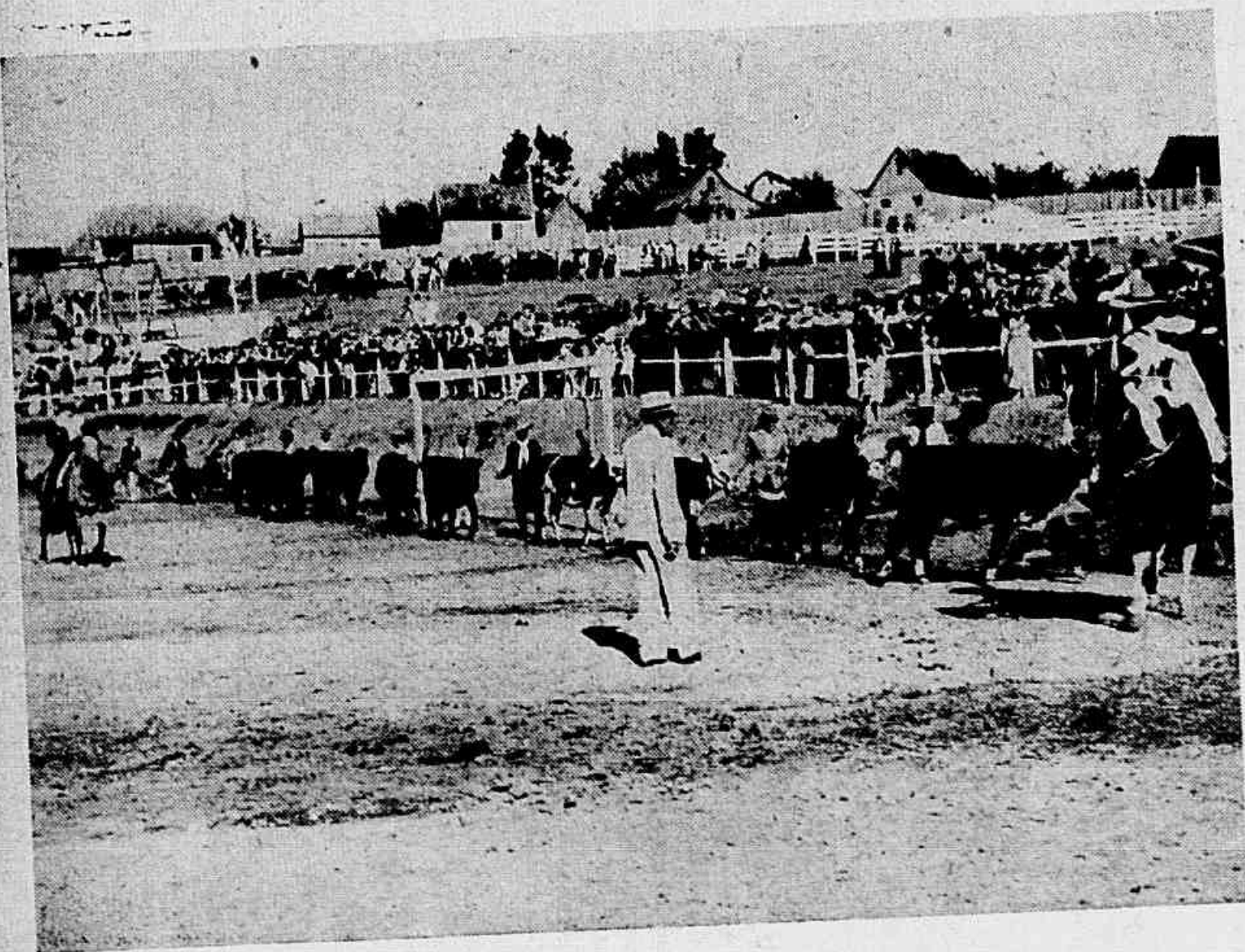


O INTERVENTOR FEDERAL EM SANTA CATARINA, DR. NEREU RAMOS, NO PAVILHÃO DA AGRICULTURA, APRECIANDO O "STAND" DO LAVRADOR CIRILO A. PEREIRA, DO DISTRITO DE CARU, QUE OBTVEU O 1.º LUGAR EM CONJUNTO EM BAIXO, S. EXCIA. EXAMINANDO O MILHO PRODUZIDO NA ZONA SERRANA.



O SR. VIDAL RAMOS JUNIOR, PREFEITO DE LAJES E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO RURAL, PROMOTORA DO GRANDE CERTAME PECUARIO.

DOIS EXPRESSIVOS ASPECTOS DO DESFILE DE ANIMAIS REALIZADO PERANTE NUMEROSISSIMA ASSISTENCIA.





# Espécimens classificados na III Exposição Agro-Pecuária de



A' esquerda — A NOVILHA "LIDIEE",  
DEVON DE 3 ANOS, PROPRIEDADE DO SR.  
ANTONIO LISBOA, PREMIADA COM O TI-  
TULO DE CAMPEÃ GERAL DA EXPOSIÇÃO.



A' esquerda — UM  
BELO ESPECIMEN DE HE-  
REFORD — "BATACLAN",  
DE PROPRIEDADE DO SR.  
MANOEL CLARO DE LIMA,  
PREMIADO COM O 1.º  
LUGAR.



A' direita — LOTE DE  
NOVILHAS DEVON QUE  
OBTVEU O TITULO DE  
CAMPEÃO DA EXPOSIÇÃO,  
PREMIADO COM A TAÇA  
GOVERNO DO ESTADO,  
PARA AS RAÇAS DE  
CORTE.



A' esquerda — ZEBU'  
DE PROPRIEDADE DO SR.  
LEANDRO ARAUJO VIEI-  
RA, DETENTOR DO 1.º  
PREMIO.



A' direita — OUTRA  
FOTOGRAFIA DE "LAM-  
PEÃO", O CAMPEÃO GE-  
RAL DA EXPOSIÇÃO. ESTE  
BELO TOURO PESA 380 KG.  
E CONTA 17 MESES. E'  
PROPRIEDADE DO SR.  
ARMANDO RAMOS.



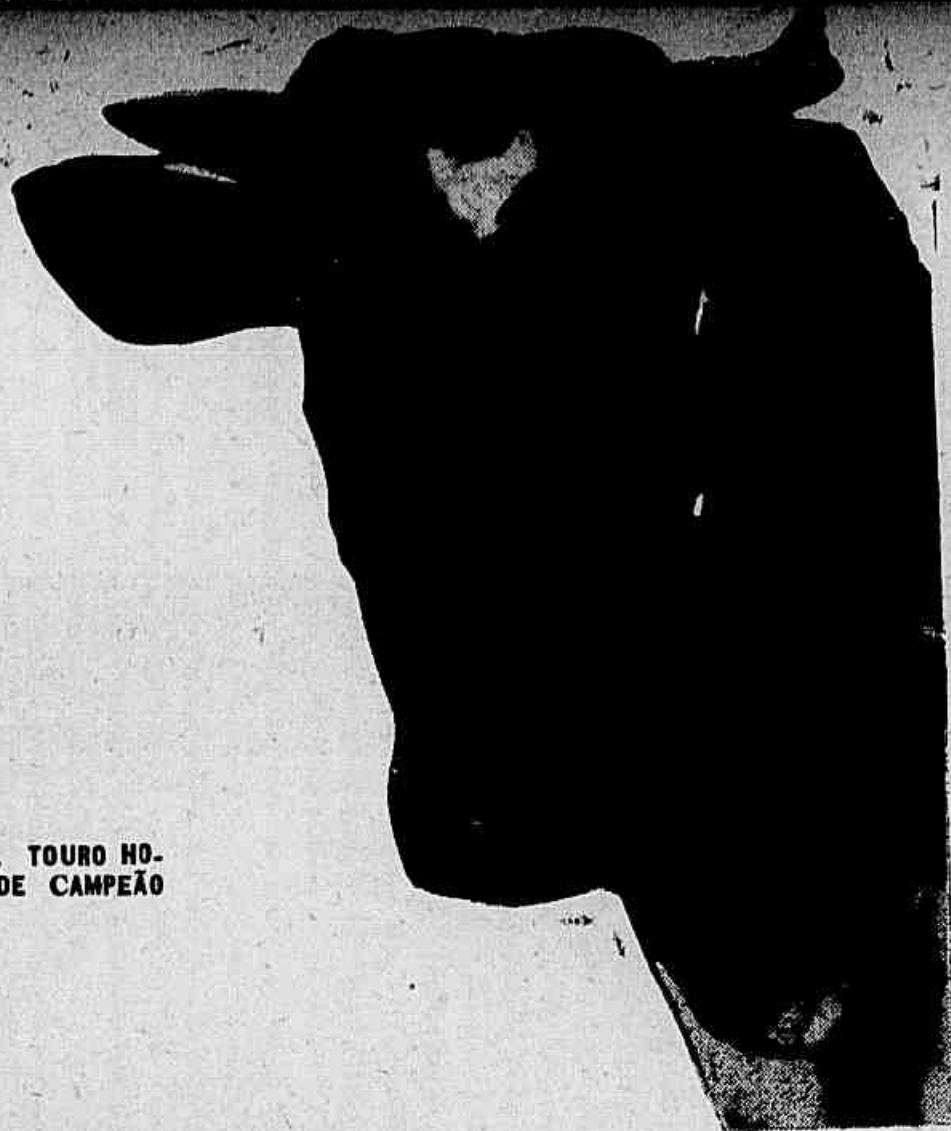
A' direita — REBANHO  
DE OVELHAS LINCOLN,  
DO SR. JUVENTINO QUA-  
DROS, LAUREADO COM O  
PRIMEIRO PREMIO.



A' esquerda — "FARO-  
LITO", TOURO NORMANDO  
DO SR. CESAR VIEIRA DA  
COSTA, 1.º PREMIO. "FA-  
ROLITO" TEM 18 MESES  
DE IDADE E PESA 380 KG.



# LAJES



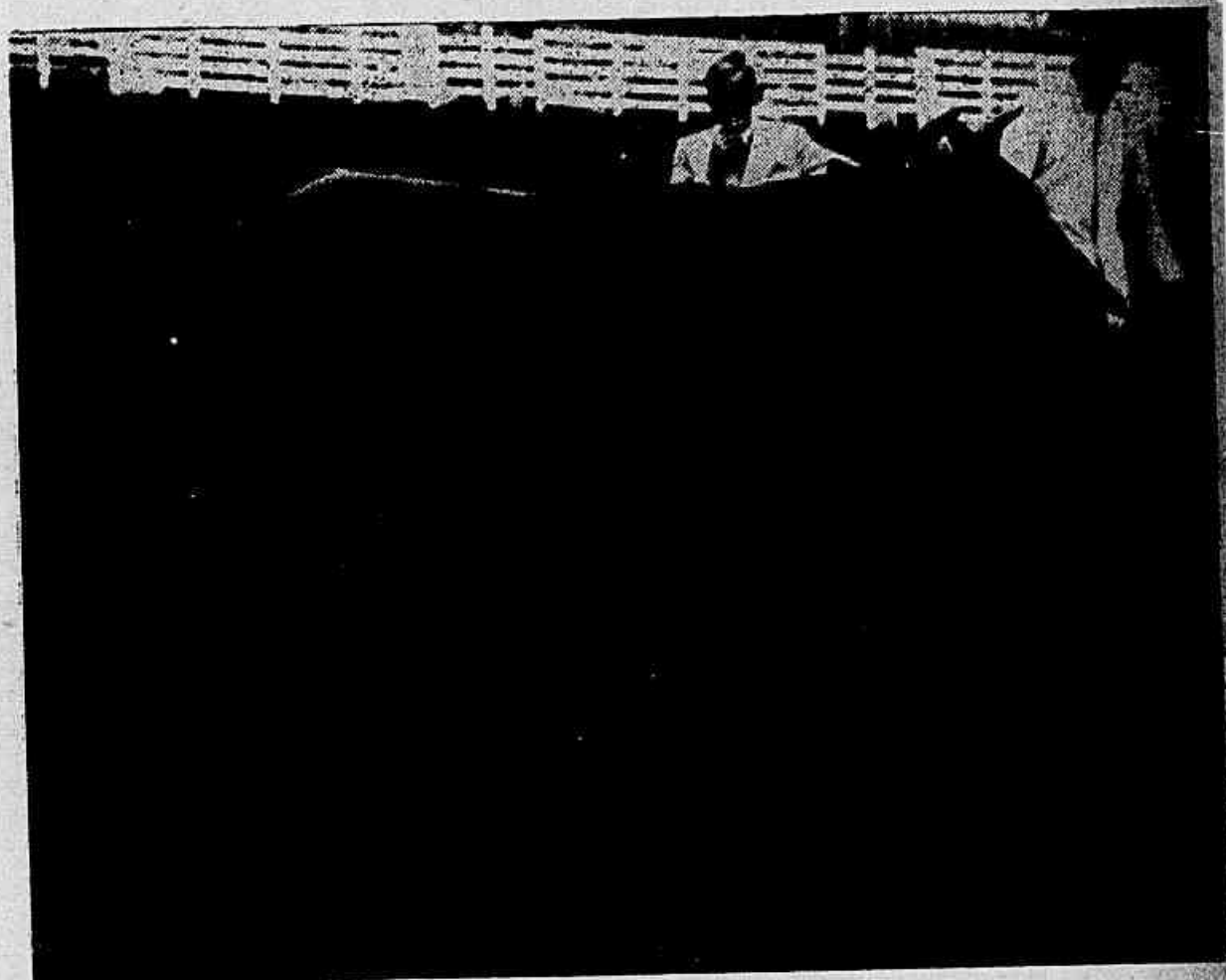
CABEÇA DE "LAMPEÃO", TOURO HOLANDEZ, DETENTOR DO TÍTULO DE CAMPEÃO GERAL DA EXPOSIÇÃO.



REBANHO NORMANDO, PESO MEDIO DE 550 QUILOS, DE PROPRIEDADE DO SR. BELISARIO DA SILVA RAMOS, QUE OBTVE O PREMIO DO GOVERNO DO ESTADO PARA GADO MIXTO.



A' esquerda — O PRIMEIRO PREMIO PARA POTRANCAS COUBE A "REPÚBLICA", DE RAÇA INGLESA, CRIAÇÃO DO SR. VALDO COSTA.



A' direita — "BAGE", CARACU' DE 18 MESES, 427 KGS. DE PESO, PROPRIEDADE DO DR. IDALECIO ARRUDA, PREMIADO EM PRIMEIRO LUGAR.



A' esquerda — A EGUA BALISA, MANDALARGA DE 4 ANOS E MEIO, PROPRIEDADE DO DR. IDALECIO ARRUDA, CONQUISTOU O PRIMEIRO LUGAR PARA ANIMAIS DE SUA ESPECIE.



A' direita — VACA HOLANDEZA DE 18 MESES, PROPRIEDADE DO SR. VIDAL RAMOS JUNIOR, DETENTORA DO PRIMEIRO PREMIO.



A' esquerda — O TOURO "TIMOSCHENKO", DE 30 MESES DE IDADE, RAÇA DURAN, PROPRIEDADE DO SR. LOTAR DE ANDRADE, DETENTOR DO PRIMEIRO PREMIO.



A' direita — LOTE DE NOVILHAS CARACU' DE PROPRIEDADE DO DR. IDALECIO ARRUDA.



# AINDA HÁ TEATRO DE



Uma reportagem no palco e nos bastidores do teatro João Caetano -- Beatriz Costa ficou pelo Brasil com o advento da Guerra e continua satisfeita -- Oscarito é muito diferente fora de cena -- Bernard Shaw em uma divertida paródia na revista "Fogo na Cangica" -- Sim, ainda há revistas que agradam...

Há quem proclame, com foros de verdade, que o tempo do teatro popular por excelência já vai longe. Dir-se-ia que o advento do cinema e a expansão maior do gênero comédia nos palcos da Cinelândia e arredores tivessem afastado o público do reduto da praça Tiradentes, onde as revistas por sessões ficaram sendo uma verdadeira tradição da cidade nestes últimos trinta anos... Seria verdade?

Foi o que a nossa reportagem procurou averiguar, tomando para ponto de referência de suas observações o velho Teatro São Pedro de Alcântara, hoje crismado João Caetano, em louvor ao grande trágico que ali viveu as suas horas de triunfo maior.

No João Caetano vem atuando, nestes últimos meses, uma das nossas companhias tipicamente populares, das poucas que ainda exploram a revista, que teve seus tempos de extraordinário relêvo no cenário

BEATRIZ NA GAROTA DO CHAPEUSINHO VERMELHO DA SUA MAIS RECENTE REVISTA, "FOGO NA CANGICA". A CHAPA FOI BATIDA NO CAMARIM, QUANDO A "ESTRELA" SE PREPARAVA PARA ENTRAR EM CENA. VE-SE AO FUNDO SUA BONECA-PREDILETA. AO ALTO, BEATRIZ NO FINAL DO 2.º ATO, O QUADRO "ESPIGAS DE MILHO".



# REVISTA ?



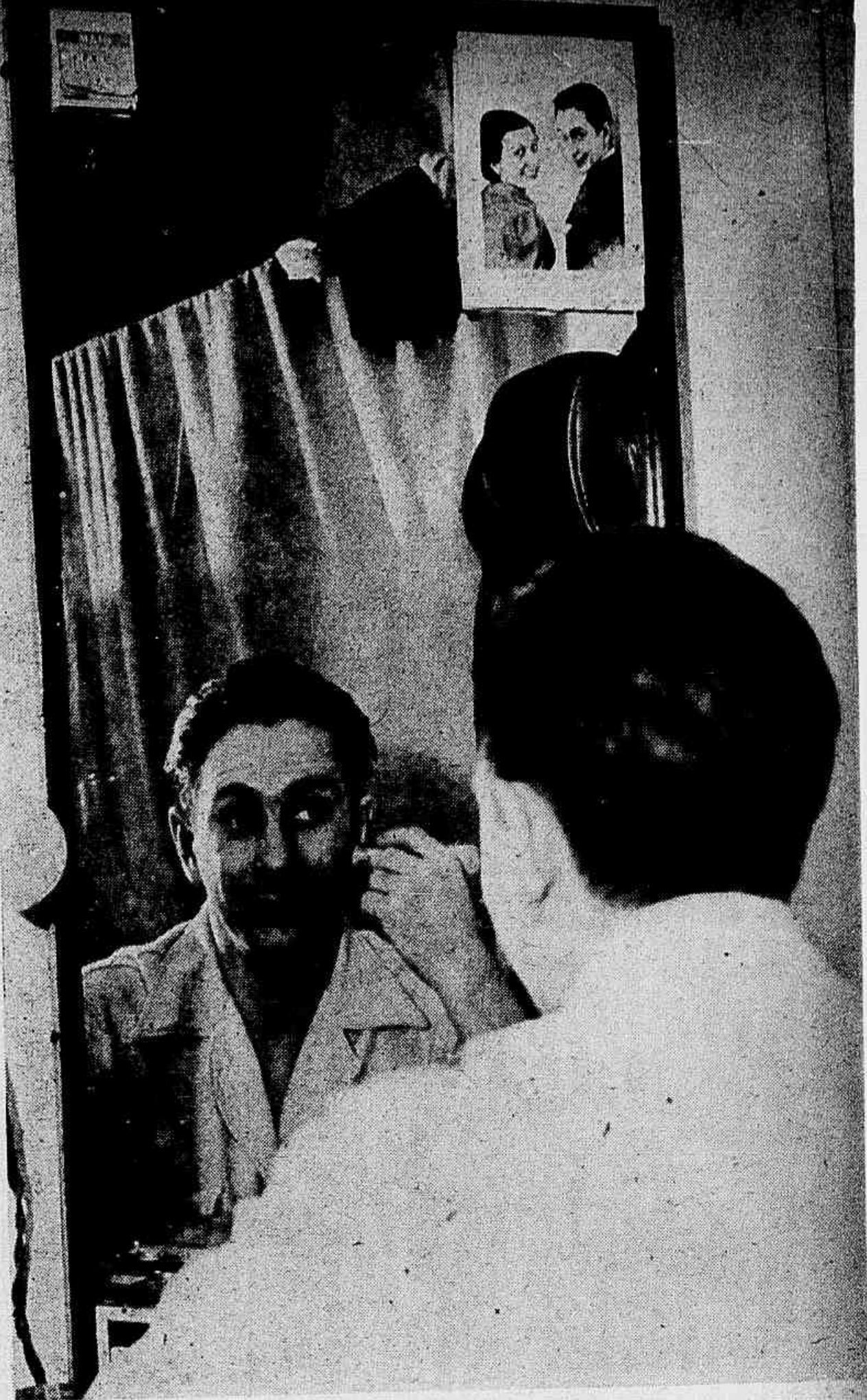
MARGOT LOURO, ESPOSA DE OSCARITO, RAQUEL MARTINS E LILY NORMAN, TRÊS OUTROS ELEMENTOS DA COMPANHIA DE REVISTAS BEATRIZ-OSCARITO. AO FUNDO, A PLACA EXISTENTE NA "CAIXA" DO TEATRO JOÃO CAETANO, LEMBRANDO A PASSAGEM DE LYDIA BORELLI, EM 1909, PELO ANTIGO TEATRO SÃO PEDRO.

teatral carioca. Representava-se "Fogo na Cangiça" e falavam-nos, insistentemente, de um quadro de sátira à peça de Bernard Shaw "Cesar e Cleopatra", recentemente levada à cena no Municipal por Dulcina e Odilon. Fomos assisti-lo. De fato, o público ria bastante, fazendo jus ao velho rifão — "às bandeiras despregadas". Oscarito dominava a plateia com o seu humor tão do agrado do público, enquanto Beatriz se destacava em números de fantasia e de comicidade também.

Mas interessava-nos ouvir Beatriz e Oscarito, não apenas no palco, mas também nos bastidores. Fomos encontrar a "estrêla" refazendo o *maquillage* para outro de seus números de sucesso, êste em estilo dramático, a viúva do quadro "Pescadores de Nazaré". Assim mesmo recebeu-nos com o melhor de seus sorrisos:

— Si ainda há revista? — disse-nos. — "Oh, filho!" Então não vês a plateia alegre, satisfeita, rindo quando a fazemos rir, emocionando-se quando lhe damos um número mais sério?

E compondo o penteado que já aboliu a franjinha de outros tempos:



A OBJETIVA FOI SURPREENDER OSCARITO EM SEU CAMARIM PREPARANDO O TIPO DA SUA ENGRAÇADA CHARGE A "DULCINA EM CLEOPATRA," COMO SE VE NO CLICHE' INFERIOR. A OBSERVAR, NO ASPECTO SUPERIOR, UM RETRATO-MASCOTE COM OSCARITO E SUA ESPOSA A ATRIZ MARGOT LOURO.





— Existe e existirá enquanto houver bons revistógrafos, empresários dispostos a dar ao público espetáculos leves, decentes e bem vestidos, com boa música e artistas que se esforcem...

— Muitas saudades de Portugal? — arriscámos.

Beatriz prega em nós seus dois grandes olhos negros:

— Muitíssimas... Querés saber? Chego a pensar que não vou a Portugal há mais de vinte anos... Mas nem por isso estou triste. O Brasil prendeu-me de tal modo que, agora, estou com medo de me ausentar...

— Por que?

— Porque as mesmas saudades e melancolia igual hei de sentir fatalmente quando descer em Lisboa...

O contra-regra dava o segundo sinal. Beatriz devia entrar daí a dois minutos. Lá fora, Oscarito passava metido em outro de seus



CLEOPATRA E FTATITA, A' ESQUERDA, EM BAIXO, TAMBEM CESAR OS TRES PERSONAGENS DESTACADOS DA PEÇA DE BERNARD SHAW, VIVIDOS RECENTEMENTE POR DULCINA, CONCHITA DE MORAIS E ODILON NO PALCO DO MUNICIPAL, FORAM CARICATURADOS RESPECTIVAMENTE POR OSCARITO, BEATRIZ E WALTER D'AVILA. RECENTEMENTE, DULCINA E ODILON ASSISTIRAM E RIRAM BASTANTE COM A "CHARGE" DOS POPULARES ARTISTAS, TESTEMUNHO PATENTE DO EXITO DE "CESAR E CLEOPATRA" NO MUNICIPAL.

tipos caricaturais. Agora era o "Zebroide", um sujeito muito esquisito...

E foi apressado, necessitando mudar de roupa e de pintura em cinco minutos, que ainda nos disse:

— O teatro de revista está vivendo uma de suas melhores fases, pode acreditar. Si duvida, peça ao Celestino Moreira que lhe

mostre os *bordereaus* desta temporada...

Sáimos do João Caetano vencidos. Não acabou o teatro popular por excelência, não, senhores, embora numa das paredes do antigo São Pedro de Alcântara continue pregada a placa come-

morativa da passagem de Lyda Borreli — "genio che spunta" — ou melhor, que despontava no remoto ano de 1909, que Deus levou há muito tempo...

No palco, as *girls* de Beatriz dançavam e cantavam. O público aplaudia. E Oscarito preparava novas "bolas" com o seu colega Walter D'Avila para a entrada seguinte...







**É** domingo. Os garimpos ficam em repouso, dormindo até mais tarde. A mulher e as filhas vão às compras na feira ou cuidar da roupa que precisa ser lavada à beira-rio. A cena passa-se — como em radio-novelas — a menos de uma hora de Belo Horizonte, em Sabará, a terra da siderurgia, Sabará que Borba Gato fundou por contingências da vida e que soube tornar-se um patrimônio do Estado, uma relíquia autêntica do Brasil colonial, cujo estilo obrigatoriamente se mantém até nas construções mais novas. Observe-se o detalhe do lampeão, tipicamente colonial. A objetiva apanhou, de surpresa, a mulher de um garimpo atravessando a ponte na junção dos rios Sabará e das Velhas. Tudo está quieto e manso, nem os garimpeiros são vistos lá em baixo, onde se encontram as centenas nos dias de semana. Mas acontece que “hoje” é domingo. Os garimpos ficaram em repouso...

**COISAS DO**

*Brasil*





ASPECTO DA INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE PINTURA JOSÉ MARIA DE ALMEIDA, NO SALÃO NOBRE DO PALACE HOTEL, PATROCINADA PELA SOCIEDADE BRASILEIRA DE BELAS ARTES.

# UM PINTOR

Cinquenta interessantes télas, na maioria reproduzindo flagrantes contemporâneos do Rio — alguns, flagrantes transitorio: — fôram expostas por José Maria de Almeida, durante duas semanas, no salão nobre do Palace Hotel. Esta foi, ali's, a quinta exposição realizada pelo conhecido artista, e, como das anteriores, ela marcou um legítimo e notecimento artístico e social. Damos, nesta pagina, além de um aspecto artistico batido no ato da inauguração, com a presença de conhecidas figuras do nosso mundo artistico e social, destacando-se o professor Osvaldo Teixeira, diretor da Escola de Belas Artes,



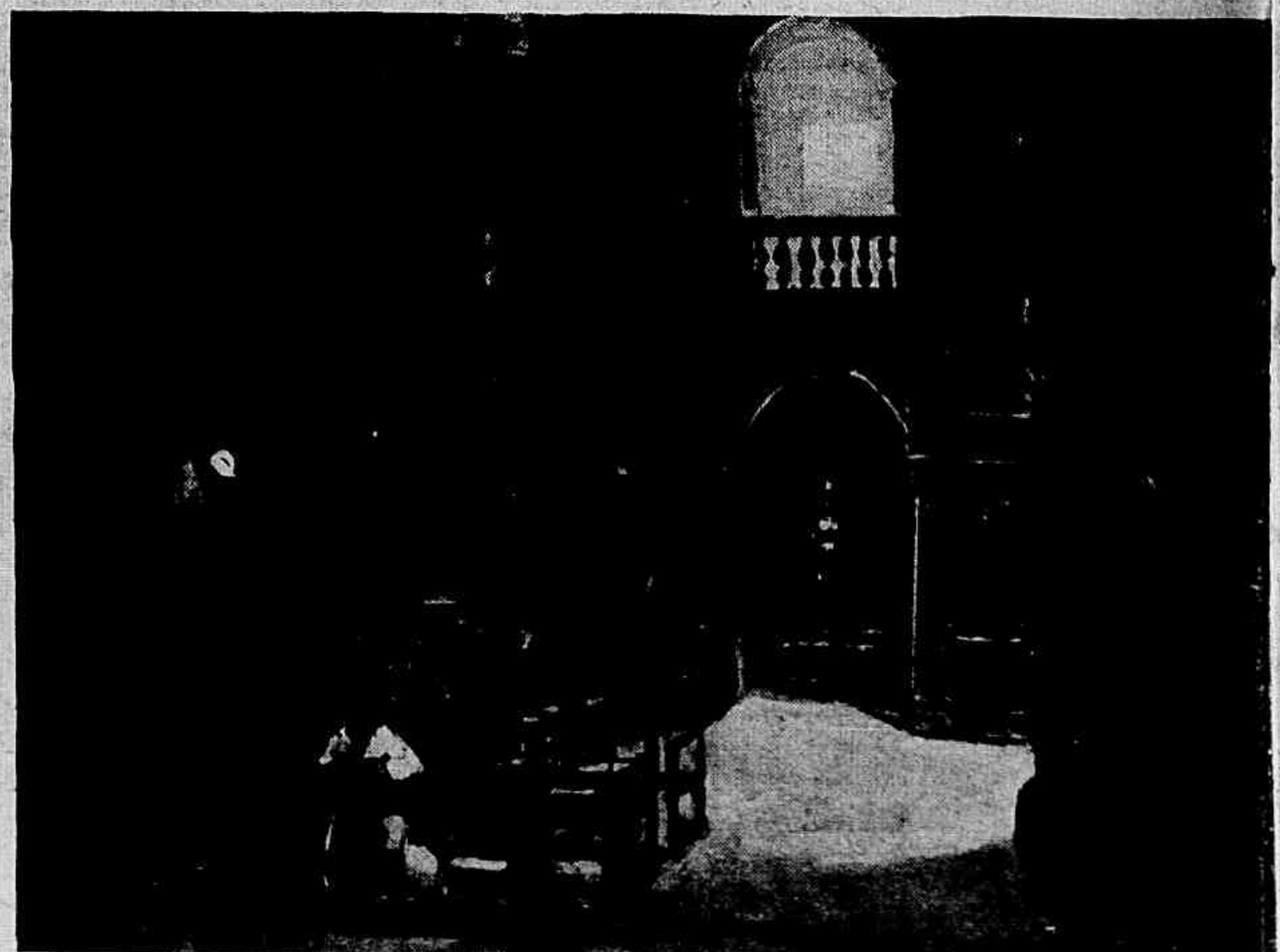
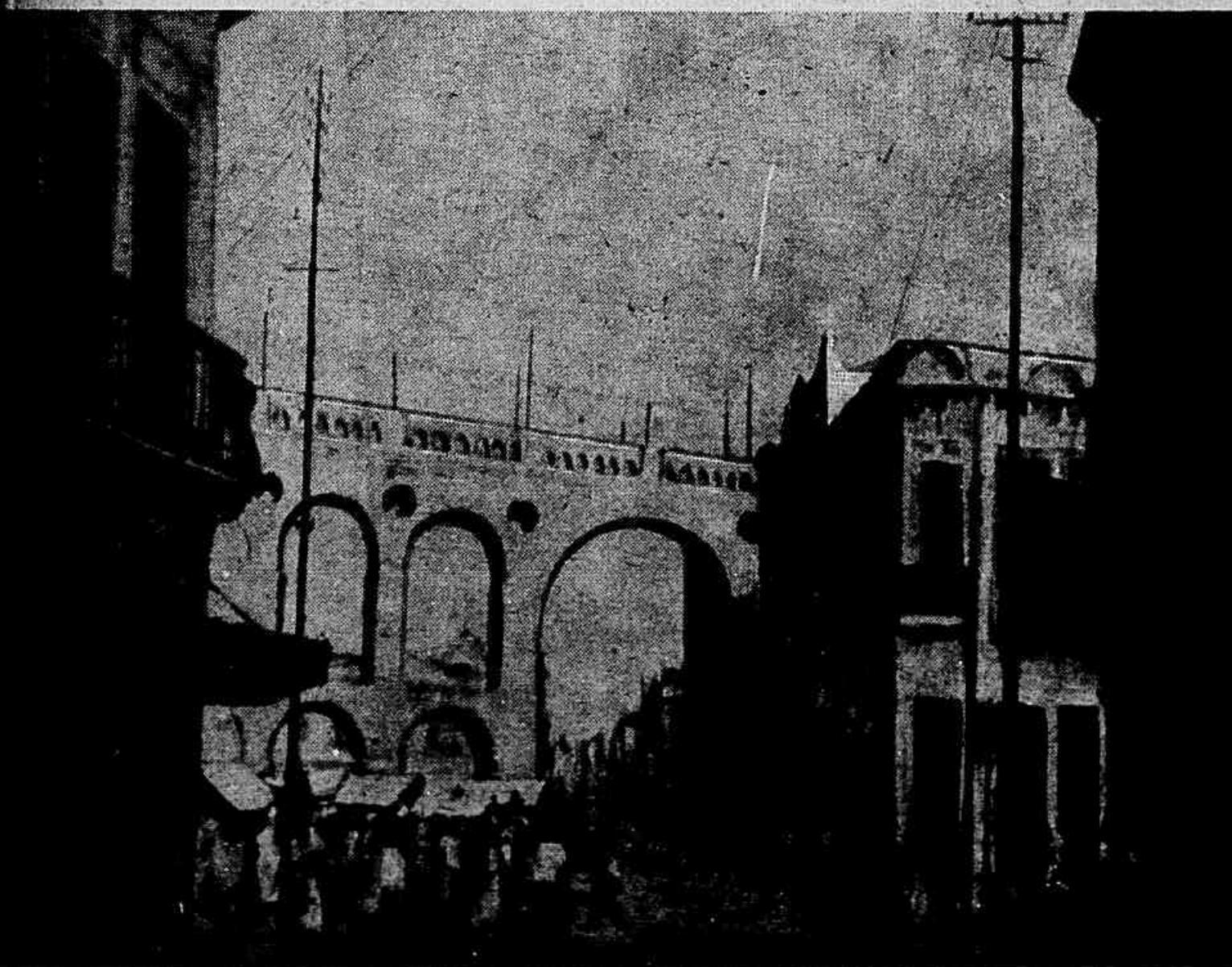
DEMOLIÇÃO PARA ABERTURA DA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS.

# DA CIDADE

ainda a reprodução de três dos quadros mais sugestivos que ali fôram apresentados. Mas, além desses, outros detalhes das obras da abertura da Avenida Presidente Vargas, da Estrada do Sumaré, do Bêco dos Ferreiros, da Bôca do Mato, etc., inspiraram ao artista excelentes trabalhos. A destacar, ainda, duas ruas de Ouro Preto, varias paisagens de Saquarema e um magnifico panorama de Ponta da Areia. Quatro "interiores" do Mosteiro de S. Bento, dos quais um focalizado nesta pagina, mereceram desvanecedoras referencias de quantos tiveram em jo de visitar a exposição José Maria de Almeida, que se prolongou de 9 a 16 de Maio.

PRAÇA DOS ARCOS — EM DIA DE FEIRA.

MONTEIRO DE SÃO BENTO — INTERIOR







LOUISE ALLBRETT DA UNIVERSAL.

# NOS BASTIDORES FEMININOS

## LAVRADORAS DA VITÓRIA

A mulher da retaguarda da guerra tem também importante missão a cumprir, tão importante e tão heroica, quanto a daquelas que envergam a farda belica ou o overall de operários nas indústrias de morte. A terra, mãe ou madrasta, por causas geológicas inerentes à sua matéria, dá, sempre que amanhã com carinho, o fruto centuplicado do trabalho humano. Nas terras adistas onde o cardeiro erigido medra, nas terras de marisma, ou nas extensões onde o humus é rico, prometendo plétórica abundância ao lavrador, o homem incansável e tenaz atira ao sulco rasgado pelas suas mãos, a semente da vida vegetal. O lavrador ri, de mãos calosas e alma arquiangelica, na bruteza mesmo da luta, em que diariamente se empenha, sente o estímulo na esperança da colheita porque já conhece a generosidade dadivosa da terra. Hoje, que o "Dies Irae" calcinou a terra, e o sangue humano a está fertilizando brutalmente, como um reptil do homem a natureza, a mulher saca da cabana e vai para os campos empunhando as armas da lavoura, substituindo

o marido, o filho, o próprio trabalhador, assalariado, cuja vida o moloch da guerra está exigindo, na hora negra que caiu sobre a humanidade. A Eva da lenda da serpente terrenal, da árvore da vida, árvore cosmogénica da ciência do bem e do mal, a hidrútil dos escandinavos, cujos frutos eram cabeças humanas, ergueu-se de há muito do fundo dessa cuba embuscada de mentiras cor de rosa, para palmilhar o caminho da vida neste planeta em que se processa a sua metempsicose. A amazona, ou a Walkiria, a filha de Marte, ou de Vulcano, é também o pégaso aliado que corta os ares como monstro de aço, atirando a morte entre seus irmãos, mas as filhas de Ceres e Flora também tomam o seu na ronda trágica, para semear a seara da vida adubada pelo humus da morte.

As lavradoras, do exercito da retaguarda, na guerra passiva contra o inimigo, são o elemento construtor por excelência, pois são as auxiliares máximas do esforço da alimentação, base da vida.

WALLY.





Para o  
NOSSO

JANET MACKENZIE

**N**ós, brasileiras, não podemos falar seriamente em outono ou primavera, quando na realidade temos apenas duas estações bem definidas no sul, pois no norte costuma-se dizer que existem duas estações: do pó e a da lama. Talvez haja aqui uma força de expressão ou de extremos, para designar o calor forte que resseca a terra e a época das chuvas torrenciais que transformam o pó em lama. No Rio o verão era tórrido e o inverno clemente; tem havido, porém, nos últimos anos uma inconstância tal de temperatura, marcada sobretudo pela prolongação do inverno, e esse inverno cortado por dias de sol ou de chuvas, que mal se pôde dizer que temos duas estações. As manhãs são as vezes ensolaradas, anunciam um dia veranico; a tarde sopra um vento frio arripante. Que se ha de usar com tal volubilidade climaterica? O que devemos realmente fazer é crear a nossa moda, ou pelo menos nacionalisar a que nos chega do outro lado do mar, como estão fazendo as nossas inteligentes e elegantes irmãs desta America.

A americana resolveu o seu problema interno tornando a moda mais pratica e entrosando-a as circunstancias; assim o



# SSO Inverno



chapeu mais moderno é aquele que se amolda à cabeça sem precisar de alfinetes, barbicacho, etc. O vestido de noite é bordado de paillettes ou sedas e fios brilhantes mas é de preferência curto. A linha favorita é a réta e estreita.

As nossas elegantes já estão pensando na temporada do Municipal e no que poderão exhibir; damos aqui dois modelos para as noites de gala;

LILLIAN ALLBRETT, outra formosa estrela da nova constelação da Universal, exhibe um lindo vestido em jersey de seda branca, drapeado grego na frente da saia estreita para baixo, o decote é discreto e a manga três quartos; pôde ser curto com uma fivela de paillettes sustendo o drapeado. Flôr de lamé nos cabelos.

LORETTA YOUNG — mostra a elegância de uma rica — bisão longa com manchon e o béret posto atrás do penteado. A linda "star" da Universal usa este conjunto maravilhoso com o cachecol de renda de escumilha sobre um vestido preto.

ELEANOR PARKER da Warner — exhibe um dos modernos chapéus postos atrás do tufo do cabelo harmonicamente arranjado para dar-lhe o realce de um simples enfeite. Esta é a linha mais moderna de chapéu além da variante das casquetes bem enterradas sobre as orelhas e que são confeccionados em feltro, veludo e peles raras.

A americana diz — tudo deve ser pratico e simples, porque os dias chegam desiguais e cheios de surpresas e trabalhos; para que complicar as cousas, num mundo já de per si tão complicado?





# Adornos

Alguns interessantes motivos de adorno — brincos, pulseiras, brôches e "trousses" — em curiosas fantasias, apresentados pela nova revelação da Metro, Signe Hasso, recém-aparecida em "Encontro com o perigo" e que fez, também, aquela interessante criadinha de "Satan janta conosco". Mas Signe Hasso, que é sueca, sem qualquer intenção de substituir Greta Garbo, mostra-nos também um lindo chapéu de outono e um penteado ultra-moderno. Sem falar no vestido, em linhas simples e mangas folgadas, com os punhos presos ainda por elegantes abotoaduras obedecendo ao mesmo jogo de fantasia dos demais adornos.



# FIGURAS E FATOS

## A INAUGURAÇÃO DO BANCO NACIONAL DE DEPOSITOS S. A.

Realizou-se no dia 6 do corrente mês, nesta Capital, à Rua da Assembléa numero 70, a inauguração do Banco Nacional de Depositos S. A. de que são diretores os srs. dres. Epitacio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, Eronides de Carvalho e Otacilio de Luce a Montenegro. Ao ato compareceram elementos representativos de todas as classes sociaes do Distrito Federal e autoridades locais.

A benção ao novo estabelecimento foi dada por monsenhor Benedito Marinho que proferiu, no momento, uma oração alusiva á solenidade; a seguir, o Diretor-Presidente do Banco, o sr. Dr. Epitacio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque falou em nome da diretoria dizendo as razões que determinaram a fundação do Banco Nacional de Depositos, suas finalidades e seu programa de ação. Afinal, o representante do sr. Prefeito do Distrito Federal retirou a bandeira que cobria o retrato do sr. Presidente da Republica apostado na sala principal. Doces e bebidas finas foram servidos aos presentes.

### ANIVERSARIOS DA SEMANA

21 — Senhoras: D. Ignezita Felix Pacheco de Brito, D. Sylvia Sampaio, D. Marcilia Affonso de Barros Bevilacqua. Senhores: Dr. Francisco Bevilacqua, Antonio Augusto de Almeida, Al'd's de Souza. Senhorita Hortencia Soares de Alcantara.

22 — Senhoras: D. Trinidad Alvarez Bayma. Senhorinha: Lucia Wolf. Senhores: Dr. Fernando Falcão, Dr. Camilo Guerreiro, Contra-Almirante Carlos Augusto Gaston Lavigne, Mario Guarana de Barros.

23 — Senhoras: D. Olga Machado Truda, Viuva D. Julia Brasil de Almeida. Senhores: Desembargador Derio Cesario Alvim, Dr. Carlos Taylor, Dr. Mario Leão Ludelf, Dr. João Maria do Vale Carvalho, Dr. Sivils Muller Pereira.

24 — Senhoras: D. May Reyoi Uchôa, D. Luiza Berg Cabral. Senhores: Consil Ozorio Dutra, Henrique Dias Coelho, Dr. Alvaro de Mello Alves, Dr. Antenor Leandro da Costa, Antonio Emvadio, Capitão Gastão Guimarães de Almeida, professor José Arthur Alves da Cruz Rios.

25 — Senhoras: D. Isaura Duval, D. Ana da Costa Moreira, D. Laura de Brito Leitão, D. Olga Cortez. Senhorinhas: Celeste de Castro Continente. Senhores: Oscar Carvalho Azevedo, Dr. Belizario Tavora, Dr. Luiz Sodré, Dr. Edgard Braga, Dr. Renato Clark Bacellar, Dr. Benjamim Costallat, Dr. Rodolfo Garcia. Meninos: Pedro Paulo Berna, Sergio Tapajós Gonçalves.

26 — Senhoras: D. Maria de Lourdes Frazão, D. Rosa Parodi da Cunha, Hilda Fernandes Lopes. Senhores: Dr. Raul de Faria, Dr. Armando Martins de Freitas, Professor Jarbas Ramos.

27 — Senhoras Embaixatriz Lady Anna da Fontoura Xavier, D. Maria Pereira Lago. Senhores: Dr. Luiz Augusto do Rego Monteiro, Dr. Raulpho Borayuva Cunha, Fernando Marques Lisboa, Dr. Izidro Pereira da Silva, Dr. Djalma Fonseca He'mes, Dr. Castro G'vana, Ministro Arthur de Souza Costa.

## Missa em ação de graças

Tendo transcorrido, no dia 8 do corrente, o aniversário natalício do Sr. Alberto David Pereira Braga Filho, os seus auxiliares, empregados nos diversos ramos de comércio e indústria a que se dedica a firma David & Cia., testemunhando ao aniversariante a sua consideração e simpatia, mandaram celebrar uma missa em ação de graças pela passagem da festiva data. Esta solenidade religiosa teve lugar na Igreja de N. S. do Monte do Carmo, às 10,30 horas. Nas fotos que aqui reproduzimos vemos o Sr. Alberto David Pereira Braga Filho e sua Exma. Senhora assistindo à missa e uma parte da numerosa assistência que compareceu a esse ato religioso.







## Todo o encanto de uma "Estrêla" do Cinema

Os corações nobres cedem ante a graça de um sorriso que Kolynos tornou atraente. Kolynos é o Crème Dental de Triple Ação: (1) limpa, (2) embeleza, (3) refresca de uma só vez. Experimente e verá como lhe agradam o sabor e a ação penetrante da espuma de Kolynos, que proporcionará maior encanto à sua personalidade.

Use-o com Confiança



## PORQUE SE CANDIDATOU

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 11)

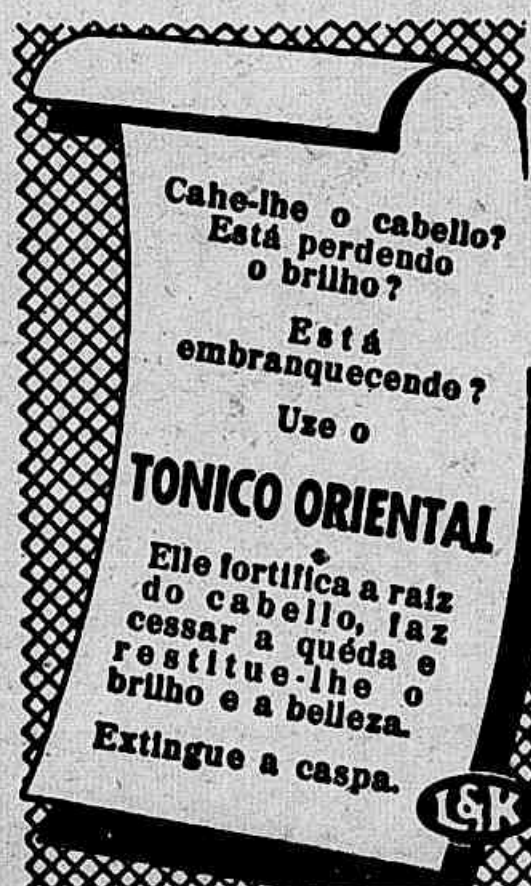
a respeitar-se. Prova autonomia e sinceridade, num momento em que é regra toda gente mascarar-se de escritor proletário, de poeta social, com o olho esbugalhado para um possível Commissariado de Empregos Públicos bem remunerados.

### E AS ELEIÇÕES ?

— Se espero ser eleito? Eis aí uma pergunta temerária. E mais temerária ainda a resposta. O voto é secreto na Academia. Logo, que dizer de qualquer prognóstico eleitoral? Acho que o pleito deve ser livre. Neste sentido, até aos amigos mais íntimos eu os forço do dever de amizade, contanto que seja de sua consciência literária o sufrágio com que consagrem a sua escolha.

Povina Cavalcanti havia dito muito. Mais do que aquilo que pretendíamos quando fomos entrevistá-lo. Queríamos saber por que se candidatara. Depois de ouvi-lo, mesmo que não houvesse falado no assunto, teria justificado plenamente a sua pretensão. O escritor agitará um verdadeiro oceano de idéias. O autor de "Ausência da Poesia", tem como o oceano o espírito da luta em seu seio. Tem a energia indomável que o amor a verdade inspira a todos os que combatem a hipocrisia. Ama a verdade platonicamente: a verdade pela verdade. E amando-a, ele a diz desassombradamente, sem se preocupar com os resultados bons ou maus que daí lhe possam advir. Isso prova que apesar de ter escrito "Telha de Vidro", Povina Cavalcanti não se esconde debaixo de um. E aqui temos um homem que foge aos sensacionalismos, evitando esse gênero de bajulação ao público. E preciso trazer o público a um nível elevado e não descer ao seu nível. Mas seria inútil querer apresentar Povina Cavalcanti. O que ele disse, é suficiente.

**SABONETE HIGIENIC**  
HIGIENIZA O CORPO E AS MÃOS  
CR\$ 1,90



## DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

(Soltura da Cama Disposta para Tudo)

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço Cr. \$3,00

## Alívio Imediato Para a Eczema. — As Mais Obstinadas Erupções Combatidas Em Pouco Tempo

A sua pele está sempre sob os olhares de outras pessoas. É portanto essencial para a sua boa aparência, uma pele perfeita, livre de irritações ou inflamações, vermelhidões, etc.. Se V. notar um ardor constante em sua pele, coceiras ou tumescências que se transformam em escamas esbranquiçadas, deve procurar imediatamente alívio eficaz e seguro, porque esses sintomas são causados pelas eczemas e psoríases — as mais obstinadas e rebeldes moléstias da pele. Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczematides obstinadas, psoríases, erupções da pele, coceiras rebeldes, etc.. BELZEMA é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra na

pele para combater diretamente a causa do mal. BELZEMA faz cessar as coceiras imediatamente, não é visível nem sentida quando aplicada. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras.

Em alguns casos de doenças da pele já muito antigas, BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, e em pouco tempo a pele tornou-se limpa e nova.

Use BELZEMA hoje ainda e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se novamente limpa e macia.

**BELZEMA**

### BANCO DO COMÉRCIO S. A.

Temos sobre a mesa o relatório da Diretoria do Banco do Comércio S. A., tradicional e conceituado estabelecimento de crédito do Rio de Janeiro e um dos mais antigos do Brasil.

Presidido pelo dr. M. T. Carvalho de Brito, tendo como diretor superintendente o industrial e capitalista sr. Oswaldo Costa, contando no meio dos seus principais acionistas as maiores figuras da indústria e do comércio nacional, o Banco do Comércio desfruta uma situação magnífica dentro do quadro da economia brasileira, situação ainda agora, no citado relatório, devidamente exposta e comprovada.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA  
PASTA DE AMENDOAS  
**RAINHA DA HUNGRIA**  
De Mme. Campos  
A VENDA EM TODA A PARTE

### NAÇÃO ARMADA

Recebemos o número 54 de *Nação Armada*, revista civil e militar de que é diretor o tenente-coronel Afonso de Carvalho. O número em apreço corresponde ao mês de Maio de 1944 e traz, como sempre, matéria de carácter técnico e também de interesse geral.

### NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA NA BAHIA

Pedir a ALFREDO J. SOUSA  
Rua do Colegio, 8 — Salvador



**PRISÃO de VENTRE?**  
Pílulas  
**ALOICAS**  
REGULAM O INTESTINO SEM TORTURA-LOS.



**PRISÃO de VENTRE?**  
Pílulas  
**ALCICAS**  
REGULAM O INTESTINO SEM TORTURA-LOS.

## HEMORROIDAS E VARIZES

### TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento com ótimos resultados das hemorroidas e varizes. **HEMO-VIRTUS** é o nome desse remédio que, para hemorroidas internas e VARIZES, deve ser tomado na dose de três colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o **HEMO-VIRTUS**, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não encontrando na sua farmácia, peça ao Depositário: CAIXA P. 1874 (UM-OITO-SETE-QUATRO). S. Paul.

**HEMO-VIRTUS**

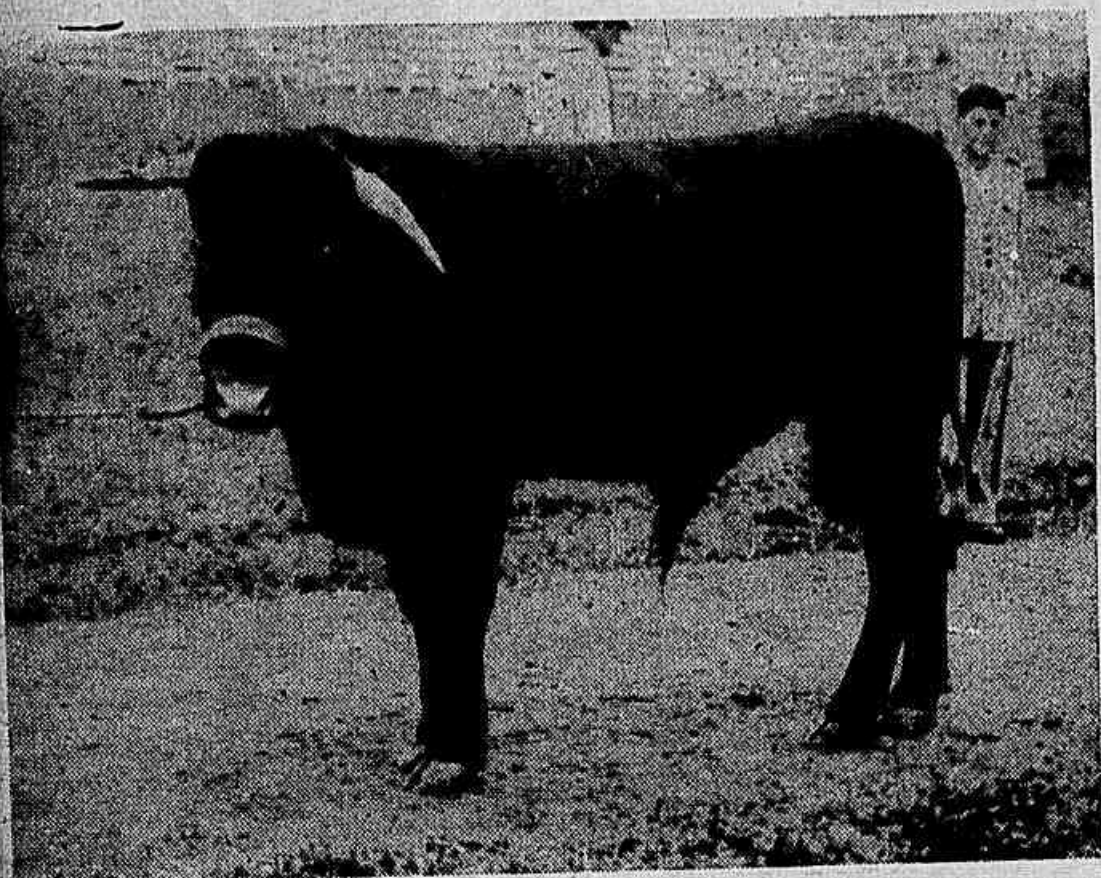


**BIO-HEPAX**  
PACIFICADOR DO FIGADO  
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARADIMINA

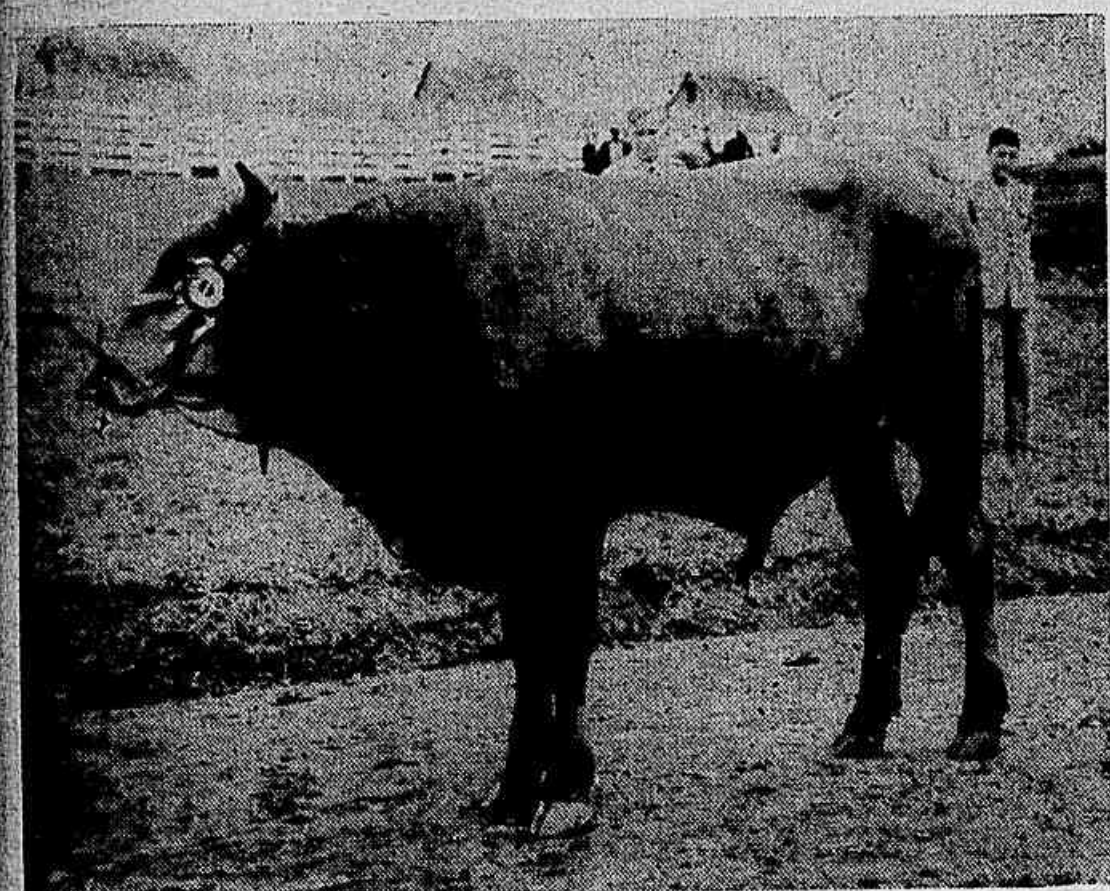


# ESPÉCIMENS CLASSIFICADOS NA III EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE LAJES

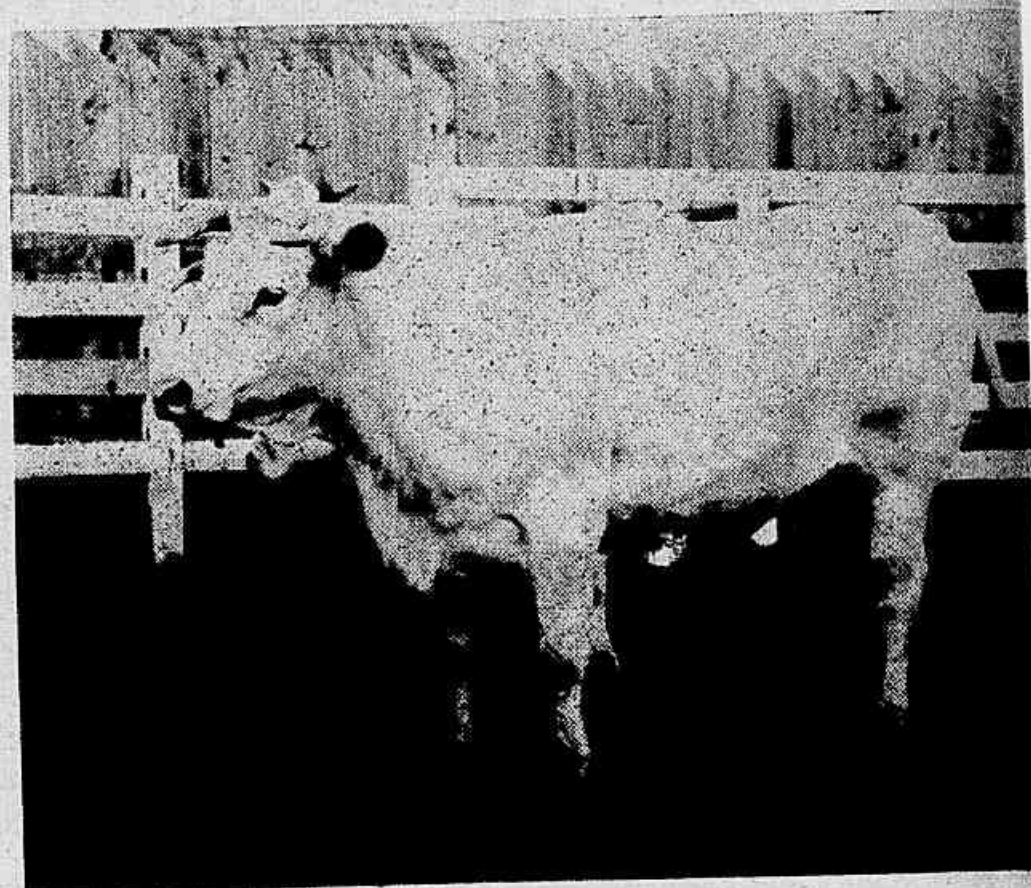
(Continuação da pág. 37)



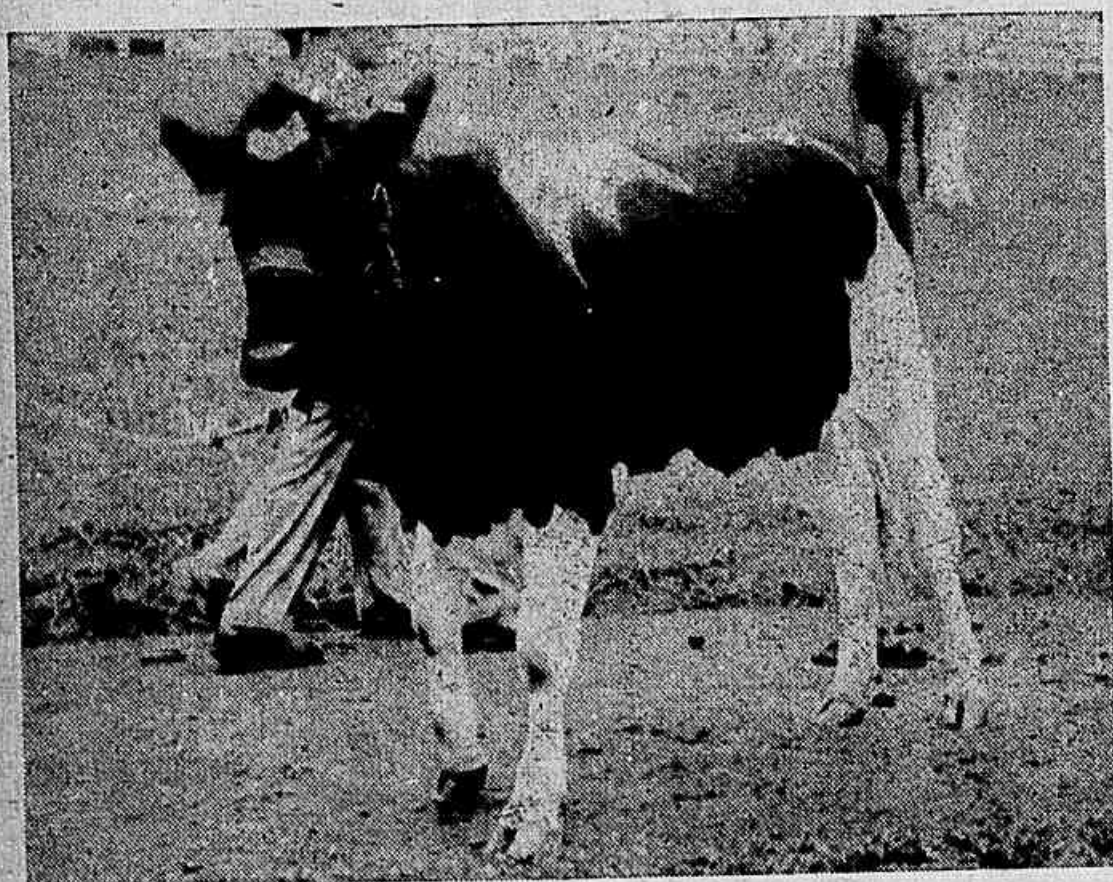
1 — Ao alto, à esquerda "Cabano", touro de 18 meses, pesando 382 Kg., pertencente ao Sr. Aureo Lisboa, conquistou o primeiro prêmio. No centro, em cima: Vaca Charolêsa, pisando 714 Kg., de propriedade do Sr. Cesar Ramos Cesar. Ainda no alto, à direita, "Tangará", da raça Charolêsa. Idade: 6 meses. Peso: 200 Kg. Propriedade do Sr. Jany Camargo Ramos.



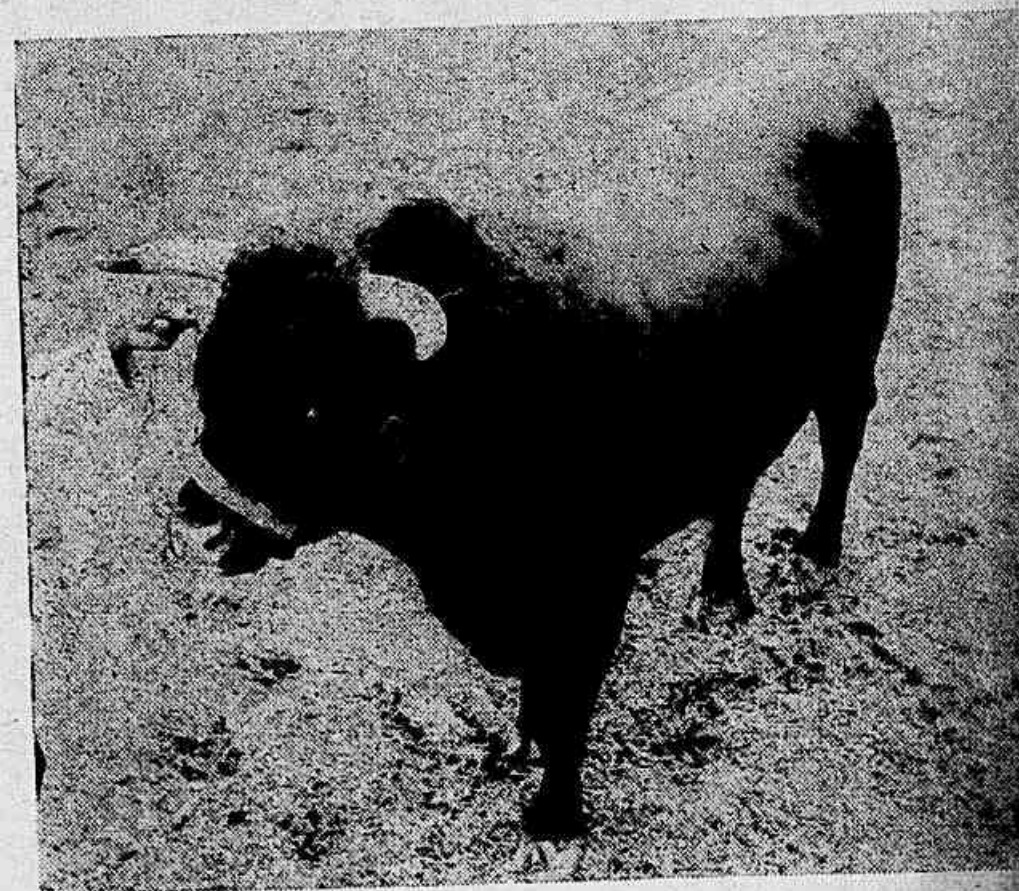
2 — "Baependi", caracu pertencente ao Dr. Idalécio Arruda.



5 — Outro exemplar de raça Charolêsa de propriedade do Sr. Cesar Ramos Cesar.

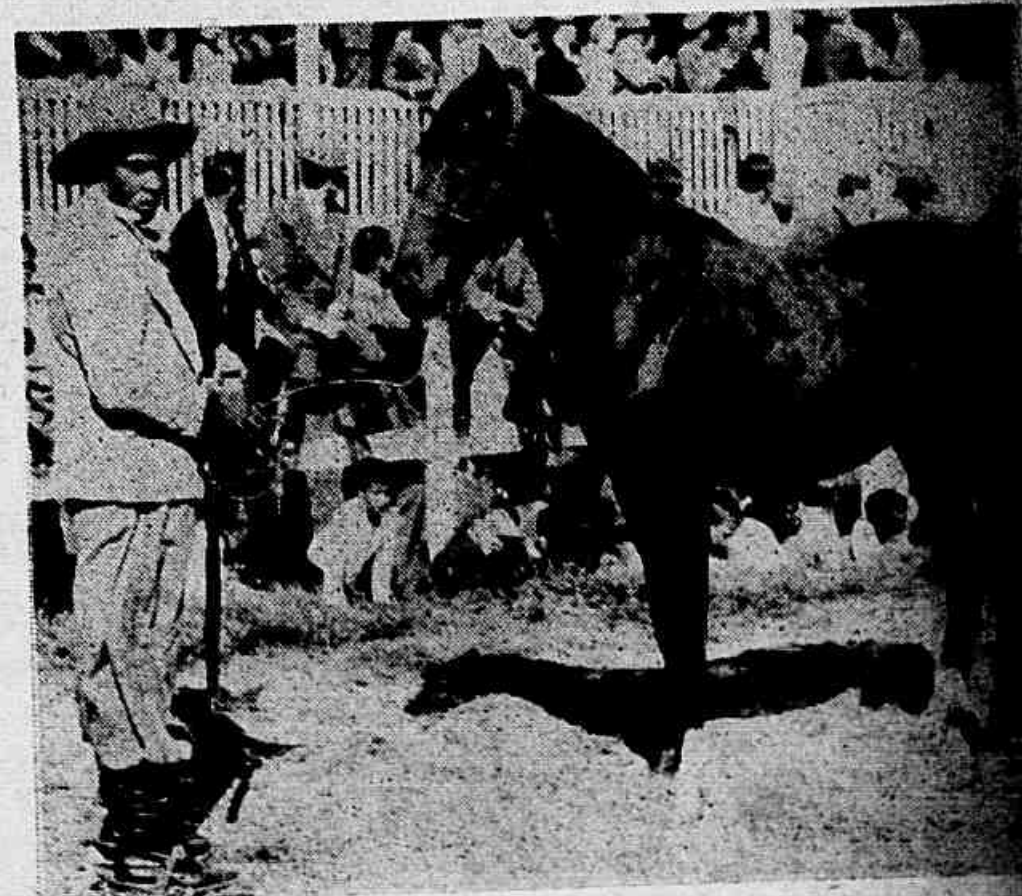
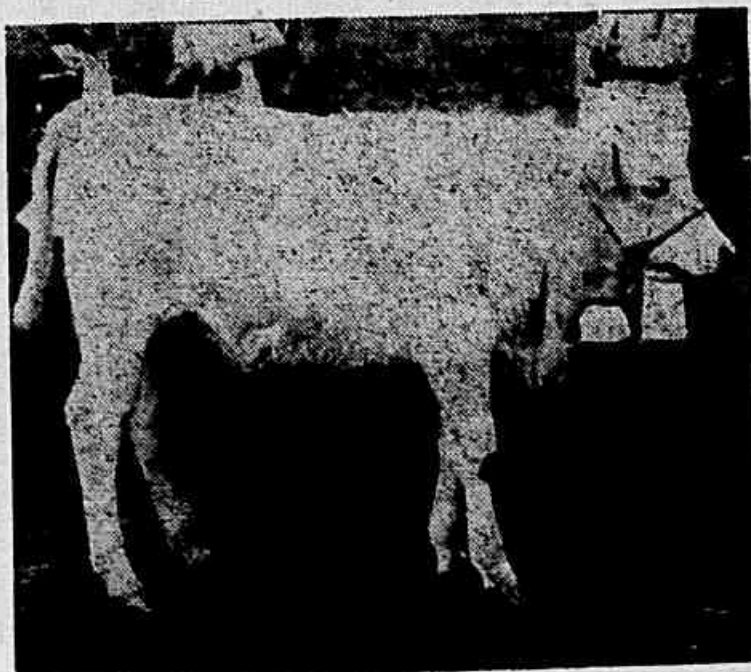
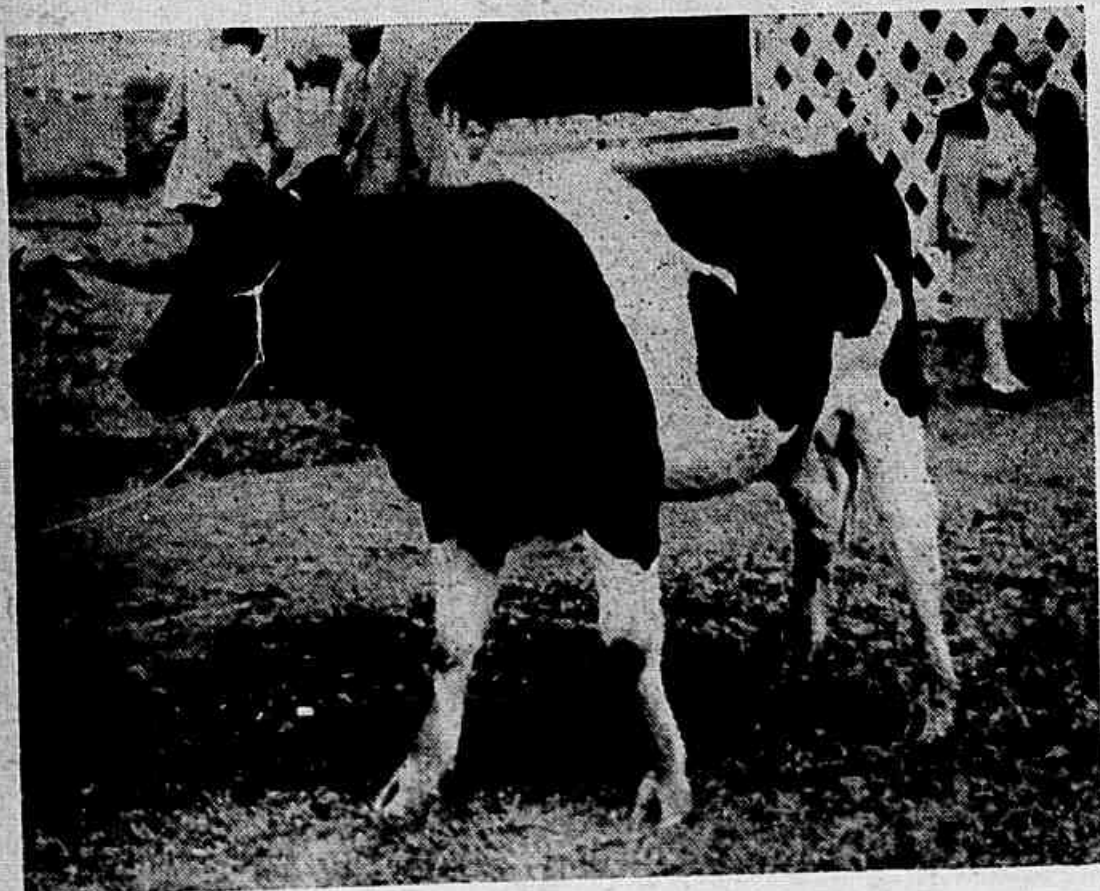


3 — "Lapa", de raça Holandêsa, com 18 meses de idade, pesando 350 Kg. Este belo animal é propriedade do Sr. Armando Ramos.



6 — "Changai", devon de 746,5 Kg. de peso, de propriedade do Sr. Antônio Lisboa.

4 — Em baixo, à esquerda: Outro belo espécimen de raça Holandêsa — "Liberdade", de 18 meses, pertencente ao Sr. Armando Ramos, laureada com o primeiro prêmio. No centro, em baixo: "Orquídea", Charolêsa de 6 meses de idade, propriedade do Sr. Jany Camargo Ramos, detentora do primeiro prêmio. Em baixo, à direita: "Disco", detentor do título de Campeão Geral do certame. E' de raça Mangalarga, tem 18 meses de idade e pertence ao Sr. Idalécio Arruda.







- 1 — Vestidos de lã verde com motivos de pespontos com pontas de mosca bordada.
- 2 — Vestido de seda clara com liras e pespontos.
- 3 — Vestido em lã, saia pregueada e enfeitada com pespontos e pontas de lança.
- 4 — Vestido em lã branca aberto na frente com pontas de lança e um cinto original.
- 5 — Elegante vestido em xadrez com recortes e pespontos.
- 6 — Em lã bege com original recorte, pespontos e com bolões de fantasia.





# Frios

Os casacos são inteiros cobrindo por completo os vestidos, ou mesmo substituindo-os, ou de três quartos em linha reta; os pespontos são o enfeite preferido. Os quadriculados estão muito em moda. Bolsas enormes e muito botão.





## CONFISSÃO

(Continuação da página 18)

gentileza e passei pela casa do brigadeiro que conhecia de vista. Disse-lhe: sinto não ter estado em casa, outro dia, para receber a sua visita, meu caro brigadeiro. O senhor não me avisou... Teria muito prazer em fazer-lhe as honras de minha humilde casa...

Ele respondeu:

— Breve estarei esperando você.

— A mim? indaguei, afetando surpresa.

— Sim, e você sabe muito bem por que.

— Asseguro-lhe que não faço a mínima idéia.

— Pois bem. Estarei lá para levá-lo para a prisão, onde você passará uma longa temporada por crime de contrabando e mais alguns outros de menor importância.

— Todo polícia tem que viver, retruquei, fingindo achar graça, mas não sei por que vocês da polícia se obstinam em viver à custa dos pobres lenhadores... Querem ver crimes nas coisas mais inocentes... Vocês são incorrigíveis...

— Breve veremos quem é o incorrigível. E isto é um aviso de amigo, hein? Não há criminoso que não seja prêso se persistir na mesma modalidade de infração e sempre com a mesma maneira de agir...

Sai. Contrariando, dissera ele, e mais algumas coisas... As "coisas" me preocupavam. Com o contrabando, eu poderia tomar cuidado. Saberla ele das minhas atividades na cidade, dos pequenos furtos, das pequenas trapagens, em companhia de um outro contrabandista? Disso não tinha certeza e essa dúvida me assustava. Saberla ele mais do que parecia? Era bem possível. Essa gente da polícia é insuportável. Gente pouco inteligente mas perseverante... Uma coisa horrível. A memória, então... Não esquecem nada. Tiram conclusões baseadas em fatos ocorridos há tanto tempo que a própria pessoa implicada já esqueceu...

Teria a polícia suspeitado do meu plano, meu plano secreto, aquele que eu não confiara a ninguém? Não era possível. Entretanto...

Passei a noite refletindo sobre o caso. O velho Gruntz, com certeza, desconfiara e fôra falar com o brigadeiro. Seria esta a verdade? Mas como descobrira o maldito velho que eu andava rondando a sua casa? Não. Tivera muito cuidado. Não era possível. Ele não sabia de nada. Era tudo fantasia minha. O brigadeiro botara verdes para colher maduros e quase lograra seu intento... O meu plano era seguro...

— Mas, espere. Você nos falou em um certo Gruntz. Quem era?

— Pensei que já tinha dito. O velho Gruntz — o avarento — era um miserável que vivia numa cabana um pouco mais afastada da cidade do que a minha. Éramos vizinhos, por assim dizer.

— E que tem ele a ver com essa história?

— Foi por tê-lo assassinado que quase me enforcaram, ou melhor, foi por não tê-lo assassinado que não executaram a sentença...

— O que?

— É melhor vocês me deixarem contar a história ao meu modo...

— Pois bem. Vamos a ela.

— Foi assim.

Eu já tinha oferecido ao velho Gruntz para trocar de cabana com ele. O lugar onde ele morava era mais conveniente para mim, porque ficava mais afastado da cidade. Mas ele recusou. Apesar da sua cabana estar em estado

deplorável e ele ser obrigado a se refugiar num canto da sala, no inverno, para fugir da chuva que caía pela goteira, ele recusou. Não posso explicar por que. Mania, obstinação de velho. Não sei. Talvez fôsse por causa do ouro. Ele tinha enterrado debaixo da cabana um saco cheio de ouro. Sabia-se disso na cidade e comentava-se largamente a avareza do velho. Todos diziam que ele era rico...

— Nesse caso devia ser verdade, comentou, sarcasticamente, um dos que ouviam a história.

— E era. Tenho a certeza.

— Chegou a verificar?

O legionário sorriu.

— Vamos com calma...

— Mas descobriu ou não?

— Ouvi falar no ouro. Por ora, basta.

— Continue.

— Bem. Ele morava ali. Um velho fraco e desprotegido, indefeso, podendo ser atacado e roubado a qualquer hora, morando num lugar deserto. Não havia cães, a porta não tinha fechadura segura, Gruntz não possuía arma de espécie alguma.

— E você nos quer fazer acreditar que não o assassinou? Você me desaponta, Sempl... comentou um dos legionários que o ouviam.

— Espere um pouco, e não conclua antes de conhecer os fatos.

— Estou esperando. Você parece que quer contar a história assim mesmo, fazendo com que a gente se engane a todo o momento.

— Bem. Eu costumava ir espiar o que o velho fazia dentro da cabana, pelas frestas da parede que não eram poucas... Não conseguí descobrir nada. Nem um sinal do ouro tão falado. O velho passava o dia sentado no leito. Às vezes, cozinhava um pedaço de carne para comer, mas quase sempre alimentava-se com alguma coisa já pronta que não lhe desse o trabalho de ter que preparar. Era mesmo um avarento. Quando comia, ingeria o suficiente para não morrer de fome e, si eu, por acaso, passava por ali na hora de sua refeição, ele guardava imediatamente o que estava comendo. Eu, às vezes, dizia: tem alguma coisa cheirando bem aqui. E ele respondia:

— Cheirando bem? Só si forem os ratos... Eu não tenho nada. Sou muito pobre. Muito pobre, mesmo...

Muito pobre. Era bom! Muito pobre e, no entanto, levava para a cidade um bando de cacarecos, que apanhava pela estrada e tentava vender por um preço exorbitante. Todos riam dele e ninguém comprava as suas "excelentes" mercadorias. Ninguém comprava, mas ele recebia muito dinheiro, não se sabia de quem. Qual era a razão daquilo? O tesouro, está claro. O tesouro que ele cuidadosamente escondia enterrado em alguma parte.

Eu o vigiava, sem resultados. Sempre que ele ia para casa com dinheiro eu procurava descobrir onde ele o colocaria. Mas era inútil. Como que por milagre o ouro desaparecia do seu bolso. Lembro-me que, certa vez, disse-lhe que ele com certeza guardava muito dinheiro nas roupas que usava, e ele fez questão de se despir e me fazer revistar a roupa. Nada. Mas onde iria parar aquele dinheiro todo? Impossível dizer.

— Não tinha algum banco? perguntou Prozl, outro legionário.

— Banco?! Gruntz num banco? Aquêlê velho imundo e com a roupa em frangalhos? Chega a ser ridículo. Não, ele não tinha banco, mesmo porque os empregados de qualquer banco o expulsariam antes que ele pudesse falar e mostrar que era rico de verdade.

— Mas si ele levasse o dinheiro...

— Nunca levou.

— Como sabe?

— Já lhes disse que o vigiava. Cada viagem que ele fazia à cidade era acompanhado por mim. Ele não reparava mas eu o seguia. Nunca levou dinheiro para o banco. O dinheiro aparecia, não se sabia como, na hora de pagar o que ele às vezes comprava, e depois desaparecia, tão depressa quanto surgira, também não se sabia como.

— Mas você nunca o viu escondendo o dinheiro em algum lugar? Nunca o surpreendeu cavando algum buraco em atitude suspeita? Nunca o viu levantar alguma táboa do chão da cabana onde morava?

— Nada disso.

— Você ao menos foi lá à cabana uma vez quando ele não estava? Experimentou cavar o chão, debaixo das táboas?

— Sim.

Sempl deu uma risada.

— Você haveria de rir si visse a minha cara de desapontamento quando descobri que, pelo menos enterrado, ali nada havia. E não foi uma só vez que fui, mas várias vezes.

— E nada encontrou?

— Absolutamente nada. O velho era mesmo duro de roer. Mas, apesar de tudo, eu tinha a certeza de que ele possuía ouro, somente agora eu lhe tinha respeito, pela habilidade por ele demonstrada na escolha de um esconderijo impossível de se encontrar.

— Velho hábil!

— Muito. Em todo o caso, não demorou muito para gozar o seu dinheiro. Foi depois da primeira nevada do inverno, somente um prenúncio de que o frio verdadeiro estava para chegar: seis ou sete polegadas de neve. Um lenhador, a caminho da floresta, passou pela cabana de Gruntz e viu a porta aberta. Aproximou-se. O que viu fê-lo correr para a cidade e avisar a polícia.

A porta fôra arrombada e o velho Gruntz desaparecera. Na cabana havia uma desordem terrível. Sangue pelas paredes, todos os móveis quebrados.

A polícia não tardou.. Descobriram logo que, apesar de já ter havido uma nevada após o crime, ainda restavam vestígios de pegadas debaixo da fina camada de neve que tinha caído. As pegadas iam da cabana de Gruntz até o rio.

O rio... Este foi uma testemunha implacável. Na neve que o recobria havia um buraco suficientemente grande para dar passagem ao corpo de um homem. Logo os amaldiçoados detectives formularam uma série de teorias, cada uma pior do que a anterior. Todas elas, entretanto, concordavam num ponto. Alguém matara o velho Gruntz, atirara o seu corpo no rio, que continuava correndo por debaixo da camada de neve, e depois fugira. O medo ou alguém que passava no momento o tinha impedido de ir até a cabana do velho, arrumar as coisas. E o criminoso tinha deixado a cena do crime desarrumada, exatamente como estava na hora do assassinato do velho indefeso.

Procuraram o tesouro escondido. Nada acharam e isso reforçou a certeza de que o crime fôra cometido, não por um maníaco, mas por um criminoso hábil e bem lúcido cujo único fim fôra roubar o tesouro e que conseguira o seu intento.

O tesouro, cuja existência era considerada indiscutível, desaparecera. Que outra teoria aceitar?

Depois descobriram uma coisa interessante: do outro lado do rio e bem próximo do lugar onde supunham que o criminoso tivesse jogado o corpo, eles descobriram mais



pêgadas e estas dirigiam-se diretamente para minha cabana.

— Então prenderam-no?

— Nada disso. Como poderiam prender-me si eu não estava em casa? Reviraram as minhas coisas; fizeram na minha cabana um estrago maior do que o criminoso fizera na cabana de Gruntz, mas eu não estava lá. Porém uma coisa constituiu prova concludente contra mim e eu desde então fui obrigado a andar foragido. Imaginem vocês que eles descobriram dinheiro junto com as minhas coisas, e as notas que acharam, por um especial acaso, tinham pertencido a um cavalheiro que tinha o mau hábito de assinar todas as notas que lhe passavam pela mão. Esse senhor informou a polícia, quando procurado, que se lembrava perfeitamente a quem dera a nota — como, não sei, mas ele assegurou que se lembrava — dera-a ao velho Gruntz, ao fazer o trôco de uma nota que este lhe dera em pagamento de uma cama comprada.

Depois disso eu só tinha uma solução: fugir. Fugir o mais depressa possível. Para onde? Para qualquer lugar contanto que fosse bem longe da cidade em que ocorrera o crime. Si possível, para o estrangeiro. Mais tarde descobri impressões digitais na casa do velho Gruntz e comparei com as que tinham descoberto na minha cabana. Eram iguais. Eu estava praticamente condenado e já sentia no pescoço a corda de enforcar...

Mas fugi.

— Que sorte! Si eles tivessem prendido você, nós não estaríamos ouvindo a sua história neste instante...

— Pois bem. Vocês estão enganados. Eles me pegaram. Fui prêso e julgado. Mas não morri, como vêem.

— Como foi isso?

— Bem, a história é comprida.

— Conte logo e deixe de tolices. Você sabe muito bem que estamos aqui para ouvir a história.

— Então por que é que você me interrompe a todo instante?

A alteração que ameaçava degenerar em briga foi apaziguada por um dos presentes, não porque a ordem interessasse. Brigas, e a faca, eram frequentes ali, mas ele estava interessado e queria ouvir o fim da história. Brigassem mais tarde. Cortassem-se mutuamente os pescoços e ele não interviria, mas queria saber como o outro escapara da força. Isto o interessava particularmente...

— Você fugiu da prisão?

— Nada disso.

— Mas, então, como foi? Não compreendo como você conseguiu fugir...

— Foi simples. O velho... Não. Estou começando pelo fim. Vamos com ordem.

Levaram-me para a prisão. Nunca vi tanta injustiça na minha vida. Eu, acusado da morte do velho Gruntz! Essa exclamação provocou alegres gargalhadas dos que o ouviam.

— Cotadinhol! Tão inocentinho que ele era!

Simpl sorriu.

— Bem, inocente propriamente, eu não era, mas foi injustiça. Isso eu lhes asseguro. Foi muita injustiça, até.

Imaginem vocês que eu estava escondido numa estação de estrada de ferro, esperando uma oportunidade para fugir. Clandestino em algum trem, de preferência. Mas não foi possível. Todos os caminhos vigiados. A estação sempre cheia. Nem sair eu podia. Certa vez, não aguentando mais a fome que sentia, resolvi sair do meu esconderijo. Quería qualquer coisa para comer...

Não passei da porta da estação. Sentí no ombro esquerdo a pressão da mão de um policial.

— Em nome da lei está prêso!

— Estremeci, mas fingi surpresa.

— Prêso por que? Por que tenho que acompanhá-lo? Eu não fiz nada. Você sabe bem disso.

— Não há dúvida, meu amiguinho, e é por isso mesmo que você vai dar um lindo passeio conosco. Nós vamos ver uma casa muito grande, com uma porção de gente dentro. Coisa horrível!

— Mas, por que?

— Já lhe disse que não é por nada. Capricho, sabe? A polícia achou que faria bem à sua saúde si você passasse uma temporada entre umas belas grades, para depois ir dar um vôo, compreende agora?

Levaram-me para a cadeia, ainda tremendo à idéia do "vôo" que ia dar, com uma corda no pescoço...

Houve um julgamento, sabe? Coisa esquisita! Um camarada falava, falava e dizia cada coisa de mim que si eu não estivesse com dois guardas me segurando eu garranto que o esmurraria valentemente.

Depois falou outro. Mocinho desajeitado, mas este falou bem de mim. Disseram que era ele que me ia defender. Não adiantou nada. Também um advogadozinho muito infame!... Em todo o caso, o pobre fez o que pôde. Até achou uma saída muito boa. Disse que o verdadeiro criminoso fugira e que fizera aquelas pêgadas até a minha

casa para fazer com que eles acreditassem que tinha sido eu o assassino.

Mas de nada adiantou o que ele disse. De nada. Foi tudo inútil. O promotor — era esse o nome do sujeito que me disse aquelas desaforas — falava cada vez mais alto e dizia que eu era um "criminoso repulente"!

Esse comentário foi muito apreciado pelos legionários, que prorromperam novamente em estrepitosas gargalhadas.

— Pois foi assim que eu fui condenado.

Depois, falou o juiz. Camaradinho linguarudo! Disse que nunca tinha ouvido falar em crime mais nojento. Ora, vejamos só — e que, por ele, eu seria condenado à morte.

Que poderiam fazer os jurados, em vista disso? Condenar, é lógico.

Eu até achei engraçado! O juiz dizia que os jurados deliberam à sua vontade, que nada deve influir no seu julgamento a não ser os fatos. E, depois de dizer tudo isso, aconselha os jurados a condenar o réu. Não há dúvida de que é muito interessante... para os que não estão no banco dos réus. A vida é uma só. Perdendo essa, não há repetição.

— E você foi condenado à morte?

— Justamente. Os jurados condenaram-me. Voltei para a cela, ainda com algumas esperanças, porque o advogado me falara em apelação.

— Você ainda foi atrás da conversa dele?

— Está claro. Em quem haveria de acreditar? Naqueles que me haviam condenado ou naquele que, bem ou mal, me tinha defendido? Eu sei que ele era pago para isso, mas era o único interessado em me tirar dali. Conversámos longo tempo. Depois ele partiu, e nunca mais o vi.

— Já estava prevendo isso!

— É muito fácil comentar e criticar, quando se está de fora. Mas, francamente, eu tinha vontade de ver você atrapalhado com um promotor, um juiz, e jurados de contrapêso, em cima de você, só para ver que é que você fazia.

— Eu arranjava um jeito.

Novamente a conversa ameaçou azedar e o legionário que já intervieria uma vez tornou a acalmar os ânimos.

— Fiquem quietos, que diabo! Eu quero ouvir a história. Vocês interrompem a toda hora.

Fez-se, novamente, silêncio e Simpl prosseguiu.

Levaram-me para uma cela e ofereceram-se para mandar chamar um padre. De que me serviria um padre? Bem, pensei, afinal de contas, não custa nada preparar-se para

(Continua na página 55)

## A filha do meu marido

(Continuação da página 24)

Riu. Depois, sentou-se nos joelhos do pai e beijou-o com ternura.

— Esse meu paizinho é um número!

Fiquei afastada, sem saber o que dizer. Essa mãe, que esperava encontrar menina, sentava-se nos joelhos de meu marido e beijava-o, com ar experimentado. Como que pressentindo o meu embaraço ela voltou-se para mim.

— Que é que você achou da Itália, Margarida?

Chamava-me Margarida. Todos os meus projetos se desvaneceram. Esperava tomar o lugar de sua mãe, que ela perdera tão cedo. Mas não. Era possível substituir a mãe de uma garotinha, mas aquela mãe, que eu tinha na minha frente, já possuía uma personalidade e, segundo parecia, não precisava de apoio ou proteção. Era, antes, eu quem precisava de sua proteção, embaraçada e sem jeito, diante dela. Isso ela, instantaneamente, percebeu e tomou um ar de mãe que apresenta uma filha desajeitada.

Bateu-me com a mão no ombro e deu-me conselhos. Falou com ar risonho e protetor.

Depois de cinco minutos de palestra ela já me "permitira" que a tratasse de você e me dera alguns conselhos. Entre outros dissera que era muito mais chique usar as meias pelo avesso, como se estava fazendo em Paris.

— Você precisa depilar as sobrancelhas, Margarida. Você ficará muito bem de sobrancelhas depiladas.

Carlos, meu marido, que até então estivera calado, disse:

— Ela tem razão, Margarida; você ficaria muito bem de sobrancelhas depiladas...

Eu não respondi. Lizou, sem me dar mais atenção, começou a conversar com o pai.

Quando nos despedimos, para nos pre-

pararmos para o jantar, ela me disse ainda:

— Não se esqueça de falar comigo para depilar as suas sobrancelhas. Sou eu quem depila as sobrancelhas de todas as minhas amigas. Elas acham que eu depilo muito bem... Não faço o mesmo comigo porque sobrancelhas depiladas não vão com o meu tipo.

Era bem verdade e ela o sabia. Tirava partido da beleza que tinha e sobretudo da exuberante mocidade. Andava com trajes estilo esporte, cabelos mal penteados, em encantadora desordem. Era propósi. Não tinha beleza para brilhar como dama pintada e maquiada, e tirava partido da juventude, da simplicidade; fazia-se mais garota do que realmente era. Jovem e experiente Lizou!

— Vamos ao teatro?

Um convite desses tanto podia ser um prazer como um suplício. Mais frequentemente era suplício, pois Lizou aceitava sempre e éramos obrigados a levá-la.

Meu marido gostava da situação. Sempre que podia andava comigo e Lizou, e gostava de surpreender os amigos.

— Sua filha, Carlos?

— Não; minha filha é esta. Esta aqui é minha esposa.

E sorria, lisonjeado com o espanto dos amigos. Eu corava. Lizou sorria.

Era sempre assim. Onde quer que fôssemos a habilidade natural de Lizou fazia-na passar por mais velha, porém mais linda e mais atraente, enquanto que eu era sempre considerada mais mãe, mais desajeitada.

Certa vez, convidou-me para ir com ela ao Palácio do Gelo. A princípio recusei, mas ela me pôs em brios:

— Então, Margarida! Afinal de contas não é uma coisa assim tão difícil...

Eu sorria acanhada, ante os amigos dela, que me olhavam, divertidos com a minha timidez.

— Mas, Lizou...

— Vamos, deixe de bobagem! Você até

parece uma velha, encorajada num canto. Daqui a pouco, veremos "madame" de óculos e cabeloira branca, esquentando-se na lareira...

— Mas eu não tenho jeito para isso!

— Todos aprendem!

Cedi, finalmente. A insistência dela era tanta que os amigos já estavam reparando.

Preparando-me para sair, refletia.

— Ela quer brilhar. Mostrar que é superior a mim. Sabe patinar muito bem e quer se mostrar. Garotinha atrevida! Não sei quanto tempo mais suportarei esta vida! Mais uma dessas como a de hoje e eu falo com Carlos!

Não falara ainda com Carlos. Não tivera coragem de estragar a sua felicidade tão evidente. Davamo-nos tão bem, eu e a filha, pensava ele, e sentia-se feliz com isso. Não tinha coragem de acabar de uma vez com as suas ilusões.

Fomos ao Palácio do Gelo e Lizou fez exatamente o que eu imaginara. Piruetas e reviravoltas elegantes, bem no centro do rink, enquanto eu me segurava à balaustrada desleigante e nervosa.

De vez em quando ela me lançava um encorajamento, como que para sublinhar a minha falta de jeito:

— Não está tão mal assim. Experimente mais uma vez, que você não cai. Quer que mande o Eric lhe segurar?

Não tinha a menor intenção de fazê-lo. Segurava o braço do namorado muito orgulhosa da elegância e da beleza do rapaz. Ele sorria. Ela olhava-o.

Eric era namorado de Lizou desde os tempos de colégio. Não estavam noivos ainda porque ele não queria. Lizou estava disposta a isso.

Eric sabia bem que ela o amava e aceitava aquele amor lisonjeado, mas não creio que naquela época a amasse realmente. Ela era bonita e gostava de exibi-lo, orgulhosa, e ele retribuía na mesma moeda. Exibia-a como sua, e ela, apesar do seu orgulho de mãe, achava

prazer em ser apresentada como "coisa" dele.

Um dia brigaram. Lizou sofreu, mas escondeu as lágrimas. Nessa época tentei uma aproximação. Ao vê-la triste, tive pena, mas ela ficava afastada, defendida por uma barreira de orgulho e de frieza.

Passávamos as férias no campo. Nesse ano, porém, ela não quis ir. Fui eu com Carlos e passámos um mês delicioso. De volta à cidade, fui sozinha para casa. Carlos tinha trabalho e entrei só.

Abri a porta com a minha chave particular.

Na sala, perto da lareira, estava Lizou. Lizou e Eric. Ele voltara. Depois de mais de um mês de afastamento, ele voltara para a antiga namorada. Sentia falta dela e compreendia que não era somente um flirt que os unia, mas alguma coisa mais forte, uma ternura e um amor sem limites.

Vi o rosto orgulhoso de Lizou enternecer-se; vi lágrimas nos seus olhos e insuspeitada doçura na sua voz, quando pronunciou o nome dele.

— Eric!

Ele tomou-a nos seus braços e beijou-lhe os lábios frescos que, trêmulos, esperavam o seu beijo.

A minha oportunidade! Vingá-me de uma vez por todas! Então era assim que ela merecia a confiança do pai, que a deixava sozinha, pensando que saberia portar-se? Poderia dizer muita coisa e, num ímpeto de cólera, inventei um discurso longo e terrível. Mas ao vê-la, aquela minha orgulhosa, voluntariosa, experimentada Lizou, pequenina e frágil nos braços do seu amado, enternecida até às lágrimas com a confissão de amor que ele lhe fazia, não tive coragem.

Nesse instante ela se voltou. Viu-me, assustou-se.

Houve uma pausa.

— Minha filha! exclamei. E ela, como vida, aproximou-se.

Vios caminhar para mim, de mãos dadas, e quase chorei de contentamento.



# SEU TRICOT "MANHANITA"

talhe 46.

**MATERIAIS NECESSÁRIOS:** 160 gr. de lã verde mar, 120 gr. da mesma lã branca, 1 par de agulhas 2 1/2 l. ag. de crochê. O ponto escolhido é vareta em crochê; meio ponto e ponto de cadeia.

**A EXECUÇÃO EM MALHA** — Montar nas agulhas, com lã verde, 110 p. e tejer 2 centímetros, 1 p. direito, 1 p. avesso faz-se um aumento em cada ponto do avesso. — 165 p. tecei 2 cm. mais com 1 p. direito, 2 avesso; fazer um aumento em cada ponto do direito — 220 p. — continuar tecendo em ponto "canelon" dobrado, até que se tenha uma altura de 12 cm., fechar então todos os pontos sem ajustar. Sobre esta pala segue-se tecendo o crochê com o ponto já falado e aumentando para seguir a forma do modelo, até que a parte de crochê meça 26 cm.

A parte inferior é tecida montando sobre as agulhas de tricot 230 p. 9 cm. em ponto canelón dobrado: canelón é o ponto sanfona.

Une-se a parte de crochê, depois de passada sob um pano húmido, com a parte de tricot e para arrematar ou fazer o acabamento, com um cordão de seda feito de crochê.





**CABELOS BRANCOS?**  
**LOCÃO**  
*Brilhante*

MENSARIO DO "JORNAL  
DO COMERCIO".

Recebemos o tomo XXIV,  
correspondente ao volume II, de  
Dezembro de 1943, do "Men-  
sário do Jornal do Comercio",  
publicação em que são enfeixa-  
dos os principais artigos de co-  
laboração publicados naquele  
diário.

**RUGOL**  
O CREME  
EMBELEZADOR DA PÉLE

SABONETE Nº 1080  
NOS PERFUMES:  
ORYGAM  
FOUGÈRE  
CHYPRE  
COLONIA  
LAVANDE

PO Nº 1050  
Nº 1051

BRILHANTINA Nº 1012

ROUGE Nº 1067-A  
Nº 1067-C

BATON Nº 1068

ORYGAM de GALLY

Nº 1013 COLONIA Nº 1003  
1004

LOCÃO Nº 1020  
1021  
1022

EXTRACTO Nº 1016-3/CK  
Nº 1016-5/CK  
Nº 1016-M

CREME Nº 1014

LAVANDE Nº 1006  
Nº 1008-F

Nº 1010

QUALIDADE, LUXO E FINO GOSTO  
são as características desta coleção de elite.  
PERFUME SUAVE E PERSISTENTE

A VENDA EM TODO O BRASIL T. TARQUINO

CASA ANGLO-BRASILEIRA

Em São Paulo...

e sempre agradável uma visita  
aos Maiores Estabelecimentos  
de Modas do Brasil

**Casa Anglo-Brasileira**  
Sucessora de Mappin Stores  
Pr. Ramos de Azevedo 131

## CONFISSÃO

(Continuação da página 53)

a outra vida. Já que a que tinha parecia não durar muito,  
não custava receber o sacerdote.

— Venha o tal padre!

E ele veio. Contou-me uma porção de histórias esqui-  
sitas de céu e Deus. Eu ouvia a arenga d'ele e esperava  
a hora de morrer. Quando ele me disse que era possível  
ir para o céu, resolvi fazer o que ele pedia — e era pouco  
— para garantir um lugarzinho... do outro lado...

Confessei que tinha assassinado Gruntz. Ele ouviu a  
confissão serenamente.

Fui levado para a fôrça. Juntara gente para assistir  
à execução do assassino do velho Gruntz. Todos aqueles  
que antes me tinham comprado contrabando estavam lá,  
para gozar a minha morte. Tive um ódio tal d'eles que  
quase faço a insensatez de tentar matar um d'eles ali  
mesmo, só para fazer desaparecer aquela expressão nos  
olhos d'eles.

Eu estava nervoso. Também, não era para menos.  
O sacerdote falou:

— Quer um pano para cobrir os olhos, meu filho?

— Qual pano, qual nada! Eu nunca vi um enforca-  
mento e parece que não terei oportunidade de ver um  
outro. Vamos sem pano, mesmo!

— Como quiser, meu filho.

O padre estava sério. Eu ainda naquele instante não  
estava muito certo da minha morte. Algum meio aparece-  
ria. Sempre fôra assim. Quando me achava em apuros  
aparecia sempre alguma coisa para me salvar. Mas nada  
apareceu. O carrasco preparava o nó. Passou pelo meu  
pescoço a corda e ajustou-a. Foi então que tive pavor.  
Creio que gritei. Mas ninguém ouviu o meu grito. A súbita  
compreensão da minha desgraça chegara ao mesmo tempo  
que um mensageiro especial do governador.

Simultaneamente com o meu grito, soara um outro, e  
mais forte:

— Parem! Parem!

Quem seria? Que teria acontecido?

Estava salvo. A notícia que o mensageiro trazia era  
a anulação da minha condenação, mandada pelo gover-  
nador.

— A anulação da sua condenação?

— Exatamente.

— E por que?

— Por uma razão muito simples. A suposta vítima  
estava passando muito bem e se apresentara na Chefatura  
de Polícia para reclamar contra a sua morte oficial, extre-  
mamente prematura!

— O velho Gruntz estava vivo?

— Vivíssimo!

— Nesse caso como era possível que...

**Rotenol**

NÃO HA MELHOR SABONETE  
SEJA QUAL FOR O PREÇO

— Não o mataram?

— Você era inocente?

— Sim.

— E o sangue na cabana, e as impressões digitais, e  
os sinais de luta?

— Eram de outro...

— Como?

— Um amigo do velho Gruntz. Era avarento também.  
O velho lhe dera permissão para passar a noite na caba-  
na. Gruntz ia viajar. O amigo veio. Era um bufarinho  
muito conhecido na cidade. Passava de dois em dois anos  
pela cidade vendendo as suas mercadorias. Era muito ava-  
rento e... e trazia sempre o dinheiro consigo... O resto  
foi como a polícia imaginou. Houve somente uma troca de  
vítimas...

Houve uma pausa.

— Estou eleito para o clube? perguntou afinal Sempl.

O legionário que o escutava assobiou.

— Claro! Para presidente, si quiser...

— FIM —

**BANCO NACIONAL DE DESCONTOS**  
FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS  
**DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES**  
**ALFANDEGA, 50**





# JOCKEY CLUB MUNDANO

Com o brilhantismo do costume, realizaram-se as carreiras de domingo no Hipódromo da Gávea, em prosseguimento à temporada oficial do "turf" do Jockey Club Brasileiro.

A reportagem fotográfica da REVISTA DA SEMANA, durante esta tarde turfística, colheu os instantâneos que aqui estampamos, na "pólis" do elegante prédio.





# OUTROS MODELOS

*Timborosa*  
O SABONETE DO SÉCULO XX  
COM AS PROPRIEDADES GERMICIDAS  
DO TIMBÓ E O PERFUME DAS ROSAS  
ESPECIALMENTE INDICADO PARA LIMPAR  
A CÚTIS E COMBATER A CASPA



A cor *vermelha*  
DOS LÁBIOS PROVOCANTES...

...nos tons ardentes do **BATON COLGATE!**

**P**RENDA na armadilha de seus lábios embelezados com Baton Colgate, os beijos do seu bem amado... Torne seus lábios mais provocantes... mais irresistíveis e... muito mais *beijáveis*! O Baton Colgate importado da América é feito com KARANUVA, supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos. Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas! Use, desde hoje, Baton Colgate. Experimente, especialmente, o encanto inigualável da nova cor da moda: Vermelho Amazonas: exclusiva de Colgate!

O coração bate...  
com **BATON COLGATE**



Vestidos de baile  
para a juventude



- 1 — EM SEDA VERDE COM NERVURAS E BORDADOS EM "PAILLETES" DE CORES E DOURADAS.
- 2 — EM SETIM COM RECORTES APLICADOS DE SEDA BRANCA MARFIM E FIOS DOURADOS.
- 3 — GRACIOSO VESTIDO EM TAFETÁ BRANCO COM UM BABADO NO DECOTE E BORDADO DE PEROLAS.
- 4 — TAFETÁ ROSA COM APLICAÇÃO EM RECORTE DE AZUL E BORDADO DE CONTAS MULTICORES.
- 5 — VESTIDO DE SEDA BRANCA, COM ENFEITES DE BABADOS E GODETS; ORIGINAL FAIXA COM FIVELA DE CONTAS.

*incarelli*

ALMIRANTE  
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



A pessoa enve-  
lhecida e aba-  
tida pela prisão  
de ventre, reju-  
venesce, toman-  
do com regula-  
ridade as

**PILULAS  
DE  
BRISTOL**

LSK

**BRONZISOL**  
ANTISOLAR

De Mme. Campos

FIXA UM LINDO BRONZEADO  
NATURAL

A VENDA EM TODA A PARTE

**Agora muitos usam  
DENTADURA POSTIÇA  
com mais comodidade**

FIXODENT, um pó alcalino (não ácido), de agradável sabor, mantém as dentaduras postiças firmes na boca. Para comer e falar com mais comodidade, experimente um pouco de FIXODENT sobre sua dentadura postiça. Não fica na boca nenhuma sensação pegajosa. Combate o "cheiro característico de dentadura" — perfume o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:  
ODONTOLOGIA AMERICANA  
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

**A BELEZA É OBRIGAÇÃO**

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

OS comprimidos  
DE

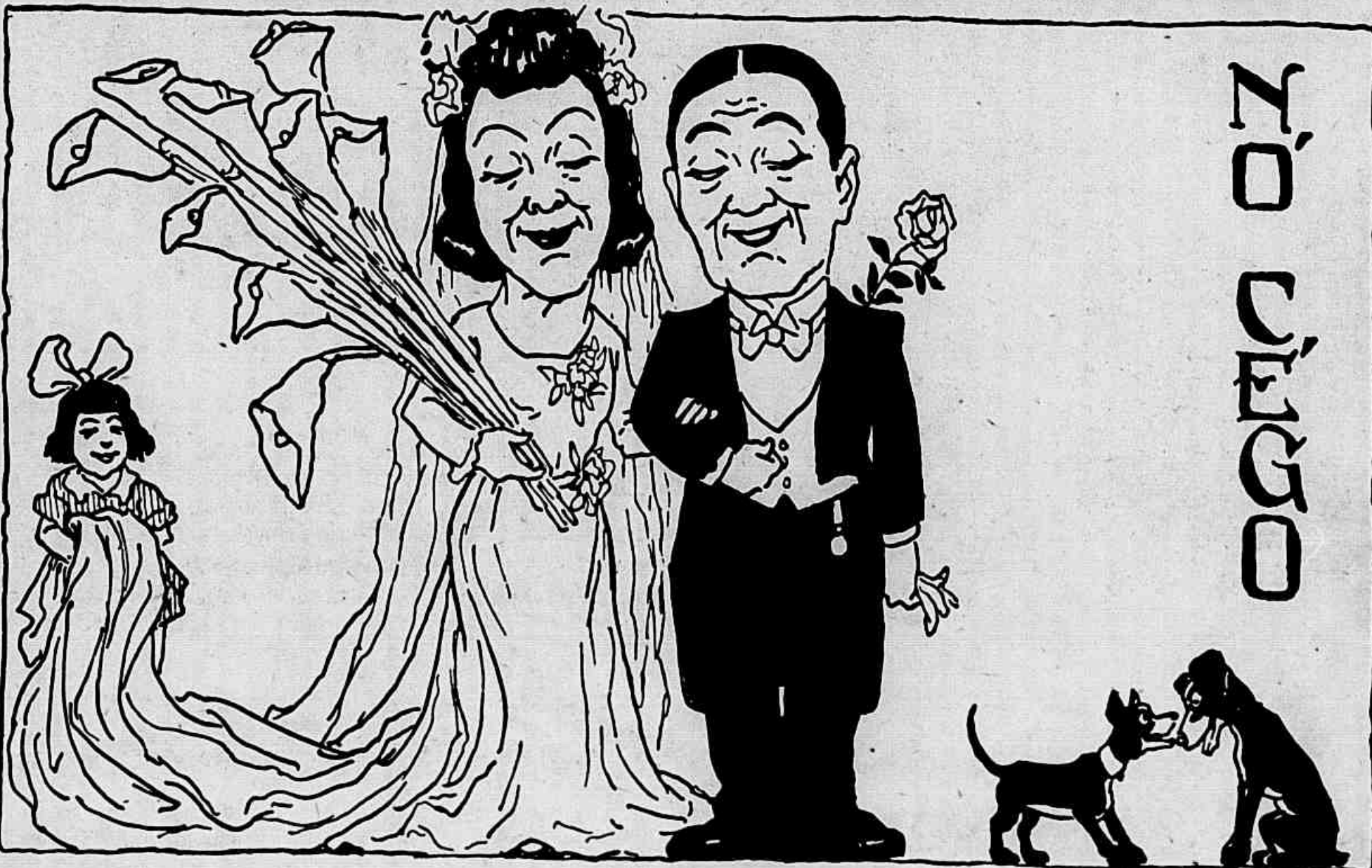
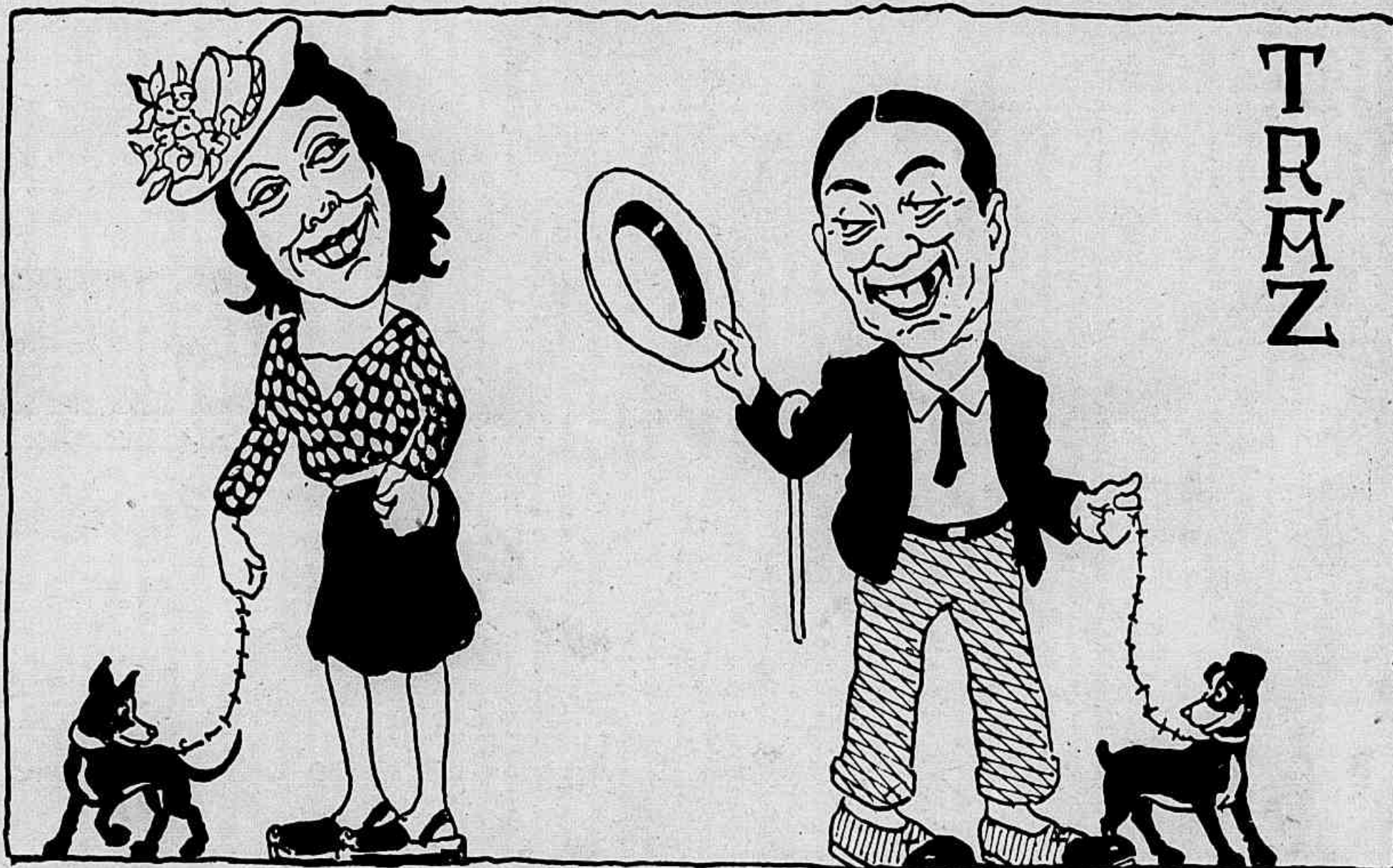


**Piralgina**  
GRANADO

LIVRAM  
DE QUALQUER  
**DOR**

PARQUINO

# Três Tempos...



RAUL





# PARA O INVERNO

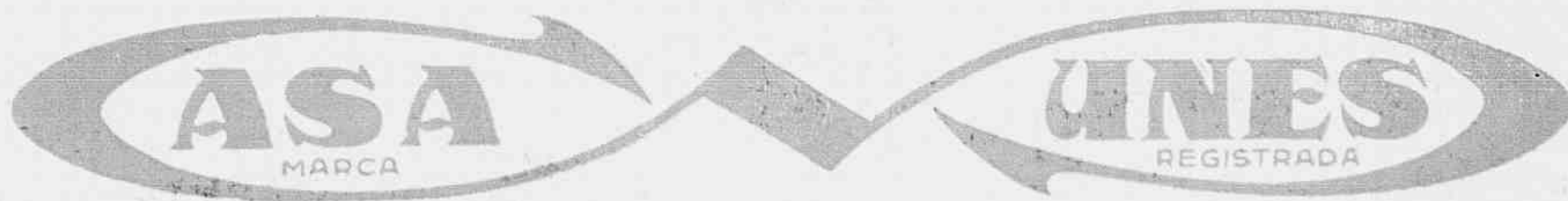
Eis aqui um belo quarto de dormir decorado e guarnecido para a estação hiberna.

Um artístico *edredon* bordado com motivos florais cobre o leito baixo, que é talhado em noqueira e guarnecido de setim, como as poltronas que o rodeiam. Cortinas bordadas e pesados reposteiros de veludo cobrem as portas e janelas. Completam o elegante mobiliário *abat-jours* com pés de porcelana de Saxe e um porta-bibelots estilo Luiz XV.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

Aproveitem os preços reduzidos durante  
a **TRADICIONAL VENDA ANUAL**

DA



65 -- RUA DA CARIOCA -- 67 -- RIO



